

Universidade Aberta

TESE DE MESTRADO EM RELAÇÕES INTERCULTURAIS



PERTENÇAS IDENTITÁRIAS DE JOVENS DO CASAL DA BOBA

Orientação: Professora Doutora Teresa Joaquim

Mestranda : Ana Marta Monteiro Fernandes

Número de Estudante:55352

Dezembro 2006

...O Cromo di gueto estava a dar uma entrevista e também lhe perguntaram: " Mas tu és o quê ?" e ele: "Eu sou português, eu sou mais português do que tu!

Eu sou alfacinha!" Eles ficaram-se a rir: "Há não, diz lá a verdade!" e ele: "É verdade, eu nasci em Alfama", mas ele por acaso só fala crioulo.

Informante qualificado do Casal da Boba

Universidade Aberta

TESE DE MESTRADO EM RELAÇÕES INTERCULTURAIS



PERTENÇAS IDENTITÁRIAS DE JOVENS DO CASAL DA BOBA

Orientação: Professora Doutora Teresa Joaquim

Mestranda : Ana Marta Monteiro Fernandes

Número de Estudante:55352

Dezembro 2006

Resumo

O trabalho que aqui se apresenta centra-se numa reflexão sobre as pertenças identitárias de jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos. O objectivo principal do estudo é o de contribuir para compreender como é que estes jovens definem e afirmam as suas pertenças identitárias.

Os jovens em estudo estabelecem relações com dois códigos culturais, um transmitido no seio familiar e outro pelo contacto com a sociedade portuguesa e nessa medida a sua gestão identitária é complexa.

Os descendentes de imigrantes cabo-verdianos ou novos portugueses têm múltiplas referências e pertenças identitárias e representam parte da juventude de hoje.

Palavras-chave: identidades; imigração; juventude; pobreza e exclusão social.

ABSTRACT

The present research concern the reflection of the identity belonging of the capeverdian immigrant's descendent. The main objective of the study is to contribute to the understanding of how the juvenile define and affirm their multiple identity belongings.

The youth in study establish relationship with two cultures codes, one given by the family and the other by the contact with the Portuguese society and it is due to this reason their identity management is so complex.

The capeverdian immigrant's descendent or the new Portuguese have new references and identity belonging and represent part of the Portuguese youth of today.

Key-words: identity, youth, immigration, poverty and social exclusion

Agradecimentos

Para a concretização deste trabalho de mestrado contribuíram um conjunto de pessoas com a sua disponibilidade, amizade e solidariedade às quais em não gostaria de apresentar os meus sinceros agradecimentos.

Uma primeira palavra de apreço deixaria para à minha orientadora, a Professora Doutora Teresa Joaquim que me acompanhou em todos os momentos, mesmo nos mais difíceis e me motivou para a realização deste trabalho.

Agradeço ao António Leite presidente da Associação Cavaleiros de S. Brás pelos seus ensinamentos e disponibilidade, à Dra Ana Vale, Gestora da Iniciativa Comunitária Equal que proporcionou o meu enquadramento no bairro através de um projecto de intervenção comunitária financiado pela iniciativa que gere, ao Dr. Jorge Miranda que facilitou alguns contactos que se revelaram determinantes na realização do estudo, à Dr^a Maria João Marques da Associação Unidos de Cabo Verde pelo acolhimento e apoio prestados e à Dr^a Otilia Rodrigues do Município da Amadora pelos contactos com os jovens que também favoreceu.

À Filipa Lourenço, Rute Concruta, Sandra Almeida e Sónia Relvas, os meus agradecimentos pelo apoio e amizade.

A todos os jovens que participaram no estudo e que por motivos deontológicos não são referidos, os meus sinceros agradecimento sem eles nada disto seria possível.

Aos representantes das instituições locais que acederam em receber-me.

Por fim aos meus pais e sobretudo ao Cláudio meu companheiro de todos os combates.

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I. ENQUADRAMENTO TEORICO DA PESQUISA	5
1. Ó PARTIDA BÔ LEVAME BÔ TA TORNA TRAZEME	7
2 ABORDAGENS AO CONCEIT O DA IDENTIDADE.....	12
3.IDENTIDADES PROBLEMÁTICAS OU NOVAS IDENTIDADES DOS JOVENS NEGROS EM PORTUGAL?.....	16
4 POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL EM PORTUGAL.....	24
4.1 A exclusão social ou a ausência de “capacidade social”.....	29
4.2 A Pobreza e exclusão social nos grupos minoritários.....	32
5. O ESPAÇO COMO ELEMENTO DE EXCLUSÃO.....	34
5.1 O Programa Especial de Realojamento.....	39
6.OS LUGARES DOS CABO-VERDIANOS (E SEUS DESCENDENTES) EM PORTUGAL.....	45
6.1 Moldura legislativa de enquadramento da nacionalidade.....	47
6.2 O papel do movimento associativo na defesa do grupo étnico.....	51
PARTE II ESTRATÉGIA METODOLÓGICA UTILIZADA	54
1. A METODOLOGIA DO ESTUDO DE CASO.....	55
1.1 Técnicas de recolha da informação.....	56
1.2 Critérios de selecção dos entrevistados.....	60
1.3 A análise de conteúdo	63
1.4 Limitações e vantagens da estratégia metodologica escolhida.....	63
2 APRESENTAÇÃO DO CONTEXTO TERRITORIAL.....	65
PARTE III JOVENS DES CENDENTES DE IMIGRANTES CABO-VERDIANOS DO BAIRRO DO CASAL DA BOBA: PERTENÇAS IDENTITÁRIAS EM CONSTRUÇÃO.....	68
1.A.S IDENTIFICAÇÕES DOS JOVENS ENTREVISTADOS: JOVENS COM IDENTIFICAÇÕES TENDENCIALMENTE CABO-VERDIANAS, JOVENS COM DUPLA IDENTIFICAÇÃO E JOVENS COM IDENTIFICAÇÕES TENDENCIALMENTE PORTUGUESAS.	72
1.1.DA NACIONALIDADE AO SENTIMENTO DE PERTENÇA.....	76
1.2. A afirmação positiva de uma identidade étnica.....	80
1.3. Percursos e posicionamentos individuais face ao futuro: do fatalismo à afirmação positiva... 81	
2. A OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES DOS JOVENS ENTREVISTADOS.....	86
3.O BAIRRO VISTO DE DENT RO PELOS JOVENS.....	91
4.AUTO-REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS ENTREVISTADOS.....	98
4.1.Auto-definições dos jovens do bairro sobre os seus pares.....	100
4.2. Um estilo de vida do Casal da Boba?.....	102
4.3.As relações interétnicas dos jovens do bairro.....	102

5. ESTRATÉGIAS DE AFIRMAÇÃO POSITIVA.....	104
6. REPRESENTAÇÕES DAS INSTITUIÇÕES LOCAIS.....	105
7. A PERSPECTIVA DAS INSTITUIÇÕES DO BAIRRO DO CASAL DO BOBA.....	108
7.1. <i>O bairro do Casal da Boba</i>	110
7.2. <i>Os problemas do bairro</i>	112
7.3. <i>Carências ao nível dos equipamentos/infra-estruturas do bairro</i>	113
7.4. <i>Relações entre as instituições e a população do bairro do Casal da Boba</i>	114
7.5. <i>Representações das instituições locais face aos jovens do bairro</i>	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124

Índice de quadros

QUADRO Nº 1 SALDOS POPULACIONAIS ENTRE 1960 E 2001.....	33
QUADRO Nº 2 : POPULAÇÃO CABO-VERDIANA RESIDENTE EM PORTUGAL POR CIDADE.....	46
E ARQUIPÉLAGOS DA MADEIRA E ACORESS, ANO DE 2003	46
QUADRO Nº 3: CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS ENTREVISTADOS.....	61
QUADRO 4 OBJECTIVOS PRETENDIDOS E QUESTÕES COLOCADAS AOS JOVENS E INFORMANTES QUALIFICADOS DO BAIRRO.....	69
QUADRO 5 OBJECTIVOS PRETENDIDOS E QUESTÕES COLOCADAS AOS JOVENS E INFORMANTES QUALIFICADOS DO BAIRRO.....	71
QUADRO Nº 6 JOVENS COM IDENTIFICAÇÕES TENDENCIALMENTE CABO-VERDIANAS.....	75
QUADRO Nº 7 JOVENS COM DUPLA IDENTIFICAÇÃO	75
QUADRO Nº 8 JOVENS COM IDENTIFICAÇÕES TENDENCIALMENTE PORTUGUESAS.....	76
QUADRO Nº 9 NACIONALIDADE E SENTIMENTO DE PERTENÇA.....	77
QUADRO Nº 10 AFINIDADES COM CABO VERDE.....	79
QUADRO Nº 11 IDENTIFICAÇÕES COM ÁFRICA.....	80
QUADRO 12 : IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL NOS JOVENS QUE PERCEPCIONAM O FUTURO COMO UMA OPORTUNIDADE.....	85
QUADRO Nº 13 PERSPECTIVAS FACE AO FUTURO DOS JOVENS ENTREVISTADOS	86
QUADRO Nº 14 PRINCIPAIS TIPOS DE LAZER ENCONTRADOS NO BAIRRO E FORA DO BAIRRO	87
QUADRO Nº 15 TIPOS DE LAZER CONSOANTE O SEXO.....	88
QUADRO Nº 16 : REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS DO BAIRRO SOBRE COMO OS SEUS PARES OCUPAM OS TEMPOS LIVRES.....	91
QUADRO Nº 17 SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO COM O BAIRRO.....	94
QUADRO Nº 18 CARÊNCIAS MATERIAIS IDENTIFICADAS PELO JOVEM DO BAIRRO.....	96
QUADRO Nº 19 CARÊNCIAS IMATERIAIS IDENTIFICADAS PELO JOVEM DO BAIRRO.....	96
QUADRO Nº 20 MODOS DE VIDA NO CONTEXTO DO BAIRRO DO CASAL DA BOBA	97
QUADRO Nº 21 REPRESENTAÇÕES NEGATIVAS DAS JOVENS RAPARIGAS FACE AOS SEUS PARES	100
QUADRO Nº 22 AUTO-DEFINIÇÕES DOS JOVENS DO BAIRRO SOBRE OS SEUS PARES.....	101
QUADRO Nº 23 REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS ENTREVISTADOS SOBRE AS SEMELHANÇAS ENCONTRADAS NOS SEUS PARES.....	101
QUADRO Nº 24 TIPOLOGIA DE RELAÇÕES DOS JOVENS DO BAIRRO.....	103
QUADRO Nº 25 ESTRATÉGIAS DE AFIRMAÇÃO POSITIVA DOS JOVENS DO BAIRRO.....	105
QUADRO Nº 26 REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS FACE ÀS INSTITUIÇÕES LOCAIS.....	106
QUADRO Nº 28 PROBLEMAS IDENTIFICADOS PELAS INSTITUIÇÕES ENTREVISTADAS.....	113

Índice de figuras

Figura 1.....	30
Figura 2.....	39
Figura 3.....	43
Figura 4.....	51
Figura 5.....	65
Figura 6.....	90
Figura 7.....	108
Figura 8.....	110

INTRODUÇÃO

O presente projecto de investigação surgiu na sequência do contacto com estudos que reflectem sobre a problemática da identidade, nas suas múltiplas facetas, nomeadamente, no âmbito de um trabalho iniciado na disciplina de “Diversidades Culturais” sobre o documentário “Outros Bairros”¹ realizado no mestrado em Relações Interculturais da Universidade Aberta.

O referido trabalho analisava o “apego” dos jovens aos seus bairros (bairros degradados da Área Metropolitana de Lisboa), numa clara identificação com o território, não obstante, a sua visível deterioração, por se tratar de um palco de construção de relações afectivas, com um forte espírito de coesão, espaço por excelência do reforço das identidades colectivas dos jovens intervenientes no referido documentário.

As ideias para este projecto foram-se consolidando pelo contacto com estudos científicos assentes em novos paradigmas, do ponto de vista dos posicionamentos teóricos adoptados para explicitar problemáticas com novos contornos, como o da cultural juvenil negra em Portugal.

Partindo pois de um conjunto de pressupostos teóricos que consideram as identidades dos jovens descendentes de cabo-verdianos são múltiplas e socialmente construídas, susceptíveis de actualizações e (re)actualizações em função dos contextos em presença e de sobreposição de pertenças várias, foi-se construindo a estrutura do projecto de investigação.

A investigação realizada no bairro do Casal da Boba a jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos que agora se apresenta sob o título de “Portugueses - Pertenças Identitárias de jovens do Casal da Boba” pretende contribuir para a reflexão de uma realidade em construção, a das pertenças identitárias de jovens descendentes de cabo-verdianos residentes num bairro de realojamento recente da periferia de Lisboa.

O objectivo fundamental do trabalho é o de contribuir para compreender, como é que este jovens, socialmente desvalorizados, definem e afirmam as suas pertenças identitárias, que influências sofrem, o que os aproxima e afasta dos restantes grupos de jovens e que estratégias encontram (se as encontram) para afirmar as suas identidades.

¹ Documentário da co-autoria de Vasco Pimentel, Kiluange Liberdade e Inês Gonçalves.

Uma análise ao percurso migratório cabo-verdiano, apresentada na Parte I do trabalho, que demonstra que este terá sido iniciado no século XVII e ampliado no pós segunda guerra mundial e a seguir à independência de Cabo Verde, sobretudo no que se refere às classes sociais mais desfavorecidas, permite entender as motivações de partida dos cabo-verdianos que optaram por se fixar em Portugal.

Durante décadas, os imigrantes cabo-verdianos das classes mais desfavorecidas engrossaram a miséria social das grandes cidades, as suas condições de vida e de habitabilidade tornaram-nos os «novos pobres» de Portugal. Os seus descendentes são hoje denominados de «imigrantes de 2ª geração», de «lusó-africanos» ou «novos lusó-africanos».

O título escolhido para a apresentação do presente trabalho, embora controverso pretende dar visibilidade à questão dos conceitos, designações, acepções construídas em torno destes jovens nascidos e socializados na sociedade portuguesa e que podem ser encontradas, quer no discurso científico quer no do senso comum.

Poder-se-ia questionar a razão da relevância dada a esta questão em concreto quando se está perante um tema tão vasto e o enfoque do estudo incide sobre as pertenças identitárias de jovens. Na verdade, considera-se que o não reconhecimento por parte da sociedade portuguesa destes jovens como seus iguais, com base nos seus atributos fenotípicos ou por motivos de «natureza cultural» tem impactos nas suas estruturações identitárias e conduz a uma procura de integração e aceitação social no universo de relações onde são aceites que é frequentemente o do grupo minoritário.

Estes (novos) portugueses estabelecem relações com dois códigos culturais, um transmitido no contexto familiar que crescentemente perde influência em detrimento por exemplo, dos *media* e um outro, pelo contacto com os modelos de socialização da sociedade portuguesa e nessa medida a sua gestão identitária é de natureza complexa.

As pertenças identitárias dos jovens descendentes de imigrantes em Portugal como em outros países revelam uma clara superioridade da identidade étnica face à identidade nacional, sobretudo nas classes mais desfavorecidas, grupo onde as suas afirmações individuais são mais frágeis.

Os estudos têm demonstrado precisamente, que as suas auto-definições como estrangeiros servem os propósitos dos grupos maioritários e dominantes que os definem e lhes atribuem um conjunto de características negativas e estigmatizantes.

Por outro lado, e se atentarmos para as suas práticas verificamos que estas, estão próximas dos jovens que partilham a mesma condição social em outros contextos transnacionais urbanos.

Os descendentes de imigrantes cabo-verdianos são hoje na sua grande maioria adolescentes ou jovens adultos e têm novas expectativas, códigos, referências e pertenças identitárias renovadas e representam parte da juventude portuguesa.

Apresentada que está a problemática que subjaz à pesquisa, refira-se que o estudo beneficia do contexto territorial no qual o trabalho de terreno ocorreu, por se tratar de um bairro de realojamento relativamente recente, e portanto terreno praticamente inexplorado², o que conferiu à pesquisa algum potencial de inovação.

Simultaneamente, a metodologia adoptada constitui-se como um importante desafio colocado ao trabalho e concretamente à investigação de terreno, o de compreender e interpretar os fenómenos de dentro para fora, isto é, partindo dos significados que os jovens conferem às suas experiências e vivências quotidianas.

Neste sentido, a metodologia qualitativa adoptada pela pesquisa foi a considerada a mais adequada nas respostas às questões colocadas pelo projecto. Tratou-se portanto, de uma opção calculada, a da realização de um estudo com estas características, que pretende estudar em profundidade um universo reduzido da população residente no bairro. A estratégia metodológica escolhida para a recolha e tratamento dos dados recolhido, julga-se que terá tido um papel relevante na qualidade da investigação.

A investigação divide-se em três partes principais, uma primeira parte refere-se à contextualização dos fenómenos que suportam a pesquisa do ponto de vista teórico - a imigração, as construções identitárias dos jovens descendentes cabo-verdianos, a pobreza e a segregação sócio-espacial e por fim, a influência das políticas migratórias e do movimento associativo na comunidade cabo-verdiana em Portugal.

Uma segunda parte incide sobre a estratégia metodológica utilizada na condução da pesquisa de terreno.

² Não se conhecem quaisquer estudos realizados à população realojada no bairro do "Casal da Boba" à excepção do diagnóstico realizado no âmbito da rede social " Diagnóstico Social da Boba" mas com objectivos bem distintos da actual investigação.

A última parte interpreta os dados recolhidos e apresenta as conclusões do trabalho.

Por fim refira-se que a investigação não define as pertenças identitárias dos jovens estudados, por não ser esse o seu propósito. O estudo procura produzir um conjunto de reflexões em torno das pertenças identitárias destes jovens e sobre as suas formas ou estratégias de as afirmarem.

Foi já dito que as identidades destes jovens se encontram em trânsito, em construção, poder-se-ia afirmar o mesmo relativamente à presente investigação que não se considera fechada, nem o estará enquanto estes jovens não forem considerados um de «Nós».

Parte I. Enquadramento teórico da pesquisa

A investigação que aqui se apresenta coloca o seu enfoque no estudo das pertenças identitárias dos jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos residentes num bairro da periferia de Lisboa. Na verdade, estes jovens inserem-se num grupo [particular] cujos contornos identitários se encontram em grande medida por clarificar.

A presente pesquisa, parte do pressuposto teórico de que, as identidades destes jovens são múltiplas e socialmente construídas e se situam, entre a *invisibilidade individual*³ dos seus membros, a afirmação da sua identidade colectiva pela *associação étnica ou comunitária*⁴ e a criação de novas *identidades diaspóricas*, o que significa dizer, a constituição de identificações alternativas à cultura dos seus pais, o que concorre para a construção de uma identidade negra suburbana.⁵

Outra das premissas de que o estudo parte é o da perda de influência dos contextos tradicionais de socialização, leia-se instituição escolar e familiar, em detrimento da crescente importância dos *media* e das expectativas e necessidades de consumo que estes geram nos jovens de um modo geral. Essas novas exigências e contextos de referência, vêm adensar alguns conflitos e tensões inter-geracionais aumentando o fosso entre pais e filhos, ao mesmo tempo, que reforçam os laços de pertença com os pares, os grupos de amigos que partilham a posse de objectos, o uso de marcas, elementos constitutivos de uma cultura e afirmação juvenil, naquilo que FRADIQUE (2003) designa de formas identitárias adaptadas ao movimento da vida (sub)urbana actual.

Estes fenómenos de (des)identificações e novas identificações que se evidenciam na contemporaneidade, ganham especial relevância no quadro das identificações dos jovens descendentes de imigrantes que, não sendo um grupo à parte, transportam um conjunto de especificidades, frequentemente estigmatizantes. A recriação cultural, por parte destes jovens, é apenas uma das dimensões da sua construção identitária, não sendo exclusiva, permite todavia compreender algumas formas de expressão identitárias partilhadas pelos jovens, independentemente da sua pertença étnica e que se concretizam de forma semelhante em outros contextos geográficos ocidentais.

³ Terminologia utilizada por SAINT-MAURICE (1997)

⁴ Cf. ALBUQUERQUE *et al* (2000: 28)

⁵ Conceito referido por FRADIQUE (2003:97)

Convém no entanto, adicionar um outro elemento a esta reflexão inicial: a importância do meio social na estruturação das identidades destes indivíduos, não com um cariz fatalista ou determinista mas como um indicador com elevado poder explicativo, não obstante as críticas feitas ao “interesse” deste factor, que segundo alguns autores, se inserem num discurso e abordagem sociologizante, que não deixa lugar às opções dos indivíduos⁶.

É precisamente na riqueza do cruzamento disciplinar que se posiciona a presente investigação, procurando recolher e articular contributos de várias disciplinas na procura de produção de novas sínteses.

A problematização que serve de suporte ao presente estudo, no qual se propõe produzir uma reflexão centrada na problemática dos jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos residentes num bairro da periferia de Lisboa, com condições sócio-económicas desfavorecidas, nas suas dimensões mais interiores, na construção e re-construções dos seus significados identitários, cimentou-se fundamentalmente, em pesquisas realizadas por ALBUQUERQUE (1996), CONTADOR (1998, 1999 e 2001), GÓIS (2004), MACHADO PAIS (1990,1996 e 2001), MACHADO (1994 e 1999) SAINT-MAURICE (1997) e VALA (2003) que evidenciam e salientam a plasticidade das construções identitárias, a multiplicidade dos seus referenciais, ao mesmo tempo, que salientam as contradições e controvérsias ligadas à estigmatização que, como nos diz CONTADOR (1999: 11), sobrepõe a identidade étnica colectiva às identidades individuais.

Este quadro prévio serve para delimitar os pressupostos teóricos do trabalho e antecede uma breve enunciação da trajectória da *diáspora* cabo-verdiana.

⁶ Cf. FRADIQUE (2003).

1. Ó Partida bô levame bô ta torna trazeme⁷

O que acima de tudo leva o Cabo-verdeano a emigrar - para além do seu gosto pela aventura, comum a todos os ilhéus, a tão decantada «ânsia de evasão» - é a miséria quase permanente em que vive, a incerteza de poder agenciar o pão-de-cada-dia na sua terra e, vá lá, a legítima aspiração de conquistar o seu lugar ao sol.

(António Carreira, 1984:181)

Segundo GRASSI (2006:5) o arquipélago de Cabo Verde foi conhecido pelos portugueses em 1460. A autorização concedida aos senhores portugueses para a prática do tráfico de escravos e a sua posição geo-estratégica derivou num povo mestiço que resulta, essencialmente, do cruzamento do senhor branco com as escravas negras. A aridez do solo e a escassez dos recursos naturais contribuíram para que a emigração se transformasse num dado estrutural da sociedade cabo-verdiana.

A emigração é pois um factor estrutural e estruturante da sociedade cabo-verdiana que se repercute nos contextos geográficos de origem e de chegada. Neste contexto GÓIS (2002:15) refere que Cabo Verde, talvez seja exemplo único, de um Estado que já nasce transnacionalizado. Pelo carácter persistente da emigração das gentes cabo-verdianas para os mais diversificados destinos do globo, este fenómeno tem sido designado como uma *diáspora*, enquadrada predominantemente, nas *diásporas de trabalho*.

São várias as definições em torno do conceito de *diáspora*, que se julga originário da Grécia Antiga e que significa dispersão e conquista de novos territórios. Estas definições apontam, todavia, para um conjunto de características assentes, segundo MALHEIROS (2000:379), numa dispersão populacional relativamente diversificada do ponto de vista geográfico a partir de um território original; numa memória étnico-cultural colectiva partilhada pelos membros das diásporas; na transmissão destas memórias às gerações vindouras e na manutenção de laços (reais ou simbólicos) com a terra de origem, características todas elas marcantes da emigração cabo-verdiana.

Para GÓIS (2002:18) as diferentes fases da diáspora cabo-verdiana correspondem a diferentes momentos históricos, a primeira etapa associada a um sistema colonialista, a denominada *diáspora do tipo imperial/colonial* e uma outra fase, mas

⁷ Morna cabo-verdiana que significa "Ó Partida levaste-me vais voltar a trazer -me".

concomitante, designada de *diáspora de trabalho*, iniciada com o percurso migratório para os Estados Unidos.

Existem dados sobre o início da trajetória migratória cabo-verdiana que remontam os finais do Século XVII, GRASSI (2006:6) refere os Estados Unidos como um dos primeiros destinos da emigração cabo-verdiana. CARREIRA (1984:164) demonstra que a intensidade dos fluxos, foi tão acentuada para os Estados Unidos, que datam de 1917, as primeiras restrições à entrada de estrangeiros, neste território, através da promulgação de uma lei que proibia a emigração, a analfabetos de raça negra com mais de 16 anos de idade. Às restrições impostas, sucederam-se chegadas clandestinas e um novo reforço de medidas restritivas, através da implantação de quotas de emigrantes, com mais premência a partir de 1924. Com a regulamentação da aplicação do acordo de quotas de 1928, verificou-se um acentuado decréscimo das saídas para os Estados Unidos, tendo os fluxos migratórios sido desviados para outros destinos como o Senegal, a Guiné e Portugal.

Segundo GÓIS (2004:16), no início do século XX, com o incremento das carreiras regulares entre os Estados Unidos e Cabo Verde, emerge uma emigração temporária para o trabalho na agricultura da Nova Inglaterra. Alguns destes cabo-verdianos fixam-se, temporária ou permanentemente nos Estados Unidos, concentrando-se junto dos seus compatriotas e formando núcleos com fortes ligações transnacionais.

Já no pós segunda guerra mundial, refere GRASSI (2006:7 e 8), ocorre uma nova fase no ciclo das migrações cabo-verdianas, o campo migratório estende-se a outros destinos, nomeadamente, do continente africano, é também a partir desta data, que a emigração para Portugal, assume uma maior expressão numérica, tendência essa que se acentua na década de 60. A cada ilha de Cabo Verde corresponde um destino migratório, os habitantes de Santiago emigram sobretudo para Portugal, os da ilha da Brava e do Fogo para os Estados Unidos.

SAINT-MAURICE (1997:49) afirma que, no período que antecedeu a segunda guerra mundial, existiu um fluxo migratório, ainda que menos significativo com destino à metrópole, constituído pelas camadas sociais mais privilegiadas. Mas é sobretudo a partir da independência de Cabo Verde, em 1975 e de acordo com GRASSI (2006: 4) que a emigração se torna uma possibilidade para as classes mais desfavorecidas,

permitindo a emigração fundamentalmente para destinos onde já se encontravam os seus familiares.

Na verdade e na perspectiva de FRANÇA *et al* (1992:20), as várias vagas de emigração cabo-verdiana para Portugal, representam perfis sociais de migrantes distintos. Este autor, identifica três vagas migratórias principais com destino a Portugal, no século XX: uma emigração mais antiga, que corresponde ao período da década de 60, tendo em vista colmatar a falta de mão-de-obra portuguesa, que tinha também ela emigrado ou que estava no cenário da guerra colonial; uma emigração, pós-1974, constituída por uma elite cabo-verdiana, designadamente, por ex-funcionários coloniais, que em boa parte, segundo GÓIS (2004:17) aproveitaram a ocasião do repatriamento para re-emigrar, não só para Portugal como para outros Países Europeus e para os Estados Unidos; os cabo-verdianos chegados nos anos 80 que pertencem a grupos sócio-profissionais proletarizados.

A comunidade cabo-verdiana é na contemporaneidade uma das comunidades de imigrantes com maior expressão numérica residente em Portugal.

Segundo SAINT-MAURICE (1997:47) estima-se entre 405 600 e 419 400 os cabo-verdianos residentes no estrangeiro (dados referentes ao ano de 1985), em 1993, o *Bundeskanzleramt* da Áustria apresentava o valor de 482 500 habitantes cabo-verdianos a residir no exterior. Em 1998, o Instituto de Apoio ao Emigrante de Cabo Verde, refere que se trata de 517 580 indivíduos. O censo de 2000 mostrava a existência de 438 812 pessoas residindo no arquipélago (GÓIS, 2002:17).

O conceito de “diáspora” é contestado por GÓIS (2002:19) por ser considerado limitado e pouco eficaz na compreensão das dinâmicas migratórias contemporâneas, pelo que este autor propõe uma designação alternativa, a de «comunidades transnacionais» com múltiplas conexões entre país de origem e locais de destino migratórios. Não é, no entanto, objectivo do enquadramento que aqui se apresenta contribuir para uma reflexão aturada relativamente a estes conceitos, pretende-se apenas caracterizar de forma breve o percurso migratório cabo-verdiano, daí a necessidade da enunciação dos conceitos. Optou-se, pela designação de “diáspora” por se considerar que a emigração cabo-verdiana se enquadra nesta definição.

As razões da partida de Cabo Verde, foram sobejamente identificadas por diversos autores⁸ e assentam, como já foi referido, em razões de natureza histórica e económica, isto é, decorrem de uma confluência de factores, que vão desde o colonialismo, que utilizou a mão-de-obra cabo-verdiana como forma de suprir a ausência de activos portugueses, nomeadamente na área da construção civil, no decurso da massiva emigração portuguesa com destino a outros países Europeus, até às precárias condições de existência em Cabo Verde, mercê das continuadas secas que impossibilitavam a prática agrícola e que se traduzem numa diáspora, que actualmente se encontra espalhada mundo fora. GÓIS (2002:17) refere existirem núcleos de cabo-verdianos em 40 países dos cinco continentes que ultrapassam actualmente em número, os habitantes residentes no arquipélago das ilhas de Cabo Verde. GRASSI (2006:3) salienta que os países da diáspora se constituem como parte do território nacional da nação cabo-verdiana cujas fronteiras ultrapassam os contornos das ilhas que se inserem no arquipélago.

O percurso migratório cabo-verdiano não é nas suas motivações de partida, nem nas suas condições de fixação homogêneo, o que se reflecte nas representações sociais dos diferentes grupos que constituem a(s) comunidade(s) cabo-verdiana(s), bem como, nos seus modos de vida, na ocupação que fazem do espaço, nas relações sociais intra e inter-grupo étnico que desenvolvem e na manutenção e transmissão das suas tradições.

Perfilam-se, pois, no interior desta comunidade, classes sociais que ultrapassam o estereótipo de grupo minoritário segregado social e profissionalmente, no entanto, são as representações homogeneizantes e generalizantes que tendem a definir esta comunidade como um todo coerente, como diferente e socialmente desvalorizada, o que se repercute nas suas relações com a sociedade portuguesa. Esta “advertência” tem como propósito combater o essencialismo de algumas interpretações que reduzem a identidade da minoria, aos seus atributos desfavoráveis, não deixando de ser expressivo o número de cabo-verdianos residentes em Portugal (e seus descendentes) que têm uma inserção complexa e, por vezes conflitual, o que em boa parte se explica, pela sua frágil condição social, como o trabalho procurará demonstrar.

8 Cf CARREIRA (1984), GÓIS (2004), FRANÇA *et al* (1992) e SAINT-MAURICE (1997).

É também sobre este grupo socialmente desfavorecido frequentemente marginalizado que incide a presente pesquisa, designadamente, sobre os descendentes de imigrantes cabo-verdianos nascidos e/ou criados em Portugal, residentes num bairro de realojamento recente.

Afigura-se, pois, como central para a compreensão do fenómeno em estudo, uma reflexão em torno das principais abordagens ao conceito «identidade».

2 Abordagens ao conceito da identidade

A despeito dos pontos de vista divergentes a respeito da questão, a identidade cultural caboverdiana, de que a música, obviamente é uma componente fundamental, estrutura-se a partir da miscegenação, favorecida e impulsionada, em larga escala por processos de vária ordem, bem como do espaço insular, associado às condições naturais adversas.

(César Monteiro, 2003:25)

O conceito de «identidade» tem sido amplamente discutido no contexto das ciências sociais, não existindo uma definição consensual, quer em termos teóricos quer nas suas formas de operacionalização.

Os debates sobre a identidade e sobre as interpretações e operacionalizações possíveis, a partir deste conceito, têm oscilado entre um posicionamento que entende a identidade como estática, definitiva, objectiva e cristalizada, perspectivas essencialistas, nas quais a identidade, como que preexistiria ao indivíduo e uma concepção subjectiva, que em última instância, pode reduzir a identidade ao livre arbítrio. É aliás a sua plasticidade que lhe permite, como refere CUCHE (s/data:133) ser alvo de diversas interpretações e manipulações.

CUCHE (s/data) propõe pois, em alternativa, uma concepção da identidade assente numa manifestação relacional, numa construção social que decorre da representação e que é forjada a partir de um contexto social.

“(…) Se a identidade é de facto uma construção social e não um dado, se releva da representação, nem por isso é uma ilusão que dependa da pura subjectividade dos agentes sociais. A construção da identidade faz-se no interior de quadros sociais que determinam a posição dos agentes e, por isso mesmo, orientam as suas representações e as suas escolhas. Por outro lado, a construção identitária não é uma ilusão porque é dotada de eficácia social e produz, assim, efeitos sociais reais (…)” (CUCHE, S/data: 127)

A abordagem da identidade como um conceito socialmente construído, é a escolhida para a compreensão das variáveis em discussão, no presente estudo. Esta é, na verdade, uma perspectiva partilhada, por um conjunto de autores com estudos realizados em matérias afins à esta investigação⁹ e que defendem, *grosso modo*, que a pertença etno-cultural, não tem um carácter determinístico. Saliencia-se portanto, a importância das relações que se estabelecem com os “outros” e as “estratégias”, conscientes e/ou inconscientes, individuais e/ou colectivas passíveis

⁹ Cf. Com trabalhos de MAURICE, (1997); CUCHE, (s/data); VALA, (2003); GÓIS (2004).

de serem adoptadas, sublinhando-se o carácter mutante da identidade¹⁰ e a possibilidade de (re)construção e (re)actualização identitária, de acordo com o contexto social em que se enquadram.

Para Pina-Cabral (2002) as identidades assentam em processos de identificação e de diferenciação cumulativos.

“(…) Toda a identidade (seja ela pessoal, grupal, nacional, racial, religiosa, etc.) (..) resulta de uma acumulação e entrecruzamento de identificações e diferenciações que são, posteriormente, reificadas em toda uma série de itens culturais (nomes, lugares, tempos, objectos, pessoas, relatos, etc.) (…)” (PINA-CABRAL, 2002, S/P)

As estratégias identitárias podem manifestar-se, segundo ALBUQUERQUE *et al* (2000:28) em diferentes domínios, de entre os quais adquire maior visibilidade nas experiências quotidianas dos indivíduos o domínio do cultural. Os domínios do institucional e do político, são já formas mais estruturadas e organizadas, de afirmação do grupo que lhe permite granjear, nomeadamente, no domínio do institucional, alguma visibilidade, através da afirmação das suas tradições culturais. As estratégias identitárias, expressas no domínio do político, através da criação de partidos políticos e grupos de pressão, configuram-se como um importante mecanismo, tendo em vista alterar as regras que legitimam as relações de poder assimétricas e que conduzem a fenómenos de exclusão dos grupos minoritários.

“(…) Os processos que subjazem à construção das identidades decorrem no quadro das relações de poder que diferenciam dominantes e dominados, maiorias e minorias, quer se trate de poder económico, político ou simbólico. Assim, desenvolvem-se várias estratégias (mais ou menos activas e reivindicativas, mais ou menos colectivas, etc.) face à desigualdade (…)” (SAINT-MAURICE, 1997:31)

Os descendentes de imigrantes, grupo sobre o qual incide o presente estudo, encontram-se numa situação que os pode conduzir a elaborar estratégias identitárias, mais ou menos conscientes, consoante a forma como os jovens se situam relativamente às suas origens, à posição social que ocupam, entre outros factores. As suas estratégias identitárias e de afirmação podem passar, por exemplo, por fazer sobressair a identidade nacional em detrimento de identidades regionais que, não raras vezes, são a referência de identificação primeira. Estas estratégias, são possibilitadas pelo facto de os indivíduos, serem portadores de diferentes identidades individuais e colectivas que utilizam distintamente, consoante o contexto no qual estão inseridos. Assim e muitas vezes, em contextos migratórios, tendo em vista o reforço da coesão do grupo, esbatem-se as dissemelhanças entre as regiões, em favor

10 Cf. CUCHE (s/data)

de uma afirmação de identidade nacional que, no caso cabo-verdiano, *grosso modo* opõe habitantes da região do Barlavento¹¹ aos do Sotavento, diferenças essas que se consubstanciam, nomeadamente, no uso de um crioulo distinto em cada uma das ilhas que integram o arquipélago de Cabo Verde.

A análise e operacionalização do conceito «identidade», nas suas múltiplas vertentes, procurou compreender o conceito através da estruturação das identificações dos jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos, pela observação e participação nas actividades que foram sendo organizadas no bairro o mais *naturalisticamente* possível¹², numa estratégia que se pretendia próxima da etnográfica.

Pelo que foi dito anteriormente se compreende que a presente investigação, parte da perspectiva de que as interacções no espaço social são assimétricas e que os processos que subjazem às construções identitárias, decorrem num quadro de relações de poder entre dominantes e dominados, situando-se os imigrantes predominantemente, no grupo dos dominados, não obstante, serem diversas as situações sociais que atravessam a «comunidade cabo-verdiana» e que produzem diferentes efeitos e consequências ao nível da integração nas sociedades de destino.¹³

À perspectiva atrás enunciada e que revela um posicionamento teórico, que coloca o enfoque, na diferença de recursos económicos e simbólicos, existentes no espaço social, nas oposições e confrontos que daí decorrem e que produzem efeitos, como nos diz SAINT-MAURICE (1997:34), “(...) *nos planos da gestão e estratégias identitárias (...)*” e CUCHE (S/data), pretende-se adicionar um conjunto de outros contributos avançados por autores como CONTADOR (1998,1999 e 2001), FRADIQUE (2003) e GÓIS (2002 e 2004) que apresentam quadros conceptuais renovados, que contribuem para a produção de conhecimento novo, em torno do entrecruzamento das referências identitárias dos imigrantes e seus descendentes que, segundo estes autores, são fluídas e desterritorializadas.

Convém ainda salientar que é na identidade social dos indivíduos e grupos, agregadora de todas as outras identidades, que a investigação empírica se irá focalizar. Na verdade, a identidade social, pode dizer respeito a um indivíduo ou a

¹¹ Cabo Verde é composto por 10 ilhas que se dividem em dois grupos, Sotavento (Santiago, Maio, Fogo e Brava) e Barlavento (S. Antão, S. Vicente, S. Luzia, S. Nicolau, Sal e Boavista).

¹² Terminologia utilizada em MACHADO PAIS (1996: 71)

¹³ Posicionamento semelhante foi adoptado por MAURICE (1997) nos pressupostos teóricos que enformam o modelo analítico do seu estudo.

um grupo. Segundo CUCHE (S/data), a identidade social individual, caracteriza-se pelo conjunto das suas pertenças no sistema social, isto é: género, idade, classe social, entre outras, permitindo-lhe a construção das suas auto e hetero-identificações. A nível grupal, a identidade social é o que identifica o grupo e simultaneamente o distingue dos outros grupos.

3. Identidades Problemáticas ou Novas identidades dos jovens negros em Portugal?

Considerou-se importante no âmbito da presente investigação e tendo em conta os seus principais propósitos, destinar uma parte do trabalho a abordar a construção do conceito «juventude», suas apropriações e manipulações por forma a contribuir para a compreensão das identidades dos jovens negros em Portugal através da mobilização de estudos de autores referência nestes domínios. A relevância desta parte do trabalho, reside no facto de ser no entrecruzamento destas dimensões, que se encontra o eixo estruturante do estudo, a partir do qual se orientou a pesquisa teórica e empírica.

A juventude como refere PAIS (1990:146) é uma construção social que tende a homogeneizar os indivíduos que se enquadram numa determinada fase da vida que importa desconstruir. De facto, hoje os padrões definidores daquilo que é a juventude e a sua categorias são questionáveis e questionados.

“(…) A juventude quando aparece referida a uma fase da vida, é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias económicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo (…)” PAIS (1990:146)

A esse respeito, refira-se o crescente adiamento da inserção no mercado de trabalho em virtude do prolongamento da escolaridade, um dos mais importantes indicadores de entrada na vida adulta e, conseqüentemente, o estender da definição do conceito «juventude». Não existe pois uma juventude, segundo PAIS (1990:149) mas juventudes que se dividem em função dos seus interesses, origens sociais, expectativas e aspirações.

No caso de estudo que aqui se apresenta, realizado num contexto onde a maioria das famílias têm recursos económicos e sociais escassos, compreendeu-se desde o início da pesquisa empírica não só o interesse do indicador “pertença social”, como a importância das novas identificações e referenciais partilhados pelos jovens que constituíam a população-alvo do estudo, os jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos.

Na realidade, um conjunto de pesquisas empíricas recentes, demonstram que os jovens descendentes de imigrantes continuam a ter uma trajectória predominantemente marcada por tensões, uma vez que a sua identificação como

descendentes de imigrantes é desvalorizante e estigmatizante. Aliás, as diferentes designações “imigrantes de 2ª geração”, “lusó-africanos”, “novos lusó-africanos” utilizadas para os definir, ilustram a situação complexa e ambígua em que se encontram e o estigma de que são alvo, não obstante boa parte destes jovens já terem a nacionalidade portuguesa.

Os estudos sobre os jovens descendentes de imigrantes têm frequentemente colocado o acento tónico nos contrastes entre pais (imigrantes) e filhos já nascidos e socializados fora da “terra de origem” (descendentes). Segundo (HILY e ORIOL 1993 citado em MACHADO, 1994:121), a bilateralidade das filiações é a opção mais frequente, o que significa um jogo identitário de investimentos em dois universos de relações, recursos e referências culturais. Considera-se, pois, que as identidades destes jovens são construídas e (re)construídas num equilíbrio precário que combina dimensões várias, numa sobreposição de pertenças e referências identitárias.

Salienta-se que o negro mesmo sendo português continua a ser visto como estrangeiro e a identificar-se como estrangeiro, a explicação para essa desidentificação com Portugal está associada à percepção de discriminação de que é alvo. Os resultados do estudo de VALA (2003:26), apontam para que os processos de identificação e categorização continuam a ser construídos, a partir dos atributos fenotípicos que homogeneizam e inserem todos os “negros”, na mesma categoria de pessoas, com base na cor da pele. Aparecendo, as relações de dominação e desigualdades sociais naturalizadas por via da “raça”. Esse mesmo atributo produz os seus efeitos originando reacções colectivas, por parte dos grupos minoritários, que se traduzem numa suposta “origem comum africana”, re-criada, re-escrita e re-apropriada e que está tão longe de África como de Portugal.

A atribuição de uma identidade negativa (des)valorizante e (des)prestigante pelo grupo maioritário em relação aos grupo minoritário¹⁴ é concebida por Pierre Bourdieu (1980) citado em Cuche, (s/data), no domínio das lutas sociais pelo reconhecimento.

“ (...) Só os que dispõem da autoridade legítima, quer dizer, da autoridade conferida pelo poder, podem impôr as suas próprias definições de si próprios e dos outros. O conjunto das definições identitárias funciona como um sistema de classificação que fixa as posições respectivas de cada grupo (...)” (CUCHE, S/data: 129 e 130)

¹⁴ Grupo minoritário segundo a concepção de Giddens (1989) (citado em SAINT-MAURICE, 1997) em que os seus membros se encontram em desvantagem em termos de resultados e de oportunidades em relação à maioria como resultado da discriminação, em que o grupo minoritário partilha um sentido colectivista traduzido em formas de solidariedade e em que se encontram física e socialmente isolados.

As lutas pela classificação resultam, segundo CUCHE (S/data), numa etnicização dos grupos dominados, sendo-lhes atribuído pelos grupos dominantes, um conjunto de características culturais exteriores e desprestigiantes, como atributos imutáveis. A legitimação e interiorização dessa identidade (negativa), por parte desse conjunto de indivíduos, tende a reforçar a sua coesão grupal e a sua identidade colectiva mas simultaneamente, a salientar o seu fechamento, o que frequentemente conduz a um foco de tensão social nas sociedades modernas. A pertença aos grupos minoritários, aos quais estão associados um conjunto de desvantagens de carácter sócio-económico, tende a tornar-se, como nos diz MACHADO (1999:103) o referente primeiro da identidade colectiva dos seus membros, quer em termos de auto-definição, quer em termos de definição pela sociedade envolvente.

Na busca de hipóteses explicativas para a saliência da identidade étnica, ABOU (1981) citado por ALBUQUERQUE *et al* (2000:12), afirma que a consciência étnica decorre, fundamentalmente, da necessidade que os indivíduos têm de solidariedade orgânica, de ligação ao grupo e de reconhecimento social.

Ainda na procura das interpretações das tensões existentes nas identificações dos migrantes, surge o trabalho de SAINT-MAURICE (1997) junto de população cabo-verdiana, que conclui por uma forte afirmação da consciência étnica, sobretudo nos cabo-verdianos das classes sociais mais desfavorecidas, fazendo coincidir a identidade étnica com a identidade de classe. Na verdade, e apesar de se constatar uma forte consciência étnica no conjunto dos cabo-verdianos inquiridos, o estudo revela que as imagens individuais afirmam os dominantes como seres individualizados e singulares, fazendo emergir identidades valorizantes, que salientam a sua identidade de classe (favorecida) em detrimento da identidade étnica. Nas classes desfavorecidas tendem a confundir-se as duas identidades resultado de uma afirmação individual deficitária, o que SAINT-MAURICE (1997: 152) denomina de *invisibilidade individual* dos seus membros.

Todas estas abordagens em torno das construções identitárias deixam antever que a afirmação da identidade étnica em diferentes contextos geográficos, é a resposta (possível) e colectiva do grupo minoritário ao "outro", ao grupo maioritário, na procura de uma afirmação que não seja desvalorizante mas que ao contrário, afirme a sua singularidade e identidade positiva.

Com a amplificação dos fenómenos migratórios também as ciências sociais foram diversificando e multiplicando os seus olhares e abordagens face à problemática das

migrações. Nesta senda, têm surgido novos trabalhos, que assentam em quadros conceptuais distintos dos clássicos e explicativos dos fenómenos migratórios¹⁵ e das questões ligadas às identidades e inserções dos jovens descendentes dos PALOP, sobretudo na sua vertente de expressão e afirmação cultural.¹⁶

A juventude negra portuguesa, como tem sido defendido por CONTADOR (2001:32) está perante uma tensão entre “o que se é” e “o que se quer ser”, a gestão da tensão entre “ser negro”, e “ser português” e entre “ser negro português” e “ser negro em geral”. Esta tensão, entre uma identificação à nacionalidade e à pertença étnica, observa-se também, em outros contextos geográficos, o que é corroborado pelos resultados publicados, a partir do “Estudo Internacional Comparativo da Juventude Etno-Cultural”, realizado em 2001, com adolescentes de imigração recente, em países como a Finlândia, Israel, Holanda e Estados Unidos que indicam a superioridade absoluta da identidade étnica em relação à identidade nacional em todos os países inquiridos. Segundo Contador (2001:26), os espaços onde se pratica o processo de identificação dos jovens negros portugueses, é um “não-território”, ou seja, os processos de construção e (re)construção, de (re)invenção dos referenciais destes jovens deixaram de ter um espaço delimitado geograficamente para passarem a estar associados a um imaginário colectivo consumível e transnacional.

Os resultados dos seus estudos (1998 e 2001), revelam que os filhos de imigrantes dos PALOP sejam cabo-verdianos, angolanos ou guineenses são hoje, portadores de novas identificações (múltiplas), que se estruturam no domínio das opções e que se estendem para além da pertença étnica. Estes jovens, enquanto grupo intermédio que são, funcionam como elo de ligação entre as referências identitárias centradas nas origens culturais dos seus pais e os modelos de socialização propostas pela sociedade portuguesa e tendem a reinterpretar e a reinventar as suas referências identitárias de base, contribuindo para a criação daquilo que o autor denomina de “ficção das origens”¹⁷, recriada nas festas, celebrações, rituais e reconfigurada pelo contacto com outros referenciais culturais, propagados pelos *media*, através de imagens estereotipadas, trazidas dos grandes centros urbanos norte-americanos e europeus. Na sua perspectiva, a coexistência destes dois códigos culturais não favorece uma identidade síntese positiva porque a interpenetração de ambos permite o crescimento de um sentimento de não pertença cultural, levando à necessidade da

15 Cf. Góis (2002 e 2004).

16 Cf. CONTADOR (1998, 1999 e 2001) e FRADIQUE (2003).

17 “Ficção de origens” entendida por CONTADOR (1998:63) como a forma em que é vivida e reinterpretada, pelos filhos dos imigrantes dos PALOP, as ligações efectivas com África que na maior parte dos casos são escassas ou inexistentes, levando a que os laços simbólicos com a terra de origem se cimentem numa retranscrição folclórica.

reconstrução de um espaço de referências próprio; é portanto uma identidade em tensão, ambivalente, a dos jovens descendentes de imigrantes dos PALOP.

Na realidade, CONTADOR (2001), afirma um posicionamento, que se distancia das abordagens clássicas às identidades culturais dos descendentes de imigrantes, apoiadas em conceitos como a "integração" "aculturação" e "aspiração", ao atribuir especial significado, às opções identitárias de cada indivíduo. Posição semelhante é adoptada por FRADIQUE (2003) que contesta a operacionalidade de conceitos, como a "raça" ou a "classe", no aprofundamento do conhecimento das formas contemporâneas de práticas culturais juvenis e formação de identidades, colocando-as predominantemente sob a influência da experiência quotidiana e das opções individuais.

A investigadora Teresa FRADIQUE (2003) procura interpretar os novos modos de vida urbanos e descobre na produção e consumo do *rap*, o que a autora designa de *formas de evasão*, partilhadas por grupos de jovens (brancos e negros) que comungam entre si, o fosso entre as suas experiências e a dos seus pais e procuram encontrar estratégias identitárias que se adaptem à vida (sub)urbana actual. Essas *formas de evasão* traduzem-se, na emergência de novas linguagens das quais o *rap* e o movimento *hip hop* são a sua expressão e afirmação cultural, encontrando na dinâmica das grandes cidades, espaços abertos, à construção de novas identidades juvenis.

GÓIS no seu projecto de doutoramento (2004), propõe-se estudar a identidade (transnacional) cabo-verdiana, defendendo que na década de 90, começa a emergir um novo paradigma no estudo das migrações, segundo o qual, os imigrantes redefinem os laços com os países de origem, numa partilha complexa com as duas sociedades, a de origem e a de destino. Associada ao surgimento, deste novo paradigma, surgiu o transnacionalismo e o transmigrante (actor social que partilha a sua vida entre a sociedade de origem e a sociedade de destino, sem privilegiar nenhuma delas). Estes transmigrantes (migrantes e seus descendentes) não têm uma identidade problemática, ao invés, percorrem os espaços geográficos da diáspora influenciando-os.

GÓIS (2004) defende a emergência de uma identidade transnacional, na qual os habitantes de Cabo Verde, partilham e integram elementos identitários com origem

no arquipélago e, ao mesmo tempo, influenciam e participam na construção de uma (nova) identidade transnacional desterritorializada. Fala-nos de uma “caboverdianidade dual” na diápora, que distingue aqueles que chegaram há mais tempo (mais “assimilados”) dos recém chegados (mais “crioulizados”). Esta dualidade ao mesmo tempo que gera controvérsia influencia, segundo o autor, a identidade cabo-verdiana no seu todo, permitindo uma coexistência e uma aceitação das várias caboverdianidades existentes no interior da identidade social cabo-verdiana.

“(…) Num contexto de múltipla inserção social, estes transmigrantes constroem múltiplas identidades sociais de referência e, embora possam construir a sua socialização maioritária ou preferentemente dentro dos limites de um espaço social, os transmigrantes ou migrantes transnacionais e seus descendentes recusam confinar a sua identidade exclusivamente às referências sociais do espaço em que se inserem (...) Estes migrantes e/ou seus descendentes influenciam a mudança (em ambas) as comunidades ou locais de pertença não só através das suas remessas, sociais e económicas, mas igualmente através das práticas políticas transnacionais, práticas culturais transnacionais ou práticas sociais transnacionais (...)” (GÓIS, 2004:10)

Num comentário à proposta de GÓIS (2004), dir-se-ia que, se é verdade que em resultado dos fenómenos da globalização e das facilidades de comunicação o mundo se tornou cada vez mais “global” e as influências são crescentemente universais, importa tomar em linha de conta os diferentes contextos sociais de partida dos actores e portanto a hipótese de que os imigrantes redefinem os laços com os países de origem, a partir de uma comunicação recíproca entre a sociedade de origem e a sociedade de destino carece de sustentação.

Se nos reportamos, ao contexto residencial, onde o estudo de caso apresentado nesta dissertação decorre, o bairro de realojamento recente do “Casal da Boba”, concluímos que a hipótese de um jovem residente no bairro influenciar a sociedade de “origem” é algo remota, o que decorre do facto de as deslocações ao país de origem ou aos países da diápora cabo-verdiana, serem pouco expressivas, ao contrário do avançado por GÓIS (2004). Por outro lado, os laços familiares com os residentes na terra de origem e na diápora, vão-se esbatendo, em virtude da distância que os separa.

A prova que os contactos com a terra de origem são espúrios, aparece evidenciada, em pesquisas empíricas que demonstram que as viagens a Cabo Verde são pouco

frequentes¹⁸ não obstante existirem outras formas de comunicação entre a diáspora, nomeadamente através de troca de correspondência e as visitas entre a diáspora, estas últimas admitem-se, que mais frequentes do que propriamente, entre os países de destino e a terra de origem. Por outro lado, não se deverá perder de alcance, a necessidade de, como nos diz KHAN *et al* (s/data) citado em SAINT-MAURICE (1997:29), a opção da identidade ser conceptualizada no quadro das escolhas forçadas. Na realidade, os indivíduos não mudam de identidade de forma deliberada, notando-se até, como nos diz CUCHE (s/data:127), uma certa estabilidade nos domínios identitários.

Em síntese, GÓIS (2004), coloca as construções identitárias quase que exclusivamente no domínio das opções.

“(…) A existência de uma identidade múltipla é ou constitui, para estes imigrantes e seus descendentes, uma vantagem competitiva que lhes permite, em caso de necessidade transferir o capital político, social ou económico de um sistema político para outro se e quando necessário. Esta opção leva a que os transmigrantes tentem moldar as suas identidades adaptando-se ou resistindo às necessidades do sistema mundial, enquanto cultivam dependências múltiplas (...) os indivíduos participantes nesta realidade são frequentemente bilingues; movem-se em culturas diferentes; frequentemente mantêm casas em dois países, e prosseguem interesses económicos, políticos e/ou culturais que requerem a sua presença em múltiplos países (...)” (GÓIS,2004:10-11)

A problemática do projecto, situa-se pois entre estes dois eixos interpretativos de compreensão e desocultação dos fenómenos identitários, entre uma lógica que faz sobressair a importância do meio social, na estruturação das identidades destes jovens e uma perspectiva que privilegia a emergência de novas formas de expressão identitárias (juvenis), novos códigos estéticos ou esteticizados, que estão mais próximos de uma cultura (sub)urbana de rua do que das suas referências étnicas mais individualizados por se colocarem no domínio das opções.

As abordagens, chamar-lhe-íamos mais clássicas, elegem como conceitos-chave para a interpretação das manifestações identitárias juvenis, a “raça” e “classe social”, o que no último caso é uma visão corroborada pelos pressupostos teóricos da pesquisa, por se compreender no conceito “classe social” potencial explicativo no quadro das construções e (re)construções identitárias, considera-se igualmente que estes novos olhares e novas abordagens face ao problema, bem como, as formas de operacionalizar, introduzem dimensões relevantes de análise ancoradas em critérios válidos e justificados do ponto de vista teórico.

¹⁸ O estudo de FRANÇA *et al* (1992) revela que a relação directa dos emigrantes com o seu país de origem é ténue porque as dificuldades económicas não lhes permitem deslocações a Cabo Verde.

É pois, no diálogo mas também por vezes, na oposição e confronto, entre estas duas “gramáticas” teóricas ou formas de perspectivar as identidades de um grupo particular, que a presente pesquisa se pretende posicionar.

4 Pobreza e exclusão social em Portugal

O reconhecimento da pobreza como um fenómeno dinâmico não significa a sua negação enquanto fenómeno social de carácter estrutural e sistémico. Por conseguinte uns entram e outros saem da pobreza, segundo determinadas circunstâncias, mas a pobreza, essa permanece. (SILVA:1989:193)

A questão da «pobreza» e da «exclusão social» e a sua autonomização num capítulo justifica-se face ao contexto sócio-espacial, onde a pesquisa empírica se desenvolve. No caso concreto, e de acordo com alguns testemunhos ainda recolhidos numa fase exploratória, a pobreza entendida como privação material, está muito presente no quotidiano da população que habita o bairro, espaço no qual os fenómenos de «pobreza» e «exclusão social» interagem de forma combinada associando-se e produzindo (des)inserções várias.

Foi pois retomando a reflexão iniciada no enquadramento teórico do trabalho, a qual confere potencial explicativo ao conceito «classe social» no quadro das identificações dos indivíduos, que pareceu relevante a mobilização de conceitos como «pobreza» e «exclusão social» e a explicação das configurações e contornos que estes fenómenos têm vindo a assumir na contemporaneidade.

O que melhor define o fenómeno da pobreza em Portugal, segundo pesquisas empíricas, que têm vindo a ser conduzidas a partir da década de 80, do século XX, é a sua persistência e intensidade, bem como, a preocupante lógica de reprodução social que institui.

Uma análise e compreensão do conceito «pobreza» pressupõe que este seja explicitado partindo do quadro social, económico e político, que lhe serve de referência, já que as situações de pobreza em Portugal segundo COSTA (1985:188), se estruturam em torno da combinação de diferentes variáveis, das quais se destacam a escassez de recursos, o insuficiente nível de desenvolvimento das forças produtivas e uma repartição de rendimento e riqueza desigual, que têm contribuído para o seu peso crescente e continuado e para a sua transmissão geracional, como tem sido demonstrado através de estudos vários.¹⁹

¹⁹ Cf. ALMEIDA (1992), CAPUCHA (1992), COSTA (1985), SILVA *et al* (1989).

COSTA (1985:189) no seu estudo realizado em meados da década de 80, revelava que a pobreza em Portugal atingia, cerca de 1/3 das famílias Portuguesas. Nos anos 90 segundo CAPUCHA (1998:216) acentuaram-se as assimetrias e contrastes existentes entre os mais em pobres e os mais ricos em Portugal.

" (...) A metade da população que afigere menores rendimentos apenas dispunha, em 1995, de 26,8% do rendimento líquido disponível em Portugal, quando tinha disposto de 29%, em 1990, e 28,4% em 1980. No pólo oposto, os 10% mais ricos dispunham, em 1990, de 24,9% passando a dispor de 27,6%, em 1995. Quer dizer, o rendimento dos 10% mais ricos é maior do que o dos 50% mais pobres (...) Temos, portanto, em Portugal, um quadro em que não apenas a pobreza atinge uma larga faixa da população (cerca de um terço), como também essa população viu desfazer-se a tendência que se verificara entre 1974 e 1990 para a diminuição das diferenças que a afastavam das restantes pessoas, acentuando-se assim não apenas os contrastes sociais, mas também a precaridade das pessoas e das famílias desfavorecidas (...)" (CAPUCHA, 1998: 216-217)

Para CAPUCHA (1998: 210) a pobreza tem vindo a intensificar a sua incidência e a mudar o seu perfil, sendo na contemporaneidade um dos maiores problemas sociais das sociedades modernas e assumindo múltiplos contornos, atingindo os tradicionalmente "pobres" mas também outros grupos, os denominados "novos pobres"²⁰ com situações particularmente críticas do ponto de vista social.

Na realidade, o desenvolvimento económico não se tem traduzido numa efectiva melhoria das condições de vida das populações, mormente das franjas mais marginalizadas das sociedades modernas. As alterações que se têm vindo a fazer sentir à escala global, a denominada modernização e globalização, trouxeram consigo uma complexidade crescente da vida social que simultaneamente integra e exclui, os indivíduos e grupos de indivíduos, como nos diz Isabel Guerra (2001).

" (...) As transformações económicas vêm provocando mudanças substanciais nas cidades, que passam a ser sujeito de uma nova ordem económica, a que temos chamado de globalização. São profundas as transformações não só nas formas de organizar a produção mas também de distribuir as mais valias (...) Continuamos a produzir cada vez mais riqueza e, simultaneamente, cada vez mais pobreza. Não se pode, pois, pensar separadamente os problemas, posto que é a própria modernização que produz ao mesmo tempo integração/exclusão, riqueza e pobreza, redes internacionais e fragmentação no interior das cidades (...)" (GUERRA, 2001: 48)

As intervenções tendo em vista a erradicação da pobreza, segundo COSTA *et al* (1985:187) têm-se revelado ineficazes e inoperantes, porque assentes em respostas de momento, desarticuladas de uma política que permita actuar sobre as causas geradoras da pobreza. Autores como COSTA *et al* (1985), CAPUCHA (1998) e BAPTISTA

20 Terminologia utilizada em COSTA *et al* (1985:192) e CAPUCHA (1998:218-220) e que pretendem designar novas categorias de indivíduos ou famílias particularmente afectados pela crise, que vivem à margem dos padrões tidos como normais, não obstante terem um perfil sócio-económico-cultural muito distinto dos pobres tradicionais e relativamente próximo dos valores médios do país. Entre eles se encontram os desempregados, os "grupos étnicos e culturais minoritários"; os "jovens em risco"; os "toxicodependentes"; os "detidos e ex-reclusos".

(S/data), destacam a importância de os fenómenos da pobreza e da exclusão social, ganharem visibilidade pública, tendo em vista despertar o poder político, bem como, a sociedade em geral para os seus contornos crescentemente complexos e para a urgência de uma actuação efectiva sobre as suas causas.

Em rigor, as situações de pobreza e segundo SILVA *et al* 1989,189-190) têm encontrado frágeis respostas por parte da escola e do mercado de trabalho, campos onde se joga boa parte do futuro dos indivíduos. No que diz respeito à instituição escolar, verifica-se que o aumento da escolaridade não se tem traduzido numa mobilidade social ascendente, em virtude da desvalorização dos diplomas, que necessariamente, a massificação escolar produziu. Assim, a situação educacional dos «pobres» continuar a ser, por comparação com a restante população, baixa. Daí que, a população com menores recursos vá permanecendo em profissões menos qualificadas e uma percentagem significativa mantém-se excluída do acesso ao mercado de trabalho formal.

Nesta medida, pode afirmar-se que tanto a escola como o mercado de trabalho não têm reduzido as desigualdades sociais, ao contrário, têm sido veículos que promovem e acentuam as assimetrias existentes, usando a terminologia de Bourdieu, entre dominantes e dominados.

"(...) O que é transmitido de pais para filhos é apenas o «reconhecimento do seu lugar», isto é, parece existir um determinado saber popular derivado de uma experiência pessoal que insiste na convicção de que a maior parte dos que nascem nesses estratos sociais sempre aí permanecerão. Talvez por isso os pais não inculcam nos filhos grandes esperanças de mobilidade (...) Mesmo quando existem algumas expectativas de ascensão, estas são, normalmente, de acordo com um padrão relativamente modesto. Para o rapaz, aspira-se a um trabalho «menos pesado», para a rapariga, o sonho é venha a ser cabeleireira; para ambos, um trabalho «mais certo». É isto que se ouve quando se conversa com as pessoas (...)" (SILVA, 1989:188)

BOURDIEU (1989:11) defende uma perspectiva na qual os indivíduos aceitam a sua posição na escala social sem a questionarem. Este autor concebe o espaço social como multidimensional e como um campo privilegiado para a ocorrência de lutas simbólicas entre os grupos que ocupam posições dominantes e dominadas. A competição por um lugar e as lutas entre dominantes e dominados no espaço social são travadas tendo em vista a imposição das definições sobre o mundo social mais conforme aos seus interesses por parte dos dominantes.

" (...) As categorias de percepção do mundo social são, essencial, produto da incorporação das estruturas objectivas do espaço social. Em consequência, levam os agentes a tomarem o mundo como ele é, a aceitarem-no

como natural, mais do que a rebelarem-se contra ele, a oporem-se-lhe possíveis diferentes, e até mesmo antagonistas: o sentido da posição como sentido daquilo que se pode ou se não pode «permitir-se a si mesmo» implica uma aceitação tácita da posição, um sentido dos limites («isso não é para nós») ou, o que é a mesma coisa, um sentido das distâncias (...) daí o profundo realismo que caracteriza a visão do mundo do mundo dos dominados (...)» (BOURDIEU, 1989:141)

Considera-se assim que, a percepção dos fenómenos da pobreza pelos diferentes grupos, varia em função da sua posição social, que pode ser de conformismo, o que favorece a reprodução social, e não raras vezes, a entrada no que SILVA *et al* (1989:193) denominam de «círculo de pobreza» entendido como um processo cumulativo de (des)vantagens, que atravessa toda a vida social dos mais desfavorecidos ou de imposição das (suas) definições sobre o mundo, no caso daqueles que possuem maiores recursos.

Feito que está este breve enquadramento às características da pobreza em Portugal, suas incidências e principais motivos, procura-se agora proceder, à clarificação dos significados das noções de «pobreza» e de «exclusão social».

O conceito pobreza, segundo ESTIVILL (2003:9) provém de pobre que encontra a sua origem no adjectivo *pauper-eris*. Para CAPUCHA (1998:211) a pobreza refere-se às precárias condições de existência, isto é, insuficiência de recursos de ordem económica, social ou cultural.

A pobreza, como a exclusão social que esta favorece, é um conceito multidimensional e polissémico: multidimensional porque não se restringe à privação económica, a pobreza denota privação de recursos materiais e culturais (ALMEIDA *et al*, 1992: 97), polissémico porque os significados que lhe são atribuídos variam em razão dos diferentes contextos geográficos e históricos que lhe servem de referência.

Do ponto de vista teórico, foram sendo construídos conceitos explicativos da pobreza que importa explicitar. COSTA *et al* (1985:21), enunciam três fundamentais, a «pobreza absoluta», a «pobreza relativa» e a «pobreza subjectiva».

A «pobreza absoluta» e a «pobreza relativa», segundo estes autores (1985:21), assentam em condições de vida concretas das pessoas e das famílias, independentemente do modo como estas avaliam a sua situação. Se a «pobreza absoluta», parte da noção das necessidades elementares, como a subsistência física, sem ter em linha de conta o desenvolvimento da sociedade e padrões de distribuição

da riqueza, já a «pobreza relativa», considera que esta é uma realidade que só pode ser definida por comparação com a situação da sociedade em geral. O conceito de «pobreza subjectiva» apoia-se no juízo que as pessoas fazem sobre a sua própria condição, por comparação com os outros ou com a sociedade em geral.

COSTA *et al* (1985:22) referem ainda o facto de a pobreza poder ter vários graus de intensidade e da probabilidade desta se traduzir em carência múltipla ser elevada. Em situações em que a pobreza se encontra abaixo do limiar mínimo, em todas as necessidades consideradas, pode falar-se em «pobreza total»; quando algumas das necessidades apresentam valores inferiores mas também superiores aos limiares, está-se perante uma denominada «pobreza parcial».

4.1 A exclusão social ou a ausência de “capacidade social”

Talvez fosse necessário começar por constatar que a exclusão está relacionada com a insatisfação, o mal-estar de todo o ser humano quando se encontra em situações nas quais não pode realizar aquilo que deseja e ambiciona para si próprio e para a sua família. Partindo deste ponto de vista, a exclusão teria uma certa carga subjectiva, apoiada em acções materiais. Será igualmente necessário recordar que, por vezes, exclusão que segue determinadas modas, hábitos ou ideias dominantes, pode ser vivida de forma positiva por uma pessoa, um grupo, uma comunidade, reforçando assim a sua coesão interna. Noutras ocasiões, a auto exclusão pode ser uma das condições para estimular a criatividade artística e intelectual ou uma vida e reflexão mais filosófico-religiosas. (ESTIVILL, 2003:13)

Associado ao conceito de «pobreza» aparece o de «exclusão». CAPUCHA (1998:217) distingue o conceito «pobreza» do conceito de «exclusão social» dizendo que a pobreza nem sempre se traduz em situações de exclusão social. O conceito de «exclusão social» surge a partir da crise da década de 70, em virtude das transformações (rápidas), do ponto de vista económico, social, político e cultural que as sociedades enfrentam (ESTIVILL, 2003:121).

A pobreza está intimamente ligada à insuficiência de recursos materiais, culturais ou sociais, ao passo que a exclusão social se situa no domínio do acesso aos direitos e deveres, colocando as pessoas à margem do exercício da sua cidadania. A conjugação destes dois fenómenos, pobreza e exclusão social, que aparecem não raras vezes associados, coloca as sociedades actuais perante graves problemas de (des)inserção e por vezes de marginalidade.

“ (...) produzem-se situações de exclusão social porque a sociedade não é capaz de oferecer a todos os seus membros a possibilidade de beneficiarem de todos os seus direitos e deveres. O resultado é as pessoas desfavorecidas perderem o estatuto de cidadania plena (...) ” (CAPUCHA, 1998: 211)

Segundo GARCIA *et al*, os espaços de pobreza e de exclusão transformam um indivíduo num estado total de ausência de “capacidade social” e de autonomia pessoal.

“(...) O “excluído” é-o por uma condição ditada pelo estado de sujeição quanto à forma como deve viver, aos trabalhos a que tem de recorrer, aos cursos a que pode aspirar, às profissões a que se deve adequar, às condutas que deve evitar, ao comportamento humilde-agradecido-humilhante que deve demonstrar (...)” GARCIA et al (2000:211)

Também SEBASTIÃO (1998:10) compreende o conceito de «exclusão social» de forma semelhante, ao percepcioná-lo como gerador de uma fraca capacidade de definição da trajectória pessoal do indivíduo.

Quando se fala da pobreza e exclusão social, das desigualdades e reprodução social tende-se, muitas das vezes, a partir de um olhar construído e projectado pelos não pobres, como nos diz FRIEDMAN.

“(...) A pobreza é tradicionalmente definida por aqueles que se julgam socialmente superiores aos pobres (...)” (FRIEDMAN, 1996:59-60).

A pobreza não aparece apenas ligada ao sub-desenvolvimento; a crescente complexidade do mundo moderno acentua as assimetrias e contrastes existentes entre os mais em pobres e os mais ricos, não só em Portugal como no resto do mundo. Neste sentido, um modelo de desenvolvimento alternativo ganha especial relevância, no cenário actual de crescimento económico, já que, como nos diz FRIEDMAN (1996:75), é o modelo económico seguido na maior parte das sociedades modernas que exclui os «pobres» do exercício da sua cidadania que lhes retira, na terminologia de GARCIA *et al* (2000:11), a sua “capacidade social” e a sua “autonomia pessoal”.

“(...) O crescimento económico dominante torna muita da população supérflua às necessidades da acumulação do capital. Os constrangimentos sobre os pobres são, portanto, estruturais no sentido em que o sistema de relações de poder que sustentam a produção capitalista actuam também para manter os pobres *disempowered*. Não proporciona o pleno emprego na economia formal; promove um crescimento de um padrão de propriedade de terra que reduz pequenos camponeses a uma condição de virtual desapossamento de terras; expulsa a “subclasse” da efectiva participação política. Avançar para além da sobrevivência significa, então, que as relações de poder dominantes na sociedade terão que mudar” (...)” (FRIEDMAN, 1996: 75)

Os pobres, ao verem-se excluídos do mercado de trabalho e da participação social e política, acabam por não ter os meios para se ajudar a si próprios. Assim FRIEDMAN(1996:76) defende que na luta contra a pobreza e pela inclusão social e política, o papel das organizações externas é providenciar apoio de modo, a encorajar os *disempowered* a libertarem-se da dependência tradicional.

Também COSTA (1985:2000) refere que a definição de coordenadas para uma política de erradicação de pobreza deverá criar condições para a viabilização de uma maior participação dos pobres na vida pública, para que estes se possam expressar no quadro normal das instituições democráticas.

Em síntese, da confrontação teórica entre os diferentes autores que estudam os fenómenos de «pobreza» e «exclusão social» se conclui que se queremos actuar sobre

as causas da pobreza, deveremos procurar compreender os motivos que lhe estão subjacentes e que são natureza complexa. De igual forma, os modos de actuação para a sua erradicação e portanto para a promoção de uma sociedade mais inclusiva são objectivos ambiciosos porque pressupõem, não só um reequacionar do modelo de desenvolvimento vigente, como colocar o enfoque naqueles que são, frequentemente, vistos como problema e não como parte importante da solução, isto é, os «pobres».

“ (...) Os programas de anti-pobreza eficazes não podem ser criados e viabilizados de cima para baixo através de uma burocracia obediente, mas deve emergir da confusão da política na qual os pobres continuamente exercem pressão para o apoio, ao nível macro, às suas próprias iniciativas (...)” (FRIEDMAN, 1996:71)

4.2 A Pobreza e exclusão social nos grupos minoritários

Segundo CAPUCHA (1998:219), os imigrantes são uma categoria especialmente vulnerável à pobreza e, de acordo com as suas estimativas²¹, pensa-se que à data, seriam cerca de 120 000 a 150 000 indivíduos.

Na opinião de ALMEIDA *et al* (1992:76-77) a vulnerabilidade deste grupo resulta, em primeiro lugar, da situação de clandestinidade que muitos experenciam, e a conseqüente entrada no mercado de trabalho clandestino, o que se traduz em baixos salários, ausência de regalias sociais, precaridade e instabilidade laborais. Para este autores, o facto desta população, designadas de «minorias étnicas», ser bastante jovem e constituída por um grande número de indivíduos em idade activa ou de crianças e jovens em idade escolar, faz com que um dos planos onde se joga a continuidade ou não em situações de pobreza, onde se joga o destino social dos seus descendentes²², seja no sistema de ensino.

A população imigrante dos PALOP residente em Portugal, na sua generalidade, apresenta graus de escolaridade baixos e segundo CAPUCHA (1998:219) têm inserções profissionais em sectores de actividade especialmente sujeitos à precaridade, designadamente em quatro categorias profissionais: operários especializados da construção civil, trabalhadores indiferenciados, vendedores ambulantes e empregados de serviço doméstico.

A Área Metropolitana de Lisboa é a zona privilegiada para a sua fixação, as questões da habitação para estes grupos como para outros grupos vulneráveis, constituem-se frequentemente em problemas sociais.²³

Também quando se fala em «exclusão social», frequentemente se identificam grupos particularmente vulneráveis, nos quais se enquadram a população imigrante, designadamente a proveniente dos PALOP e seus descendentes, população sobre a qual incide o presente trabalho.²⁴

²¹ Trata-se de estimativas em virtude dos dados oficiais não integrarem os elementos que se encontram na clandestinidade.

²² Estes autores não utilizam o termo «descendentes de imigrantes» mas sim «segunda geração de imigrantes». Optou-se pela utilização da primeira designação por se considerar que é a que melhor traduz a situação do grupo referido.

²³ O capítulo seguinte intitulado “A pobreza e a segregação sócio-espacial” centra-se sobre as questões (problemáticas) da habitação.

²⁴ Cf. ALMEIDA *et al* (1992) e CAPUCHA (1998).

A partir da década de 80, Portugal passou de uma situação em que exportava mão-de-obra para o estrangeiro para se tornar também num País receptor de população estrangeira, mormente de imigrantes oriundos dos PALOP. As razões da sua instalação em Portugal estão intimamente ligadas ao estado de devastação em que os seus países se encontravam, em virtude das guerras, secas e fomes e com a necessidade destas populações procurarem melhores condições de vida. A década de 90 consolidou Portugal enquanto destino migratório. Os resultados dos censos de 2001, segundo SEABRA (2005:25), revelam que na década de 90 se procedeu a uma viragem nos fluxos migratórios, reduzindo-se o número de saídas. A redução da emigração foi acompanhada de um crescimento do número de entradas, aumentando a imigração, conforme se pode verificar no quadro abaixo apresentado, o que se traduz num saldo migratório positivo. O crescimento positivo verificou-se contraria a tendência de envelhecimento populacional, tanto na 'base' (diminuição dos jovens) como no 'topo' (aumento dos idosos) e decorre, portanto, dos fluxos migratórios.

Quadro nº 1 Saldos Populacionais entre 1960 e 2001.

Saldos Populacionais			
Década	Saldo Total	Saldo Natural	Saldo Migratório
1960-1970	- 226 140	1 072 620	-1 298 760
1970-1981	1 169 762	791 925	377 837
1981-1991	34 133	351 279	-317 146
1991-2001	488 970	84 451	404 519

Fonte: Retirado de SEABRA, Hugo Martinez de (2005), *Delinquência a preto e branco: estudo de jovens em reinserção*, Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME).

5. O espaço como elemento de exclusão

É nos anos 60, segundo VILAÇA (2001:84) que se intensifica a construção de bairros clandestinos com a massiva chegada de famílias provenientes do mundo rural às cidades, devido a um desenvolvimento industrial tardio.

Em Portugal, actualmente, quase metade da população habita nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, áreas onde os fenómenos de pobreza e exclusão são mais incisivos.²⁵

"(...) Lisboa é a cidade com a maior taxa de persistência de pobreza (63%) entre os que se declaram actualmente numa situação de pobreza (...)" (SILVA *et al*, 1989: 178)

São vários os autores que colocam os modos de vida da modernidade e urbanidade entre a inclusão e a exclusão,²⁶. As cidades, na mesma medida que atraem grandes contingentes de população à procura de melhores condições de vida, afastam aqueles que dispõem de menores recursos económicos, sociais e culturais, para os bairros degradados que, frequentemente, se localizam na periferia das grandes urbes. Neste sentido SILVA *et al* (1989:186) afirmam que a migração para a cidade não corresponde a uma ascensão social mas a uma "permanência (transformada) na pobreza".

Também João Sebastião (1998:7) salienta que o crescimento da Área Metropolitana de Lisboa, a evolução desenvolvimento do mercado imobiliário e o peso crescente do sector terciário no centro da cidade, afastaram os grupos sociais mais fragilizados do centro, "arrastando-os" para os eixos periféricos da cidade. Assim, os bairros degradados da periferia da cidade foram sendo progressivamente ocupados pelas franjas mais marginalizadas da sociedade, designadamente, pela população oriunda dos PALOP.

O espaço transforma-se, pois, num elemento que adensa a exclusão social dos indivíduos mais desfavorecidos e portanto, tendencialmente, já de si mais expostos aos fenómenos da pobreza e da exclusão social.

Não será pois excessivo afirmar que a questão da habitação, se tornou num dos problemas mais complexos das sociedades modernas o qual se repercute em vários domínios, afectando a qualidade de vida das populações, designadamente, em

²⁵ Cf GUERRA (2001: 48).

²⁶ Cf Guerra (2001:48) e SILVA *et al* (1989:186).

contextos urbanos e em particular nas grandes cidades, onde a pressão demográfica é bastante pronunciada.

Estudos recentes apontam que Portugal, e não obstante o esforço feito nas últimas décadas, designadamente através de programas de realojamento de populações que habitavam em bairros degradados, enfrenta carências graves ao nível da habitação que atingem, de acordo com as estimativas apresentadas por GUERRA *et al* (2001:63), entre meio a um milhão de habitantes.

A ausência de políticas e estratégias coerentes e concertadas, antes e depois do 25 de Abril, no que concerne a habitação, deram frequentemente, lugar à criação de medidas e programas avulsos, criados ao sabor das conjunturas políticas e financeiras, segundo FONSECA FERREIRA (1981) citado em GUERRA *et al* (2001:66).

A cidade é vista por autores como SANTOS (2002:270) e GUERRA, (2001:49) enquanto um espaço apropriado pelo sistema capitalista que contribui para aprofundar as desigualdades sociais. A cidade é o lugar por excelência de competição entre os vários actores sociais que pretendem apropriar-se dos espaços mais valorizados.

Posicionamento semelhante tem GONÇALVES (1995:27) que refere que os fenómenos de exclusão social, de segregação e desinserção são fenómenos visíveis no espaço. Esta autora defende que os bairros degradados existem no reverso da urbanidade, na medida em que a "urbanidade" apela para uma certa qualidade de vida. Assim, ao postular-se a existência de espaços sociais nos quais a exclusão social, a desqualificação e a degradação habitacional são visíveis, estamos perante contextos locais (bairros) que não é possível conotar com a urbanidade ou com a qualidade de vida.

As pessoas adoraram as casas e investiram tudo nos móveis. Verificam-se agora sentimentos de inveja entre as pessoas, um "aburguesamento" das pessoas e grandes dificuldades de pagamento das rendas. (Dirigente associativo do Bairro do Casal da Boba).



Figura.1

Os locais de pertença têm importância na formação das identidades sociais dos grupos residentes, segundo GONÇALVES (1995:30). Também PINTO *et al* (2000: 102), referem o espaço residencial como um forte referente identitário pessoal, pela continuidade com que é percebida a imagem do bairro e a imagem pessoal. O espaço quando percebido e interiorizado como tendo uma má imagem pública, pode conduzir a processos de rejeição expressos, não raras vezes, pelo uso do espaço público de uma forma negativa, designadamente através de actos de destruição e vandalismo, o que contribui para reforçar essa imagem do espaço. A má imagem dos bairros produz efeitos nefastos contribuindo para uma retracção dos moradores para o espaço privado, desmotiva-os a investir nas relações sociais e em eventuais acções de melhoria do bairro.

No entender de Pinto *et al* (2000:102) frequentemente a população realojada revela uma forte incapacidade de alteração dos seus modos de vida e uma ausência completa de projectos de mobilidade social, ao mesmo tempo que alimenta imagens e estigmas tão graves acerca do seu local de residência como provavelmente tinha interiorizado do local onde anteriormente vivia.

"(...) Porque aqui, em relação aos jovens, não, não têm muitas saídas, não têm muitas hipóteses, principalmente, quando se mora num bairro ... quando se tem um rótulo de bairro, que é jovem delinquente, é jovem de bairro e mora no bairro x, então quando o bairro é conhecido, aquele bairro é conhecido, por roubos e furtos e tráfico de droga... (...)" (jovem do bairro Casal da Boba, 30 anos)

O estatuto inferior e desvalorizado que lhes é conferido pela sociedade marca a percepção subjectiva que essas populações têm das suas próprias capacidades, enquanto actores sociais enquanto fazedores do seu próprio destino.

*Não deve haver casas sem gente enquanto houver gente sem casas.
in Boaventura Sousa Santos, 2002: 268*

Imediatamente após o 25 de Abril, entre 1974 e 1976, segundo SANTOS (2002:264) foram ensaiadas novas formas de conceber o espaço e metodologias que favoreciam a participação popular, do qual o seu expoente máximo foi, a operação SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local), operação lançada em várias zonas urbanas, com o envolvimento de arquitectos, engenheiros, juristas, estudantes e sobretudo, dos moradores de bairros urbanos, pobres e degradados, que se organizaram em comissões locais.

O Serviço Ambulatório de Apoio Local (SAAL) foi criado a 6 de Agosto de 1974, através de um despacho conjunto do Ministério de Administração Interna e da Secretaria de Estado da Habitação e apesar da sua curta duração, cerca de dois anos, desde o seu início oficial, permitiu que fossem definidos dois objectivos essenciais, o que SANTOS (2002:270) denomina de "direito à habitação" e o "direito ao lugar". Este último definido como o direito à melhoria das condições de habitação, em termos de qualidade e infra-estruturas, de equipamentos urbanos e sociais instalados no local, de modo a que, os habitantes criem raízes e se apropriem do espaço, reivindicações que permanecem actuais.

SANTOS (2002:266) refere que a operação SAAL deu origem a uma inédita experiência de participação popular, pela visão partilhada que os vários “fazedores” da cidade se permitiam elaborar. A organização do espaço, as políticas de desenvolvimento da cidade, a arquitectura passaram a estar ao serviço das pessoas, através do seu envolvimento, implicação e participação activa na definição das visões sobre a cidade.

“(…) Foi durante o período de 70 que, pela primeira vez, se terá tentado em Portugal, uma política de habitação, baseada em modelos discutíveis, mas assente num ideário com metas e objectivos visíveis, destinatários precisos e recursos orientados (…)” (VILAÇA, 2001:85)

5.1 O Programa Especial de Realojamento

O realojamento separou muita gente, porque quando os primeiros foram para o Zambujal, a mim, custou-me bastante, quando saíram de lá. Por acaso, foram as pessoas que eu mais ... que eram os meus amigos, tiveram que ir, e eu pedi à minha mãe: - "porque é que não vamos para lá e não ficamos juntos?" mas não podíamos escolher, tinha que ser assim mas foi muito, muito difícil, os primeiros realojamentos, para mim, foi difícil ... mesmo tinha uma família que morava mesmo ao lado e os filhos, uma é minha afilhada, hoje tem 20 anos e praticamente viveram lá na minha casa e então quando nós começamos a ver que íamos ficar sem essas miúdas ... foi muito difícil os nossos realojamentos, tinha que ser assim mas com as pessoas que nos mais gostávamos, queríamos ficar sempre juntos, foi muito difícil. Agora já a vinda para cá, já não me custou nada, já não tinha os meus amigos ao pé, para mim foi indiferente. (Jovem do bairro Casal da Boba, 30 anos)



Figura.2

O Programa Especial de Realojamento, doravante designado por PER, é uma versão melhorada de um outro programa de realojamento criado em 1987 e que teve pouca adesão. O PER beneficiou do auxílio dos fundos europeus e tinha o propósito da erradicação das barracas até finais do ano 2000, segundo VILAÇA (2001:87).

O PER entrou, pois em vigor em 1993, tendo como objectivo a erradicação das barracas da Área Metropolitana de Lisboa e Área Metropolitana do Porto. Através do PER, em 1993, estimou-se a existência de cerca de 37 698 barracas na grande Lisboa, o que correspondia a 43 518 famílias e 146 000 pessoas, ou seja, seria necessário

construir, cerca de 50 000 fogos, para cobrir as carências dessas áreas. Os programas de realojamento erradicaram em 10/12 anos cerca de 35 000 habitações precárias.

Segundo Rodrigues (2003:91) nos programas de realojamento de maior envergadura, como no PER, procurou-se dotar os bairros novos de infra-estruturas, acessibilidades e equipamentos, tendo em vista evitar a segregação de uma nova geração de bairros de habitação social. No entanto, estas medidas não foram suficientes para reorientar as acções de realojamento, permitiram uma acentuada melhoria das condições de habitabilidade de populações que viviam em habitações, em alguns casos, muitíssimo degradadas, mas não se acautelaram um conjunto de outras questões de natureza mais complexa, evidenciando uma resposta centrada apenas nas necessidades materiais dos indivíduos, desvalorizando a satisfação residencial do habitante.

Assim, o modelo adoptado limitou-se a dar respostas às necessidades materiais dos indivíduos e das famílias e aos aspectos funcionais dos empreendimentos urbanísticos. As acções terão fundamentalmente actuado sobre os efeitos e não sobre as causas, indiciando políticas que visam o imediatismo e a resolução dos problemas mais gritantes.

"(...) Pelo que eu vejo não mudou porque as pessoas que tinham a vida de andar na rua e de fazer o que bem lhes apetecia continuam (...) acharam que se calhar iam mudar e os problemas iam ficar lá, não vinham com as pessoas mas vieram e se calhar até, não digo que pioraram mas também não melhoraram em nada, no meu ponto de vista (...)". (Jovem do bairro Casal da Boba, 24 anos).

A mudança para um espaço físico diferente, constituído por formas de organização do espaço distintas (alojamentos construídos em altura) origina modos de vida mais individualizados e, de alguma forma, a desestruturação de laços afectivos e de vizinhança que ocorriam nos bairros degradados.

"(...) Da análise que empreendemos na Horta Nova voltámos a verificar que os primeiros tempos nas novas habitações espoletam uma individualização e uma privatização generalizadas dos modos de vida, concretizadas pelo isolamento das famílias e pelo seu fechamento dentro dos espaços domésticos. Se pensarmos na força e na extensão das redes locais, estruturadas por anos de vizinhança e convivência, por necessidades de entreaajuda e pelo desenvolvimento de relações de parentesco, percebemos a profundidade da mudança que está em causa quando esses laços se rompem na sequência do realojamento e com eles as solidariedades e as formas de sociabilidades anteriores (...)" (RODRIGUES, 2003: 95)

A mudança para um novo contexto sócio-espacial, com o início dos processos de realojamento, a perda das redes sociais de suporte, a separação de vizinhos que

durante décadas, partilharam paredes-meias, dividiram responsabilidades e dificuldades, não é isenta de impactos na vida quotidiana das pessoas e nas suas relações sociais antes marcadas por um sentido comunitário e substituídas nestes novos contextos pelo individualismo e privatização dos seus modos de vida.

A nostalgia do bairro antigo, das amizades que nele se foram construindo, das afinidades, algumas assentes numa suposta origem comum, contrasta com a imagem fria das portas fechadas das casas do novo bairro, dos encontros nas paragens dos autocarros, de uma vizinhança que já não é a de outrora.

“(…) Não foi muito fácil, eu porque os meus vizinhos ou as pessoas com as quais eu tinha melhores relações, não terem vindo para cá e as outras pessoas porque também mudaram um pouco a realidade delas, viemos para cá, deram-lhes uma casa e acharam que isso era tudo e que iam melhorar as nossas condições e que tudo .. e que já o problema acaba, mas não pensaram nas relações que as pessoas tinham e tentaram que as pessoas que fossem vizinhas não continuassem a sê-lo, tentaram afastar as pessoas, não pensaram que essas pessoas é que tinham uma boa relação, de inter-ajuda e de tudo, as coisas podiam ser muito melhores. Agora nos prédios, muitas vezes, as pessoas não se dão tão bem, pelo barulho, pela lavagem das escadas, pela porta que uns fecham, os outros não, tudo isso, se fossem pessoas que já eram conhecidas, que já viviam juntas, há mais tempo, as coisas podiam ser diferentes, mesmo na limpeza e no relacionamento do prédio, acho que isso ia ser muito melhor mas não pensaram nisso, quando fizeram o realojamento pensaram que isto ia ser tudo para melhorar, tudo para mudar o que se vivia lá e não foi (...)” (jovem do bairro Casal da Boba, 24 anos.)

Os impactos negativos do realojamento sobre as relações sociais das populações que antes habitavam bairros degradados e que foram transferidas para bairros de realojamento deverão ser atenuados por meio de redes de apoio mais formal a essas populações, por forma a compensar a quebra das solidariedades locais. Esta problemática faz, aliás, parte das preocupações actuais dos Municípios que vão acumulando experiência nos processos de realojamento.²⁷

Por outro lado, os processos de realojamento continuam a ser concebidos não envolvendo os principais interessados, isto é, as populações a realojar, numa lógica assente preferencialmente em aspectos materiais e visíveis e menos sobre os aspectos sociais e de organização dos seus modos de vida. A participação e intervenção das pessoas a realojar tende a ser desvalorizada, o que em muito se reflecte na, ainda, frequente falta de identificação da população com o novo bairro.

“(…) Acho que as pessoas por exemplo, no caso das Fontainhas, eram muito unidas e depois, chegaram meteram-nas aqui e espalharam-nas todas e não tiveram a preocupação de ver, quem morava junto com quem, se calhar, meteram pessoas da Venda Nova, misturadas com a gente das Fontainhas, se calhar, foi um bocado um choque até aquelas pessoas que não tinham meios de subsistência, se calhar, tinham alguma ajuda mesmo assim, tinham a hortinhas

²⁷ Cf. Diagnóstico Social da Boba (2005).

deles e chegaram lá, foi só tirar as pessoas, metam num prédio e destruíam, já está! (...) isso é que é o problema, é que as pessoas não têm consideração com a parte humana é só o aspecto visual (...)” (Informante qualificado do bairro, 23 anos).

Através de um estudo realizado em 19 bairros de nove municípios da Área Metropolitana de Lisboa e do Porto, Pereira *et al* (2001:94) procuraram compreender até que ponto as iniciativas públicas conseguem travar os ciclos de exclusão social multifacetados nas suas causas e concluíram que:

“(...) A mudança espacial, integrada em Programas de realojamento não tem sido eficaz na quebra de ciclos de pobreza e exclusão social (...)” (PEREIRA,2001:94)

Os bairros de realojamento, no entender deste autor, não esbatem os traços específicos dos bairros de habitação degradada, designadamente, o fechamento sócio-espacial que persiste. Crê-se que existe uma transferência de alguns traços específicos dos bairros de habitação degradada para os de habitação social, o que Peter Sommerville (1999) apelida de encapsulamento do conjunto de habitantes de um bairro em relação à envolvente.

Ao mesmo tempo que se esbatem as relações de proximidade e alguma coesão grupal, os fenómenos de “ghettização”, de fechamento face ao exterior persistem, o que se julga, contribuirá para a reprodução das condições materiais e sociais desta população, e que se traduz numa fraca mobilidade social ascendente. Assim a mudança do contexto residencial e a melhoria das condições de habitabilidade não tem sido acompanhada de uma alteração da situação social, marcada pela privação destas populações.

“(...) A questão do realojamento, por exemplo, pode ter funcionado, para as famílias que antes viviam em barracas, como sinónimo de melhorias de condições de vida, sem que tal situação represente necessária superação da pobreza. Ao invés, tem-se conhecimento de que, por vezes, a mudança das barracas para os bairros de realojamento é acompanhada por fenómenos de agravamento do grau de privação, em aspectos fundamentais, como o da alimentação, devido ao acréscimo de encargos fixos em habitação (renda, electricidade, água e outros) e consequente compressão de outras despesas (...)” (SILVA *et al*, 1989:178)

“(...) Nós reivindicamos melhorias para o bairro, não existe acompanhamento às pessoas, não é só organizarem torneios de futebol ou desfiles, é saber como vivem as pessoas, como existe a pobreza. Existem instituições aqui para fazerem este trabalho. A maior parte dos idosos viviam em barracas e não pagavam nada, agora há rendas altas, há muita gente a passar fome, a não ter dinheiro para pagar a electricidade. Já houve vários suicídios de idosos, aqui no bairro e ninguém procurou saber o porquê. As casas são muito frias, nas escadas entra água, não existe elevador e são 4 pisos. Estas instituições, nomeadamente a Câmara, estão à espera de ser procurados e não vão eles ter com a população. Ficar dentro de um gabinete, estar à espera que vão lá bater à porta e explicar os problemas não chega (...)” (Dirigente associativo do bairro).

A passagem de um bairro degradado considerado problemático para um bairro de realojamento, segundo Rodrigues (2003:97) é, muitas vezes, percebido pelas populações que saem de bairros degradados, como um meio de ascensão social e daí a opção, algumas vezes deliberada, por comportamentos mais individualizados e alterações nos modos de viver o e no bairro. O testemunho de uma jovem do bairro, realojada há dois anos e proveniente do bairro das Fontainhas é ilustrativo destas novas formas de olhar o espaço comum e daquilo que deverão ser, doravante, as práticas dos habitantes do novo bairro.

“(…) Para eu sair e ir até a casa daquela pessoa, fico assim sempre com aquele receio e enquanto lá, se a gente não queria ir para casa de outra, tínhamos a rua, ficávamos na rua até às tantas, para mim foi um bocado difícil. Se estava bom tempo ... eu aqui, por exemplo, para estar aqui na rua quando está sol, acho estranho, apesar de estar muita gente sempre na rua mas para mim, acho que é estranho, porque acho que já temos de ter outros modos, porque apesar de ser um bairro de grande maioria de africanos, eu acho que temos de ter outros modos, temos de começar a melhorar a nossa maneira de ver as coisas, então fica-me difícil, enquanto lá no bairro não, era tudo mesmo à vontade (...)” (jovem do bairro Casal da Boba, 30 anos)



Figura.3

No entanto, as expectativas de mobilidade social, facilmente se desvanecem face à reprodução dos problemas sociais que teimam em existir e à débil, pelo menos por parte dos jovens, percepção da possibilidade de alterar a sua trajetória de vida.

“ (...) A maior parte destes jovens que andam aqui no bairro, estudaram até ao 5º ano, até ao 6º ano no máximo (...) a maior parte deles sai na 4ª classe, frequenta um ano, o 5º ano e chumba e nunca mais vai para a escola (...) em relação aos jovens não, não têm muitas saídas, não têm muitas hipóteses, principalmente quando se mora num bairro ... quando se tem um rótulo de bairro, que é jovem delinquente, é jovem de bairro e mora no bairro x então quando o bairro é conhecido, aquele bairro é conhecido, por roubos e furtos e tráfico de droga (...)”. (Jovem do bairro Casal da Boba, 30 anos).

Por outro lado, quando se tratam de bairros constituídos por populações com alguma diversidade socioeconómica, corre-se o risco das famílias com uma situação mais estável acabarem por concretizar o seu desejo de mobilidade, perdendo-se o eventual efeito de “amortecedor social” que aquelas famílias poderiam vir a exercer, acentuando-se a presença dos indivíduos encurralados.

Identificadas que estão os contextos sociais e espaciais onde se inserem o(s) grupo(s) sobre o qual incide o estudo, o próximo capítulo focalizar-se-á sobre os lugares dos Cabo-Verdianos (e seus descendentes) em Portugal.

6. Os lugares dos Cabo-Verdianos (e seus descendentes) em Portugal

A comunidade cabo-verdiana é das comunidades de imigrantes residentes em Portugal com maior expressão numérica. Os dados divulgados em 2003, pelas autoridades cabo-verdianas, referem que o número de cidadãos cabo-verdianos a residir em Portugal ultrapassa os 100 mil, sendo as ilhas de Santiago, S.Vicente e Santo Antão os principais locais de origem destes indivíduos, segundo (GRASSI, 2006:10). Já os números do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), referentes ao ano de 2003, apontam para que os cabo-verdianos, a residir legalmente em Portugal, ascendam aos 53 451 indivíduos, 30 094 do sexo masculino e 23 357 do sexo feminino.

É pois visível a grande disparidade existente entre os dados oficiais portugueses e os divulgados pelas autoridades cabo-verdianas, que estimam que os cidadãos cabo-verdianos a residir em Portugal, ultrapassem os 100 000 indivíduos no ano de 2003, sendo as cidades de Lisboa e de Setúbal, os locais onde se fixa o maior número de efectivos, confirmando a tendência que se vinha acentuando nos anos 90.²⁸ GRASSI (2006:11) refere que 68,2% dos cabo-verdianos residem na capital, 20,2% no Concelho da Amadora e que Setúbal acolherá perto de 20% de cabo-verdianos, segundo os dados do Instituto de Comunidades de Cabo Verde recolhidos no ano de 2003.

Na realidade, o apuramento do número de cabo-verdianos, a residir em Portugal, tem-se revelado tanto mais complexo quanto, segundo GRASSI (2006:9-10), são múltiplas as situações em que estes se encontram, do ponto de vista legal e pela incapacidade de controlo e contabilização dos imigrantes em situação clandestina.

²⁸ Cf. parte relativa à pobreza e exclusão social nos grupos minoritários (saldos populacionais) p. 33.

Quadro nº 2 : População cabo-verdiana residente em Portugal por cidade e arquipélagos da Madeira e Açores, ano de 2003

Cidade	Número
Aveiro	320
Beja	116
Braga	280
Bragança	62
Castelo Branco	276
Coimbra	1053
Évora	187
Faro	3468
Guarda	70
Leiria	735
Lisboa	71848
Portalegre	75
Porto	1306
R.A. Açores	504
R.A. Madeira	87
Santarém	425
Setúbal	20277
Viana do Castelo	34
Vila Real	56
Viseu	236
Total	105342

Fonte: Retirado de GRASSI, Marzia (2006:11)

Como se constatou na parte do trabalho que tratava as questões da pobreza e da exclusão social, a população imigrante dos PALOP residente em Portugal, têm tendencialmente graus de escolaridade baixos e inserções profissionais precárias desempenhando, fundamentalmente, funções pouco especializadas e portanto inserindo-se na sua maioria nos grupos sócio-profissionais proletarizados.

A comunidade cabo-verdiana, não obstante ser uma comunidade com uma longa tradição imigratória para Portugal e ter uma expressão numérica significativa, tem uma hetero-imagem tendencialmente negativa. Para RODRIGUES (1989:97) a inserção da comunidade cabo-verdiana na sociedade portuguesa tem sido marginal, porque

embora não se constituia como um grupo independente, sem relações com a sociedade envolvente, ocupa uma posição dominada na relação social quotidiana que estabelece com a maioria.

As políticas migratórias e a moldura legislativa, particularmente no que se refere à aquisição da nacionalidade dos descendentes de imigrantes já nascidos em Portugal, tem reforçado a exclusão da população cabo-verdiana e seus descendentes.

De facto, se nos reportamos aos resultados apurados pela pesquisa de terreno, constata-se que os jovens inquiridos, embora tenham na sua maioria (6/8) a nacionalidade portuguesa adquiriram-na por via da naturalização após morosos processos burocráticos mesmo tendo, à excepção de um caso, nascido em território nacional. Verifica-se ainda que, aqueles que não têm a nacionalidade portuguesa encontram um conjunto de obstáculos na sua vida quotidiana que os afasta do exercício de uma cidadania plena e do acesso a um conjunto de benefícios sociais.

Refira-se ainda que a situação de clandestinidade que muitos imigrantes e seus descendentes enfrentam é fortemente inibidora do exercício dos mais fundamentais direitos e deveres dos indivíduos.

Por ser relevante a aquisição do estatuto da nacionalidade para a inclusão social destes indivíduos, muito embora este não seja sinónimo de um sentimento de pertença, julga-se adequada a exposição da moldura legislativa de enquadramento à Lei da Nacionalidade e as suas actualizações.

6.1 Moldura legislativa de enquadramento da nacionalidade

O enquadramento legal, segundo GRASSI (2006:10), tem sido alterado em sucessivas revisões à Lei da Nacionalidade. Em 1975, foi feita uma revisão da Lei da Nacionalidade de 1959, tendo em vista facilitar a aquisição da nacionalidade portuguesa aos cidadãos dos PALOP.

A Lei n.º 37/81, de 3 de Outubro (alterada pela Lei n.º25/94, de 19 de Agosto), relativa à aquisição de nacionalidade portuguesa, introduz o sistema *jus sanguini* em Portugal. Assim sendo, a nacionalidade deixaria de ser concedida a qualquer indivíduo, independentemente da sua ascendência, desde que nascesse em solo Português, *jus soli*, passando a abranger apenas os filhos de cidadãos nacionais.

Nesta medida, um elevado número de filhos de imigrantes africanos em Portugal, nascidos depois de 1981, têm a nacionalidade dos seus pais podendo, muito embora, optar pela cidadania Portuguesa, caso os seus progenitores residam legalmente em Portugal há mais de seis anos à data do seu nascimento.

As dificuldades de quantificação dos descendentes de imigrantes cabo-verdianos residentes em território nacional, decorrem em parte, das alterações à Lei da Nacionalidade e estendem-se às outras comunidades residentes em Portugal, sobretudo, a dos países de língua oficial portuguesa, que viram o seu estatuto alterado com a Lei n.º 37/81. Assim, para SEABRA (2002:33), existem de três grupos distintos de filhos de imigrantes africanos em Portugal:

- i) Os que tendo nascidos em África, vieram, fruto do processo de reunificação familiar, juntar-se aos seus pais em Portugal detentores de nacionalidade do país de origem;
- ii) Os nascidos em Portugal e que embora detentores de nacionalidade do país de origem de seus pais, puderam optar pela nacionalidade portuguesa desde que os seus pais residissem legalmente há mais de seis anos em Portugal à data do seu nascimento;
- iii) Os detentores de nacionalidade portuguesa, nascidos em Portugal antes de 1981, e os que ao abrigo da Lei da nacionalidade já optaram por esta.

Em 17 de Abril de 2006, a Assembleia da República decretou, a quarta alteração à lei de 37/81. Esta alteração à Lei de 37/81, procura através da transposição das directivas da União Europeia uniformizar e agilizar procedimentos. O anteprojecto de Lei de imigração do Ministério da Administração Interna²⁹ refere que só em sede de imigração económica existiam oito títulos de permanência diferentes. Com a nova Lei, passa a existir um único documento que permite a residência em Portugal: a autorização de residência.

A Lei Orgânica nº2/2006 de 17 de Abril³⁰ (Lei da Nacionalidade), veio atribuir nacionalidade portuguesa a pessoas nascidas em território nacional com pelo menos

²⁹ Cf. «Anteprojecto de Proposta de Lei que regula as Condições de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território Português», Ministério da Administração Interna, retirado de <http://www.acime.gov.pt/> em 18-10-2006.

³⁰ Cf. em anexo Lei Orgânica nº 2/2006 de 17 de Abril, Diário da República nº 75 - Iª Série - A (pp. 2776 - 2782).

um progenitor nascido em Portugal. O artigo 1º define «portugueses de origem». As alíneas d) e e) referem-se aos indivíduos nascidos em território português, filhos de estrangeiros.

“ Artigo 1º

[...]

1- são portugueses de origem

(...)

d) os indivíduos nascidos no território português, filhos de estrangeiros, se pelo menos um dos progenitores também aqui tiver nascido e aqui tiver residência, independentemente de título, ao tempo de nascimento.

e) os indivíduos nascidos no território português, filhos de estrangeiros que não se encontrem ao serviço do respectivo Estado, se declarem que querem ser portugueses e desde que, no momento do nascimento, um dos progenitores aqui resida legalmente há pelo menos cinco anos ”

Feito que está o enquadramento das leis que maiores repercussões têm na aquisição de direitos e deveres de cidadania dos imigrantes e seus descendentes, procurar-se-á através de uma breve enunciação dos contornos das políticas migratórias nacionais e transnacionais, contribuir para a compreensão da relevância que estas assumem no quadro da atribuição de direitos e deveres das populações imigradas e dos seus descendentes, isto é, na aquisição de um estatuto de cidadania.

Os movimentos migratórios, na actualidade, inscrevem-se num quadro amplo que envolve dinâmicas populacionais a nível mundial. Segundo ROCHA-TRINDADE *et al* (1995:195) perto de 2% da população mundial, isto é, cerca de 100 milhões de pessoas habitavam fora do seu país originário.

Os governos dos países mais desenvolvidos têm procurado “estancar” esses movimentos através de políticas crescentemente restritivas do fenómeno migratório.

Por seu turno a integração num espaço comunitário originou a necessidade de se uniformizarem os critérios que fixam as entradas e permanência dos imigrantes, o que não tem sido tarefa fácil de compatibilizar, segundo ROCHA-TRINDADE *et al* (1995:196), com os compromissos anteriormente assumidos por alguns Estados-membros com as suas ex-colónias.

No seu trabalho de doutoramento sobre a nacionalidade e as políticas migratórias na sociedade portuguesa pós-colonial, BEJA-HORTA (2000:76) constrói uma análise tipológica, na qual identifica quatro fases principais das políticas migratórias em Portugal a que correspondem períodos distintos no tempo.

Assim, a autora considera que, entre 1960-1973 (fase 1), a política desenvolvida promovia o recrutamento da mão-de-obra africana, sobretudo cabo-verdiana; entre 1974-1990 (fase 2) as políticas preconizadas foram tendencialmente de *laissez-faire* e migração de trabalho; de 1990-1994 (fase 3) iniciam-se as políticas restritivas para com os cidadãos de países terceiros e a procura de uniformização das políticas nacionais de acordo com as directivas da União Europeia. Este período corresponde também à primeira fase de regularização dos imigrantes ilegais; e os anos de 1994-1999 (fase 4) em que se ensaia uma política de continuidade no sentido das políticas restritivas à entrada de imigrantes.

BEJA-HORTA (2000:296) conclui que as respostas institucionais em Portugal, traduzidas nas políticas migratórias, têm sido múltiplas e por vezes contraditórias, o que terá decorrido de interesses, por vezes dissonantes entre as políticas europeias, que propunham um progressivo fechamento das fronteiras e a necessidade de mão-de-obra nacionais para a construção de grandes infra-estruturas e obras públicas.

Como já foi explicitado no decurso da apresentação do presente trabalho, frequentemente, as respostas e reacções aos fenómenos de discriminação são dadas pelos grupos minoritários de forma colectiva, isto é, as comunidades organizam-se e congregam-se para fazer face às agressões de que são alvo. Quando essa organização se formaliza através de respostas colectivas, por parte de um grupo minoritário, está-se perante uma situação de associativismo étnico.

6.2 O papel do movimento associativo na defesa do grupo étnico



Figura.4

Nestas páginas dedicadas à problematização das pertenças identitárias dos jovens descendentes de imigrantes, das suas recriações identitárias, das suas pertenças e inclusão em distintos referenciais culturais que se entrecruzam, estiveram sempre presentes as questões das (des)igualdades de oportunidades e das estratégias utilizadas pelo grupo minoritários para as ultrapassar. Referiram-se estudos que dão conta da importância da identidade étnica destes grupos e da acção colectiva face a uma individualidade opaca ou mesmo invisível, é neste quadro que se resolveu destacar a relevância que o associativismo tem e (se julga continuará a ter), numa lógica de profissionalização dos seus dirigentes, de aumento dos seus recursos técnicos, de reflexão sobre os grupos que representa e estratégias de intervenção futuras de mobilização de actores-chave locais para acções positivas.

O movimento associativo tem tido um importante papel na defesa dos interesses dos grupos minoritários em Portugal, designadamente dos imigrantes e descendentes dos PALOP, tendo-se tornado num dos meios privilegiados para a criação de uma consciência colectiva destes grupos.

REX (1994 citado em ALBUQUERQUE *et al*, 2000: 17) entende as associações de imigrantes como estruturas complexas com propósitos, quer a nível da mobilização para a acção colectiva, quer em termos da promoção de instrumentos de reforço da sua identidade étnica.

“(…) As associações de migrantes não podem ser entendidas apenas como simples “instrumentos sociais” susceptíveis de serem mobilizados tendo em vista determinados fenómenos colectivos. Estas estruturas funcionam, igualmente, como meios que permitem preservar a herança cultural do grupo ou reforçar a sua própria identidade étnica (…)”

De acordo com CAPUCHA (1990:31 e 33) o associativismo é uma forma de organizar as populações, de lhes conferir autonomia e capacidade de decisão. Trata-se, *grosso modo*, de um meio de emancipação, de um modo de transformar os excluídos em grupos de pressão, capazes de se fazer representar e negociar com as organizações do poder.

Existem, segundo ALBUQUERQUE *et al* (2000:18), dois tipos de objectivos que as associações de imigrantes procuram cumprir, tendo em vista a resposta às necessidades dos seus associados. Uns de cariz mais cultural, que visam a conservação e afirmação da cultura de origem e do sentimento de pertença com base numa origem comum, construindo esse sentimento de pertença e transmitindo-o às gerações descendentes e um outro que pretende a prossecução de objectivos de natureza eminentemente material tendo em vista a inserção na sociedade de acolhimento.

Para estas autoras, as associações de imigrantes têm um papel preponderante durante as fases iniciais de adaptação social ao contexto migratório, por sedimentarem as solidariedades grupais, ao procurarem recriar nos novos contextos de inserção elementos das sociabilidade originais que se entrecruzam com as redes sociais que os imigrantes vão construindo na sociedade de acolhimento.

A pesquisa empírica realizada no bairro do Casal da Boba, corrobora a teoria de que são as associações étnicas as principais promotoras de actividades de expressão cultural e são estas que recuperam a memória colectiva dos imigrantes. Na realidade, à excepção do uso do crioulo, não existem outras formas de expressão de uma cultura de origem manifestadas pelos habitantes do bairro visíveis ao

observador. Não obstante, estas expressões estruturam as suas auto-representações e alimentam aquilo que os jovens entrevistados denominam de «afinidades culturais».

A evolução da intervenção das associações de imigrantes, no entender de ALBUQUERQUE *et al* (2000:21) tenderá a promover a procura de novos espaços de actuação, abrindo-se ao exterior, promovendo a participação dos grupos que representam de modo a torná-los intervenientes activos na vida social e no exercício dos seus direitos de cidadania.

Segundo SAINT-MAURICE (1997: 152) os grupos dominados apegam-se à categoria étnica de pertença, numa afirmação das características colectivas e num “apagamento” das suas características individuais. É pois no seio dos grupos com menores recursos, que estão mais afastados dos centros de decisão, excluídos de uma cidadania activa e participativa que o associativismo tende a ganhar forma e poder reivindicativo, podendo funcionar como instrumento de pressão para a aquisição de direitos e benefícios.

Por outro lado, dada a relevância do seu papel no seio de determinado grupo e a sua capacidade de mobilização colectiva, não raras vezes existem tentativas de instrumentalização política, como refere (CAPUCHA, 1996:39).

As associações consoante o dinamismo e visibilidade das suas acções, podem ser encaradas por aqueles que beneficiam da sua intervenção de forma positiva mas, simultaneamente, podem ser percebidas por outros grupos como negativas, por promoverem a autonomização dos grupos dominados e favorecerem as alterações das relações de poder estabelecidas.

Parte II Estratégia Metodológica utilizada

A metodologia escolhida para a realização da pesquisa de terreno, assenta na utilização de métodos qualitativos tendo em vista compreender os sujeitos a partir dos seus quadros de referência (CARMO *et al*, 1998:180)

Na escolha das metodologias a mobilizar para o estudo, estiveram sempre presentes os propósitos do trabalho, sendo a estratégia metodológica percebida como um instrumento útil e eficaz para a compreensão da problemática colocada pelo trabalho. Neste sentido, poder-se-á afirmar que a metodologia escolhida, procurou servir os objectivos do trabalho e não o inverso; foram, portanto os questionamentos da investigação e os seus objectivos que motivaram as opções metodológicas.

O território escolhido para a realização da pesquisa foi o bairro “Casal da Boba” situado numa área periférica de Lisboa, no concelho da Amadora. Trata-se de um bairro recente cuja população, antes do realojamento, se encontrava dispersa por vários bairros degradados do Concelho.

Este bairro, cujo realojamento foi iniciado em Outubro de 2001 e terminado em Dezembro 2004, é presentemente, habitado por uma população jovem, contrariando os dados nacionais e até concelhios. Neste bairro, residem um conjunto significativo de jovens que nasceram ou foram criados em Portugal mas cujos pais, são de origem cabo-verdiana, jovens que estão em “maioria” no bairro mas não em outros contextos sociais e situacionais, grupo sobre o qual a investigação incide.

A estratégia metodológica seguida pela investigação, partiu do discurso dos jovens sobre si próprios e sua «comunidade», o que se tornou quase num imperativo, por se considerar ser esta a melhor estratégia de abordagem às questões do projecto que se centram sobre as pertenças identitárias dos jovens cabo-verdianos.

Foi este o desafio colocado ao trabalho e concretamente à pesquisa empírica: o de compreender e interpretar os fenómenos de dentro para fora, partindo dos significados que os jovens conferem às suas experiências e vivências quotidianas.

1. A Metodologia do Estudo de Caso

A metodologia do “estudo de caso” permite uma investigação em profundidade de um determinado problema, tendo presente a importância do contexto para a compreensão e explicação dos fenómenos em análise.

O recurso à metodologia do estudo de caso pressupõe uma recolha profunda da informação e o cruzamento de diversas técnicas de pesquisa.

“(…) A metodologia do estudo de caso é particularmente apropriada para investigadores individuais porque faculta a oportunidade de um aspecto de um problema ser estudado em profundidade durante um determinado espaço de tempo (…).” BELL, Judith (1999) citada em SEABRA, Hugo (2005:97).

Hermano Carmo *et al* (1998) referem que num estudo de caso, os dados recolhidos podem ser de natureza qualitativa, quantitativa, ou ambas, simultaneamente, podem-se tratar de estudos de caso exploratórios e descritivos. Ao optar-se pelo método de investigação “estudo de caso” deverão ser acauteladas dimensões como a definição do problema da investigação e as questões de investigação que a fundamentam, as quais deverão ser norteadoras do estudo, preocupações que, aliás, estiveram sempre presentes ao longo da pesquisa.

Neste caso e face à opção metodológica tomada, considerou-se que o tipo de amostragem mais adequado à selecção dos casos, era a amostragem não probabilística, por se tratar de um estudo em profundidade de uma população definida e de dimensão reduzida.

Delimitado que está o significado desta prática de investigação, seus propósitos e adequação, passar-se-á a apresentar as motivações subjacentes à sua escolha. Optou-se pela realização de um estudo de caso, por motivos operativos, tendo em conta o tempo e os recursos disponíveis, mas também por razões substantivas, que se prendem com os próprios objectivos do estudo que passam por entender e analisar o discurso dos jovens cabo-verdianos residente no “Casal da Boba”, sobre si próprios.

1.1 Técnicas de recolha da informação

Foram utilizados diferentes instrumentos de recolha da informação, designadamente a pesquisa documental, a observação desapercibida como ferramenta exploratória, a observação participante e as entrevistas.

Com a pesquisa documental, pretendeu-se aprofundar o conhecimento sobre a temática versada pela investigação, através da consulta de bibliografia especializada. A recolha e análise documental permitiram, pelo contacto e confronto com outros estudos teórico-empíricos delimitar de uma forma mais eficaz, o objecto de estudo e repensar as questões fundamentais que o projecto pretende responder.

Deste modo assumiram importância a análise de artigos publicados em revistas científicas realizados em contextos de realojamento, estudos produzidos sobre a comunidade cabo-verdiana e sobre os imigrantes e descendentes dos PALOP de uma forma geral, investigações realizadas no âmbito das culturas juvenis e teses de mestrado e doutoramento em áreas afins às da presente investigação. Em síntese, um manancial de obras e artigos para suporte teórico do estudo.

A escolha do bairro “Casal da Boba” para o estudo dos jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos, suas estratégias e expressões de afirmação identitárias, resultou de um conjunto de circunstâncias que, reunidas, se traduziram na possibilidade de realização de um trabalho de investigação com as características pretendidas.³¹ A oportunidade, desde logo, surgiu da originalidade do território escolhido, como já anteriormente referido e pela própria composição étnica da população que reside no bairro, uma espécie de “mix étnico” que se pensa possa ajudar a compreender, entre outras coisas, se as relações entre as pessoas se organizam, predominantemente, a partir da sua pertença étnica (ou não), na medida em que, o bairro é habitado por pessoas de diversas nacionalidades, na sua esmagadora maioria cabo-verdianos e portugueses.

³¹ A investigação propunha-se a realização de um estudo de caso na Área Metropolitana de Lisboa, junto de um bairro de realojamento, cuja população fosse predominantemente oriunda de Cabo Verde.

Acresce que, este bairro de realojamento recente, desenvolve desde o ano de 2004 um projecto de intervenção de âmbito territorial³², que promove uma intervenção junto dos jovens do bairro e, em particular dos jovens descendentes de imigrantes já nascidos e socializados em Portugal.

Os contactos iniciais com o bairro foram feitos através do movimento associativo, concretamente, da *Associação Unidos de Cabo Verde* que se constituiu como uma importante referência no bairro.

A observação despercebida pelos observados³³ foi utilizada como ferramenta exploratória, isto é, foi a forma encontrada para se estabelecer um contacto prévio com o bairro procurando conhecer os principais espaços de encontro, as apropriações que os residentes fazem do território, observar os comportamentos das pessoas e as interacções que se estabelecem entre o grupo de pares no seu espaço de referência.

“(...) o papel que o investigador assume é ténue, passando completamente despercebido à população observada sem que esse facto possa considerar-se incorrecto do ponto de vista deontológico uma vez que as situações observadas ocorrem em ambiente aberto (...) bastando para tal que o observador visite assiduamente os locais frequentados pelo grupo-alvo (feiras, festas, locais de lazer) sem dar a conhecer o seu papel de observador (...)” (CARMO *et al*, 1998: 106-107).

O contacto com o bairro iniciou-se em meados do mês Abril de 2005, tendo sido feitas a partir dessa data, diversas visitas ao bairro sistematizadas numa espécie de diário de campo, tendo em vista registar impressões, conversas, reflexões suscitadas pelas observações sobre os habitantes do bairro e dos seus modos de estar no quotidiano, naquilo que autores como José Machado Pais (1996) e Hermano do Carmo *et al* (1998) designam de uma «observação participante passiva» e uma «observação participante despercebida pelos observados».

A observação participante tem sido uma técnica amplamente utilizada em investigação na área das migrações e relações étnicas. Este tipo de observação participante pressupõe um envolvimento directo do(a) investigador(a) no contexto em observação.

32 Projecto Financiado pela *Iniciativa Comunitária EQUAL* e que consiste numa parceria constituída pelo *Município da Amadora*, *Fundação Calouste Gulbenkian*, *ACIME* e um conjunto de outros parceiros locais que pretendem através de um projecto investigação-acção trabalhar prioritariamente junto dos jovens descendentes de imigrantes do bairro.

33 Terminologia utilizada por CARMO *et al* (1998:106)

No caso presente a técnica de observação foi utilizada como ferramenta complementar e/ou auxiliar, não se tendo produzido um tratamento sistematizado, por exemplo, através da análise de conteúdo da informação recolhida através deste método.

O recurso à observação participante pretendeu no essencial e através da participação em actividades organizadas para os habitantes, promover um clima de maior confiança entre a investigadora e os habitantes do bairro e, simultaneamente, estabelecer contactos para possíveis entrevistas. Por seu turno, procurou-se também através desta estratégia de recolha de informação compreender as dinâmicas relacionais que se estabelecem entre os grupos de jovens. Nesse sentido, sensivelmente a partir do mês de Outubro de 2005, participou a investigadora como observadora nas actividades que decorriam no bairro, tendo sido o seu papel totalmente assumido nestas circunstâncias. Procurou-se portanto sempre que possível, participar nas actividades organizadas que ocorreram no espaço do bairro e fora dele, recorrendo-se a registos fotográficos.

Não sendo esta a técnica de recolha de dados principal, terá permitido compreender as dinâmicas individuais e de grupo que se estabelecem aquando desses momentos de convivalidade e que, através de outros métodos seriam mais dificilmente apreendidos.

Considera-se este trabalho importante e apesar de exigente, pensa-se que terá conferido qualidade à investigação que aqui se enuncia. A ideia foi à semelhança do que nos revela, José Machado Pais (1996:69) " (...) Interactuar o mais directa e *naturalisticamente* com os jovens (...)"

Esta estratégia de observação durou até Maio de 2006 e sendo em parte concomitante com a realização das entrevistas aos informantes qualificados: jovens e instituições sedeadas na freguesia de S. Brás.

O método de recolha principal da informação foi a entrevista.

Procurou-se uma estratégia de recolha de informação que contribuisse para um conhecimento mais apurado da realidade, o que se justifica face à complexidade da(s) temática(s) em causa, daí as entrevistas serem na sua generalidade longas.

As entrevistas realizadas foram individuais, à excepção de uma situação³⁴, e com recurso a um guião semi-directivo, com perguntas abertas e portanto flexível, que se constituía como uma espécie de lembrete das questões mais relevantes do ponto de vista do estudo, procurando deixar-se espaço para o surgimento de um diálogo fluído e espontâneo.

As entrevistas não se limitaram às interrogações colocadas nos guiões em anexo, na medida em que, as conversas se iam desenvolvendo e, em função do potencial do entrevistado, podiam surgiam novas perguntas e respostas sobre o tema.

Procurou-se uma certa liberdade na condução das “conversas” tendo em vista não coarctar as opiniões dos entrevistados, todas igualmente válidas e permitindo uma relação de maior proximidade entre os/as entrevistados/as e a entrevistadora.

“(…) o desenrolar não directivo no interior do guião, permite ao inquiridor pôr questões para clarificar a história e facilitar o aparecimento de outras variáveis, desconhecidas no começo da pesquisa. O objectivo é facilitar o aprofundamento de cada um dos temas previstos. (...)” (POIRIER, 1995: 45 e 98)

O carácter flexível das conversas, pensa-se terá contribuído para uma construção sobre a(s) realidade(s) em presença, enriquecida e mais aproximada das formas de sentir dos entrevistados em matérias que, muitas das vezes, são dificilmente verbalizadas. Como nos diz José Machado Pais na sua obra (1996).

“(…) É importante ter acesso a outra realidade: que resulta da *forma* como os jovens descrevem as suas próprias realidades, seja essa descrição isenta ou não de distorções voluntárias ou involuntárias (...) o que fundamentalmente obtemos são produtos linguísticos - o que se diz -. Mas o que se diz pode não corresponder ao que se pensa ou ao que se faz. Com a *estratégia etnográfica* (...) procurei, tanto quanto possível descobrir o sentido do que os jovens me diziam (...)” (MACHADO PAIS, 1996:83-84)

Ainda no que diz respeito ao guião das entrevistas realizadas procurou-se que estes fossem simples e claros nas suas formas e conteúdos. Para os jovens e informantes qualificados do bairro foi concebido um guião mais curto e simplificado. Optou-se por não se colocarem questões que se poderiam revelar imperceptíveis ou excessivamente “teóricas” aos olhos dos entrevistados. O objectivo era o de recolher uma informação o mais próxima possível daquilo que são as suas verdadeiras formas

³⁴ Trata-se de uma entrevista a uma instituição presente no bairro, na qual estiveram presentes 2 pessoas a representar a instituição.

de sentir, de olhar para si e para os outros, para os seus modos de vida, para as instituições de apoio e/ou controle social.

Para as instituições entrevistadas construíram-se guiões individualizados. Existiam questões comuns nos diferentes guiões aplicados, de forma a permitir uma análise comparativa das visões existentes sobre o bairro e seus habitantes. Outras havia que eram adaptadas e mesmo construídas de novo, de modo a adequarem-se à missão das entidades no terreno e ao tipo de apoio prestado aos jovens do bairro da Boba.

1.2 Critérios de selecção dos entrevistados

O critério de selecção dos entrevistados obedeceu aos objectivos e questões colocadas pela pesquisa. Neste sentido, definiu-se que os jovens a entrevistar teriam idades compreendidas entre os 16 anos e os 30 anos. Isto porque se parte do pressuposto teórico de que, como nos diz MACHADO (1996), o conceito «jovem» é social e historicamente construído e sujeito a alterações ao longo do tempo.

Foram seleccionados 8 jovens do bairro que pelas suas características se enquadravam no perfil pretendido.

“(…) O critério do grande número de sujeitos interrogados, como justificativo da qualidade da pesquisa não funciona (...) actualmente as ciências humanas põem, de resto, em causa esta noção de representatividade - que supõe um mundo fechado, no interior do qual fosse possível descobrir, em todos os domínios, leis gerais, produtivas e deterministas. A validade do inquérito deve ir buscar-se noutro lado, através da confrontação com documentos de outra natureza (...)” (POIRIER, 1995:9).

Os dirigentes associativos foram numa fase inicial um importante veículo para se estabelecer o contacto com os jovens a entrevistar. Numa fase subsequente, funcionou sobretudo a amostragem em bola de neve³⁵ e também o apoio do *Município da Amadora* na identificação de jovens que participavam no projecto de intervenção territorial do bairro e que estavam a desenvolver actividades no terreno.

As entrevistas foram realizadas a jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 30 anos de idade e procuraram abranger uma repartição entre géneros equitativa, bem como situações diversas, dentro do intervalo de idades definidos, em termos de

³⁵ Este tipo de amostragem implica que a partir de elementos da população já conhecidos se identifiquem outros elementos da mesma população. Os primeiros indicam os seguintes e assim sucessivamente. A amostra cresce como uma bola de neve (CARMO *et al*, 1998:199)

escolaridade e de situação face ao emprego. As entrevistas foram aplicadas a jovens de ambos os sexos descendentes de cabo-verdianos do bairro, nascidos ou criados em Portugal, independentemente da sua nacionalidade, como o quadro apresentado abaixo evidencia.

Quadro nº 3: Caracterização dos jovens entrevistados

Idade	Sexo	Nacionalidade	Habilitações Escolares	Ocupação Actual ³⁶
16 anos	Masculino	Cabo-verdiana	4º ano de escolaridade	Sem ocupação
19 anos	Feminino	Portuguesa	9º ano de escolaridade	Estudante do 11º ano
20 anos	Masculino	Portuguesa	9º ano de escolaridade	Estudante
24 anos	Feminino	Portuguesa	12º ano	Facilitadora do bairro ³⁷
28 anos	Masculino	Portuguesa	6º ano de escolaridade	Vai iniciar curso de reconhecimento e validação de competências na Santa Casa de Misericórdia de Lisboa (RVCC) Vai iniciar curso de Fotografia no Instituto de Fotografia
29 anos	Masculino	Portuguesa	9º ano de escolaridade	Desempregado há 1 ano
30 anos	Feminino	Portuguesa	9º ano de escolaridade	Empregada de balcão num café
30 anos	Feminino	Cabo-verdiana	8º ano de escolaridade	Operadora de caixa

A identificação dos informantes qualificados é relevante no quadro de uma investigação desta natureza já que se constituem como veículos privilegiados de acesso à informação pertinente sobre as identidades juvenis, possibilitando a compreensão de algumas das práticas e modos de viver dos jovens do bairro, ao mesmo tempo que legitimam a presença do investigador no terreno.

“(…) Designam-se como informantes privilegiados os membros do grupo ou da comunidade em estudo que, devido à posição que ocupam nessa unidade social e à informação que sobre ela detêm, constituem uma permanente fonte de informação fidedigna (…)” (ROCHA-TRINDADE *et al*, 1995 :120)

³⁶ Ocupação à data em que foi realizada a entrevista.

³⁷ Trata-se de uma actividade que se insere no projecto de intervenção territorial desenvolvido no bairro pelo Município da Amadora e um conjunto de outros parceiros institucionais financiado pela Iniciativa Comunitária EQUAL, que pretende acompanhar de perto das crianças e jovens do bairro com recurso a interlocutores privilegiados, outros jovens do bairro.

As entrevistas foram iniciadas pelos dirigentes associativos, que de certo modo, também se podem considerar fonte de informação privilegiada³⁸ de conhecimento, por terem uma visão bastante abrangente do bairro e dos jovens.

Esta fase do trabalho foi de extrema importância por permitir abrir o leque de canais de informação disponíveis ao investigador e consistiram num conjunto de conversas informais (ou com essa pretensão de informalidade) a um grupo de pessoas que evidenciavam um conhecimento sobre as dinâmicas de grupo presentes no bairro.

A auscultação das instituições-referência presentes no bairro decorreu de um conjunto interligado de factores que evidenciam a importância destas serem ouvidas. Foram entrevistadas sete instituições sedeadas no bairro.

Primeiramente, porque boa parte das entidades entrevistadas, são membros participantes do projecto de intervenção territorial que tem estado a ser desenvolvido no bairro o que, entre outros factores, lhes permite um contacto próximo da população. Em segundo lugar, por se julgar que a sua participação no estudo poderá contribuir para compreender o *vai-e-vem* de relações que se estabelecem entre as instituições e a população do bairro e as imagens que vão sendo construídas, nesta troca de relações, mesmo não sendo esse o objectivo primordial do estudo.

Na realidade, as relações de proximidade ou afastamento que se estabelecem com as instituições, constituem-se como um dos indicadores que permitem compreender o grau de inserção social da população entrevistada. Isto partindo da premissa que quanto maior for a proximidade em relação às instituições e o domínio e conhecimento dos seus códigos, maior é a autonomização do indivíduo e facilidade de inserção social. Por último, e tendo em conta que as auto-imagens são em muito construídas pelas imagens que os outros projectam de “Nós” enquanto grupo, procurou-se compreender que imagens constroem as entidades entrevistadas sedeadas no bairro, sobre o bairro e sobre a população para a qual trabalham.

³⁸ Os dois dirigentes associativos entrevistados, apesar de um conhecimento aprofundado da realidade em estudo, não foram caracterizados como informantes qualificados, por lhes terem sido colocadas um conjunto de questões em entrevista com recurso a um guião semi-directivo adequado à sua posição estatutária de dirigentes associativos.

1.3 A análise de conteúdo

Entende-se a análise de conteúdo como um importante instrumento ao serviço da interpretação dos dados recolhidos numa investigação que neste caso, é de natureza declaradamente qualitativa.

BARDIN (1997) citado em CARMO *et al* (1998: 251-252) refere que:

“(...) A análise de conteúdo não deverá ser utilizada apenas para se proceder à descrição das mensagens, pois a sua principal finalidade é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente de recepção), com a ajuda de indicadores (quantitativos ou não) (...)”

As entrevistas realizadas aos jovens, informantes qualificados e instituições do bairro foram tratadas através da análise de conteúdo, na tentativa de procurar o(s) sentido(s) daquilo que é dito.

As entrevistas aos jovens constituem-se como o aspecto central da recolha de informação, é nas suas respostas que reside o essencial das questões sobre as quais o projecto deseja obter respostas fidedignas. Foi portanto sobre as entrevistas dos jovens que foi feito um maior investimento de análise e descodificação de significados por detrás do seu discurso.

As transcrições foram feitas à medida que a informação foi sendo recolhida e realizadas as primeiras leituras e análise das significações. A descodificação dos significados e as interpretações que decorrem da análise feita à informação recolhida consubstanciam-se no modelo analítico apresentado na parte III do presente trabalho relativa à análise dos resultados da pesquisa empírica.

1.4 Limitações e vantagens da estratégia metodologica escolhida

As vantagens assentam no facto da metodologia escolhida, através das técnicas auxiliares que disponibiliza associadas a uma boa recolha e tratamento da informação, poderem contribuir para a compreensão da problemática em estudo. Julga-se portanto, que a metodologia escolhida se revelou a mais adequada tomando por referência os propósitos do trabalho.

Acresce que, se a abordagem qualitativa escolhida, valoriza as opiniões dos sujeitos, os seus modos de viver e sentir no seu quotidiano, esta estratégia de recolha da informação implica um investimento, medido pela dedicação de tempo por parte do investigador e, por vezes, também dos entrevistados significativo. Os processos de recolha e tratamento de dados são longos e implicam algum tempo de familiarização com os objectos de estudo e com os próprios instrumentos de recolha e tratamento de informação. Não tendo sido o caminho escolhido o mais simples foi, contudo, considerado o mais adequado face aos objectivos e questões do trabalho.

A riqueza da informação retirada da pesquisa de terreno deverá ser trabalhada e interpretada. Surgem então, as dificuldades em descodificar mensagens, desconstruir os estereótipos em contextos de algum modo provocados, como é o contexto da entrevista.

É pois um esforço considerável para o(a) investigador(a), esse da desocultação dos significados mais profundos e, portanto, raras vezes claramente verbalizados. O descodificar de mensagens, o desconstruir estereótipos, o desocultar de “realidades” não assumidas, foi procurado através da análise de conteúdo das entrevistas realizadas.

Por ultimo, o olhar do investigador transporta também um conjunto de códigos, signos e valores, por vezes contrastantes com os objectos alvos da investigação, o que requer um trabalho de distanciamento face a estes objectos de estudo, aos seus próprios referenciais. Esta foi uma preocupação muito concreta e norteadora do trabalho de campo, não deixando embora de ser um elemento dificilmente transponível e, portanto, portador de alguma subjectividade.

O ponto seguinte pretende de forma resumida fazer a apresentação do bairro onde a pesquisa empírica teve lugar.

2 Apresentação do contexto territorial

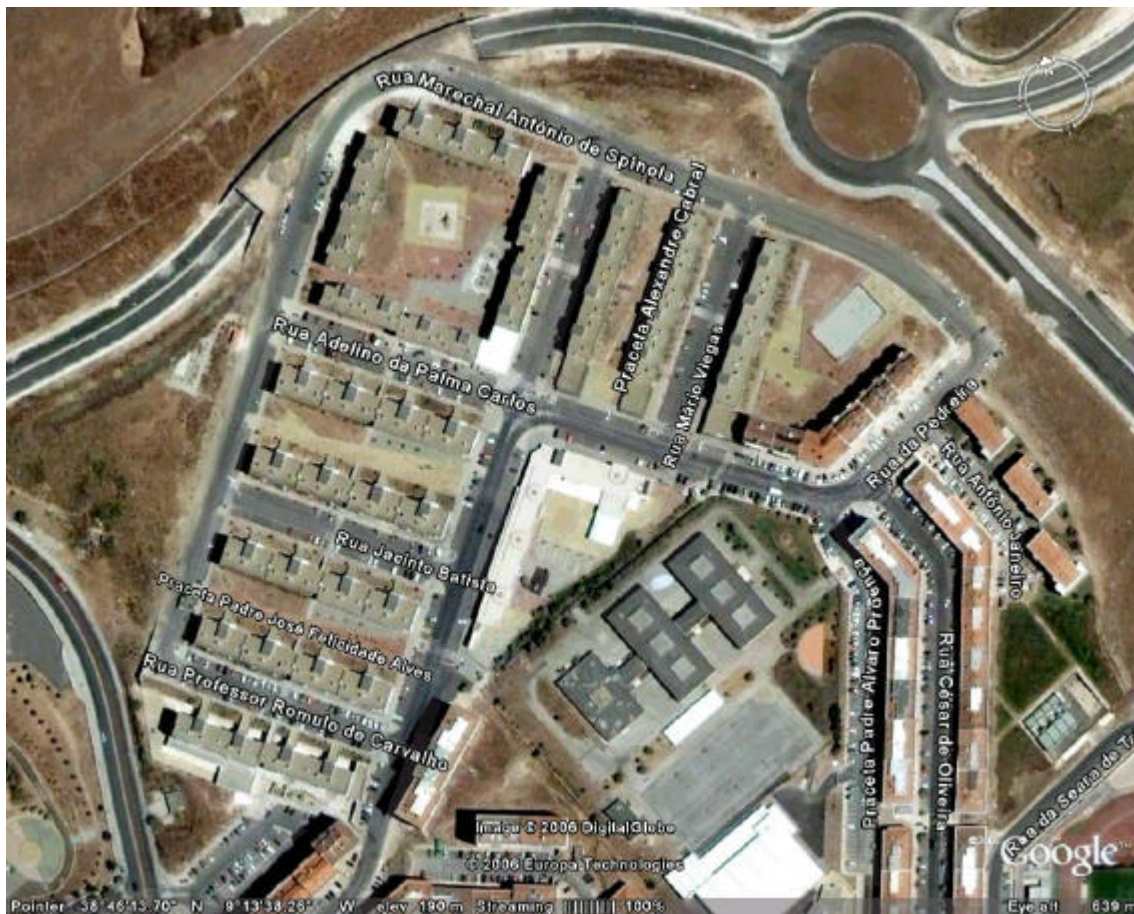


Figura 5

O bairro do Casal da Boba situa-se a Norte da Amadora junto ao bairro residencial do Casal de S. Brás. O bairro insere-se na malha urbana da cidade e integra não só fogos para o realojamento, como fogos comercializados a custos controlados, cerca de 210 habitações de acordo com os dados da Câmara³⁹, destinadas a pessoas com fracos recursos que habitem o concelho, como forma de contrariar a tendência de “ghettização” do bairro e dos seus moradores.

O Casal da Boba foi construído de raiz e realojou 475 agregados num período de cerca de 3 anos. Os edifícios foram implantados em banda, volumetria de 5 pisos, predominando as tipologias T2, T3 e T4, segundo dados oficiais da Câmara⁴⁰

A maioria dos residentes do bairro é proveniente de bairros degradados do concelho, designadamente das Fontainhas, Bairro Azul e Alto dos Trigueiros.

³⁹ Cf. Diagnóstico social da Boba (2005:15)

⁴⁰ Cf. Diagnóstico social da Boba (2005: 14)

A população realojada no bairro “Casal da Boba” perfaz um total de 1592 indivíduos. Trata-se de uma população extremamente jovem, quase metade da população é constituída por crianças e jovens até aos 24 anos. É portanto relevante o peso dos habitantes do Casal da Boba em idade escolar e/ou activa. Contrariamente aos dados nacionais e até mesmo do concelho, o bairro apresenta uma população jovem na base e no topo, isto é, apresenta uma base alargada de população jovem e um número relativamente restrito de população idosa, 8% da população total com 65 ou mais anos.⁴¹

Do ponto de vista da composição étnica do bairro perpassa a ideia (construída) de que a população é quase na sua totalidade constituída por imigrantes e seus descendentes e que estes apresentam especificidades reprodutoras dos fenómenos de exclusão. Esta não é, no entanto, a realidade toda do bairro.⁴²

O perfil social dos residentes é tendencialmente desfavorecido, assente em baixos rendimentos e qualificações escolares e profissionais, o que culmina numa reprodução social intra-geracional e em dinâmicas familiares de instabilidade e situações de clandestinidade⁴³.

Refira-se que existe um conjunto significativo de residentes que não beneficiam do Rendimento Social de Inserção, por se tratarem de imigrantes clandestinos, o mesmo se verifica na atribuição do subsídio de desemprego.

No contexto do bairro imperam pelos motivos já identificados, a baixa escolaridade e qualificação profissional e a economia paralela e informal como forma de obtenção ou complemento de rendimentos.

“(…) Apesar de estarem desempregados, muitos dos residentes fazem “biscates” não declarados. Esta economia tem um peso significativo no bairro, pois apesar da população não activa ter aumentado, em paralelo há um aumento significativo nos rendimentos dos agregados, facto que ocorre à margem da atribuição de subsídios, pois, apenas 11 agregados referiram estar a receber Rendimento Social de Inserção e 5 subsídio de desemprego (...)” (Diagnóstico Social da Boba, 2005: 49)

⁴¹ Cf. Diagnóstico social da Boba (2005: 18)

⁴² Cf. MACHADO, Fernando Luís *et al* (2005:7)

⁴³ Cf. MACHADO, Fernando Luís *et al* (2005:6)

Feita que está uma breve apresentação do contexto onde ocorreu a investigação e da composição social da população, o próximo capítulo apresentará o modelo analítico da pesquisa e a interpretação dos principais resultados obtidos.

Parte III Jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos do bairro do Casal da Boba: pertenças identitárias em construção.

O modelo analítico subjacente à pesquisa assenta em pressupostos teóricos já referidos no enquadramento da presente pesquisa⁴⁴ que agora se sumarizam:

As identidades dos jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos são múltiplas e socialmente construídas;

As identidades não são imutáveis mas passíveis de alteração e de reactualizações;

As identificações entrecruzam-se e combinam dimensões várias numa sobreposição de pertenças e referências identitárias novas;

Para a compreensão das estruturações identitárias dos jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos é importante conhecer o seu enquadramento social;

As manifestações identitárias dos jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos afirmam-se sobretudo através de uma identidade étnica e colectiva.

⁴⁴ Cf. pp.5-6 do presente trabalho

Quadro 4 Objectivos pretendidos e questões colocadas aos jovens e informantes qualificados do bairro

TEMAS	OBJECTIVOS	QUESTÕES
<p>As identificações dos jovens entrevistados</p>	<p>Entender como se constituem as identificações dos jovens entrevistados.</p> <p>Compreender as relações que se estabelecem entre a nacionalidade e o sentimento de pertença e se estas são coincidentes ou não.</p> <p>Conhecer a importância (ou não) conferida às origens.</p>	<p>Onde é que nasceste?</p> <p>Onde é que os teus pais nasceram?</p> <p>Qual é a tua nacionalidade?</p> <p>Independentemente da tua nacionalidade sentes-te Cabo-verdiano e/ou Português?</p> <p>Que língua falas em casa? E com os teus amigos?</p> <p>Achas que a tua origem cabo-verdiana te traz vantagens?</p>
<p>Percurso individual: escola/trabalho/expectativas face ao futuro/ ocupação dos tempos livres</p>	<p>Conhecer o posicionamento dos/as jovens descendentes de Cabo-Verdianos face ao futuro; Compreender se, na sua opinião, o futuro resultará de factores externos (o contexto social de inserção) ou internos (decisões e opções individuais).</p>	<p>Estudas ou trabalhas?</p> <p>Qual é a tua actividade profissional?</p> <p>Há quanto tempo trabalhas? Tens contrato trabalho?</p> <p>O que gostarias fazer no futuro a nível profissional?</p> <p>Como ocupas os teus tempos livres?</p> <p>O que mais gostas de fazer com os teus amigos?</p> <p>Essas actividades de tempos livres são feitas dentro ou fora do bairro?</p> <p>Que espaços do bairro são ocupados pelos jovens?</p>
<p>O bairro visto de dentro: sentimento de pertença ou de afastamento</p> <p>Impactos causados pela mudança de bairro</p> <p>Importância do ambiente do bairro e dos equipamentos existentes</p>	<p>Apreender como o bairro é visto por quem o habita, o estado de apropriação/integração no bairro.</p> <p>Compreender como se desenvolvem os laços de proximidade, familiares, de amizade e vizinhança no interior do bairro.</p> <p>Identificar soluções existentes para o bairro por parte dos jovens/informantes qualificados.</p>	<p>Resides aqui no bairro? Se sim, desde quando?</p> <p>Onde é que moravas antes de vires para aqui?</p> <p>O que achas do teu bairro?</p> <p>Foi fácil a integração neste novo espaço (bairro)?</p> <p>Mudou alguma coisa na tua vida com a tua vinda para este novo bairro?</p> <p>A maior parte das pessoas que aqui vivem, já as</p>

TEMAS	OBJECTIVOS	QUESTÕES
Ideias para o bairro		<p>conhecias antes ou não?</p> <p>Desde que mudaste para o "Casal da Boba" fizeste novas amizades ou continuas a ter os mesmos amigos?</p> <p>O que pensas poderia ser melhorado no bairro?</p>

Quadro 5 Objectivos pretendidos e questões colocadas aos jovens e informantes qualificados do bairro

TEMAS	OBJECTIVOS	QUESTÕES
<p>Auto-representações e hetero-representações dos jovens descendentes de Cabo-Verdianos.</p> <p>Existência de modos/estilos de vida partilhados pelos jovens do bairro e por jovens de outros bairros</p> <p>Relações interétnicas dentro e fora do bairro</p>	<p>Compreender as auto e hetero-representações dos jovens descendentes de cabo-verdianos: como se vêem estes jovens enquanto comunidade, como acham que são vistos e como vêem os outros, os de fora.</p> <p>Conhecer a existência de homogeneidades ou heterogeneidades nas suas auto-definições enquanto comunidade.</p> <p>Identificar a existência de estilo(s) de vida partilhados pelos jovens no interior do bairro e fora dele.</p> <p>Perceber se as relações dos jovens, no bairro e fora dele, são organizadas a partir da pertença étnica.</p>	<p>O que é que te diferencia dos jovens do teu bairro? O que é que te aproxima dos jovens do teu bairro? Achas que são diferentes de outros jovens de outros bairros? Se sim, em que reside essa diferença? Consegues descrever/caracterizar os jovens aqui do bairro? As relações entre os jovens aqui do bairro são boas? Que factores achas que contribuem para a aproximação entre os jovens do bairro? Quais são os principais focos de conflitos entre os jovens do bairro? Que factores contribuem para o seu afastamento? Os teus maiores amigos têm origem Cabo-verdiana ou são portugueses? Sabes explicar porquê?</p>
<p>Existência de estratégias de afirmação positiva</p>	<p>Perceber se existem estratégias de afirmação positiva.</p>	<p>Como ocupas os teus tempos livres? O que mais gostas de fazer com os teus amigos? Que espaços do bairro são ocupados pelos jovens? Integras alguma associação ou organização de bairro?</p>
<p>Representações das instituições locais</p>	<p>Conhecer as representações construídas face às instituições locais.</p>	<p>O que pensas que poderia ser melhorado no bairro? Quais são os principais equipamentos (lazer/culturais, comércio e apoio social) que existem no bairro? Que equipamentos achas que fazem falta no bairro?</p>

1.As identifições dos jovens entrevistados: jovens com identifições tendencialmente cabo-verdianas, jovens com dupla identificação e jovens com identifições tendencialmente portuguesas.

Tendo em vista responder ao conjunto de interrogações suscitadas pela pesquisa, nomeadamente ao nível das identifições construídas pelos jovens descendentes de cabo-verdianos do bairro do Casal da Boba e as configurações que assumem, procurou-se, através da pesquisa empírica, apreender pelo menos parte dessa realidade complexa que são as construções e definições identitárias, suas actualizações e recriações.

As respostas sugerem caminhos e pistas de reflexão relevantes do ponto de vista dos objectivos do presente estudo; as identifições dos jovens vão perdendo a sua opacidade à medida que a conversa com os entrevistados vai fluindo, e se liberta do discurso construído.

A análise de conteúdo permitiu compreender e criar uma tipologia que salienta três tipos de identifições nos jovens entrevistados relativamente ao seu posicionamento quanto aos sentimentos de pertença, independentemente da sua nacionalidade: *jovens com identifições tendencialmente cabo-Verdianas, Jovens com dupla identificação e jovens com identifições tendencialmente portuguesa*. Esta categorização aponta apenas tendências, aproximações por parte dos jovens, a um dos pólos da identificação, já que se está perante um fenómeno complexo, com uma importante carga afectiva e subjectiva cujos contornos são difíceis de definir.

Assim, as várias questões e categorias de análise, entrecruzam-se e é através do seu cerziamento que se procura compreender a problemática que subjaz ao presente trabalho. A autonomização destas categorias, releva do facto de permitir uma análise mais simplificada das multiplas dimensões e conexões que se estabelecem entre os temas abordados nas entrevistas.

As categorias presentes no discurso dos entrevistados que estruturam as suas identificações são as que abaixo se apresentam.

- ?? A nacionalidade
- ?? A noção de pertença.
- ?? As origens assentes numa memória étnico-cultural colectiva partilhada.
- ?? As afinidades culturais
- ?? O contexto familiar.
- ?? A relação com a sociedade portuguesa.

Como ponto prévio da análise refira-se que todos os inquiridos têm ascendência cabo-verdiana e, na sua grande maioria, a nacionalidade portuguesa (6/8), por via da naturalização ou do nascimento, no caso dos jovens nascidos em território nacional antes da Lei de 3 de Outubro de 1981 (*jus soli*). A Lei de 1981 introduziu o princípio do (*jus sanguini*) em Portugal, passando a partir dessa data a nacionalidade a destinar-se exclusivamente aos filhos de cidadãos nacionais⁴⁵.

Segundo a análise tipológica aqui apresentada, consideraram-se *jovens com identificações tendencialmente cabo-verdianas* aqueles que claramente afirmam sentir-se cabo-verdianos por referência a uma origem e passado comuns, ainda que distantes e ficcionados, bem como à transmissão de uma cultura específica no contexto familiar.

Não só de identificações positivas se constroem as identificações dos jovens entrevistados, a identificação negativa, a estigmatização e desvalorização associada à cor da pele é muito referenciada pelos jovens entrevistados como sendo um rótulo de subalternidade e de comportamentos desviantes. A discriminação de que os seus pais e eles próprios são alvo, apesar de terem nascido e/ou sido criados em Portugal, é também um dos motivos enunciados para as construções das identificações destes jovens serem tendencialmente cabo-verdianas.

⁴⁵ Todos os os jovens entrevistados nasceram em Portugal, à excepção de um caso que nasceu em São Tomé mas que veio para Portugal ainda em criança.

"(...) Isto parece que cada dia, fica pior, porque agora os da 2ª geração que são filhos de cabo-verdianos, nascidos cá, não se identificam com Cabo Verde e não se identificam com Portugal e isso é muito mau porque nasceram cá, são portugueses mas não são considerados como tal e então, por isso, não se conseguem identificar como portugueses (...). Há jovens bons e jovens maus em qualquer sítio do mundo, mas nós aqui, basta ser um jovem negro para sermos rotulados como delinquentes, como ladrões, como tudo e mais alguma coisa de mau e isso torna os nossos jovens um bocado agressivos, procuram uma defesa, uma defesa que é o que eles sabem responder e às vezes querem responder de outra maneira e não sabem porque ... por causa da própria rejeição (...)" (jovem do bairro Casal da Boba, nacionalidade Cabo-verdiana, 30 anos).

O negro mesmo sendo português continua a ser visto como estrangeiro, daí os resultados apurados no terreno indicarem uma identificação primária dos jovens do "Casal da Boba", tendencialmente com Cabo Verde.

"(...) Tento a cada dia que passa ver se, prontos, a sociedade Portuguesa me aceita, é assim tem aceitado até agora mas não a 100% porque sou preta, estás a perceber? É o que eles dizem, eu tenho muitos amigos portugueses e trabalho com muitos portugueses mas... às vezes sou vista como portuguesa, às vezes sou vista como estrangeira mas normalmente como estrangeira (...). Faz muita diferença, muita mesmo, não ser branco ... parece que é um crime o ser preto aqui em Portugal (...)" (Jovem do bairro Casal da Boba, 30 anos, nacionalidade Cabo-verdiana)

Na categoria de *jovens com identificações tendencialmente cabo-Verdianas*, existem os que constroem as suas identificações, a partir da negação, isto é, a rejeição da sociedade portuguesa espoleta a procura de identificações com as origens, ainda que estas sejam ficcionadas. Talvez nessa medida não seja correcto falar numa opção individual, mas numa estratégia de integração (colectiva) num dos pólos, naquele que os inclui e reconhece como seus semelhantes. Os testemunhos recolhidos abaixo apresentados comprovam este pressuposto.

Quadro nº 6 Jovens com identificações tendencialmente Cabo-Verdianas

Jovens com identificações tendencialmente Cabo-Verdianas
" (...) Sinto-me cabo-verdiano porque cresci no meio de cabo-verdianos. No bairro (Fontainhas) todos éramos cabo-verdianos. Sentia a discriminação, não éramos aceites como portugueses (fora do bairro)" (...) Hoje em dia é diferente, as crianças de hoje já se sentem portuguesas, a minha filha já se sente portuguesa. Já se sente menos racismo (...)"
(...) Sinto-me cabo-verdiano porque sempre fui negado pela sociedade em que vivemos. Sentia-me completamente negro, és discriminado por usares brincos, vestires roupa larga, usares trancinhas. Por outro lado, me sinto português porque sei os meus direitos. Até aos 14/15 anos fui um adolescente inconsciente, há aquela rejeição da sociedade portuguesa e também uma auto-rejeição, auto-rejeitas-te, auto-discriminas-te. Acho que de certa forma era racista, se me dissessem mal daquele branco, acreditava e ia e dava-lhe porrada. Hoje o racismo está menos, há maior abertura, antigamente, há 15 anos atrás, era impensável namorar com uma branca, hoje está mais liberal. Portugal mudou assim a sua atitude mas vai haver sempre racismo mas de outras formas (...) os brancos vestiam-se melhor pois tinham mais dinheiro, então eram "betos" e dizíamos: -"Vamos catar aquele beto", em Portugal identifica-se muito as pessoas pela roupa. (...)"
" (...) cabo-verdiana sem dúvida (...) porque tenho influência dos meus pais claro, a minha família é toda cabo-verdiana, tenho origens cabo-verdianas e sinto-me cabo-verdiana (...) Talvez na maneira de ser, por exemplo, eu na escola dou-me mais com colegas cabo-verdianos do que com os portugueses, não é por racismo nem nada disso, mas é ... talvez a cultura que passamos entre nós, é diferente da dos portugueses, então eu sinto-me melhor a falar com uma pessoa cabo-verdiana, mais à vontade do que com o português, talvez me perceba melhor do que um português (...)"
" (...) Um pouco dos dois (...)" (... Eu sinto-me cabo-verdiano ... não sei explicar (...)"

De entre os jovens entrevistados, houve alguns que expressaram dificuldades em se posicionar, relativamente ao seu sentimento de pertença, por partilharem referências e identificações, quer cabo-verdianas quer portuguesas, construídas no seio familiar e posteriormente reapropriadas e readaptadas por estes jovens, no contacto com a escola, o mercado de trabalho e outras instituições. Estes jovens de acordo com a tipologia construída, designam-se de *Jovens com dupla identificação* (3/8).

Quadro nº 7 Jovens com dupla identificação

Jovens com dupla identificação
" (...) Eu sinto-me como disse parte a parte porque também há coisas que ... eu sou portuguesa porque nasci cá, sempre vivi cá, sempre estudei ... os meus amigos a maioria sempre foram de cá, nunca senti-me 100% cabo-verdiana por essa razão porque se calhar, se eu tivesse nascido lá e vivido e depois vindo para cá, se calhar podia-me sentir mais de lá ou menos de cá mas é parte a parte (...) Tenho um bocado de cada mas também se calhar agora estou mais envolvida com cabo-verdianos (...)"
" (...) É claro que eu agora com o passar do tempo, estou-me a sentir mais português, mas pronto, a cultura é cabo-verdiana, não deixa de ser cabo-verdiana, por seguir a minha cultura, por falar a língua dos meus pais, por seguir aquele exemplo que os meus pais ... a educação que os meus pais me deram que é diferente, é muito diferente da educação que os portugueses dão aos filhos (...) Porque nasci cá ... porque também estou um bocado a par da cultura portuguesa (...)"
" (...) Sinto-me portuguesa, é claro que eu tenho cultura africana, tenho cultura cabo-verdiana que, prontos, oriundo muito dos meus pais mas eu sinto-me Portuguesa, identifico-me com os portugueses, identifico-me muito (...) Os vícios que eu tenho, por exemplo, aprendi ... o falar o português ... porque o cabo-verdiano que não estudou cá, que não se integra minimamente na sociedade portuguesa, fala um

Jovens com dupla identificação

Português assim diferente (...) eu identifico-me imenso com Cabo-Verde mas também identifico-me muito com Portugal por isso tenho essas duas facetas (...)"

E aqueles que assumidamente se posicionam como *jovens com identificações tendencialmente Portuguesas* (1/8). De entre os entrevistados, apenas uma jovem se afirma sentir claramente portuguesa. Essa afirmação, em nada colide com a partilha dos mesmos referenciais dos outros jovens entrevistados, com a partilha, do que atrás se designou por «afinidades culturais», práticas quotidianas distintas das portuguesas e que no entender destes jovens são distintivas de uma cultura caboverdiana ou africana.

Quadro nº 8 Jovens com identificações tendencialmente Portuguesas

Jovem com identificação tendencialmente Portuguesa

"(...) Sinto-me portuguesa (...) Eu sabendo que nasci cá, eu não faço aquela referência em termos de ... porque os meus pais nasceram lá e eu sou cabo-verdiana (...) Eu, Cabo Verde conheço porque fui lá duas vezes, então até agora é sempre cá e quando fui lá passar férias e ... sinto-me mais como portuguesa (...)"

1.1. Da nacionalidade ao sentimento de pertença.

A terminologia *Jovens tendencialmente ...* é utilizada para ilustrar a pluralidade de influências e referências que estes jovens mobilizam na construção das suas identificações e que passam por uma partilha de elementos de identificação cabo-verdianos e portugueses, aproximando-se uns jovens mais da identificação com as suas origens e outros mais com Portugal. Seria, no entanto, pouco prudente, afirmar não obstante os discursos mais ou menos elaborados e construídos, que existem jovens com identificações, só portuguesas ou só cabo-verdianas. Daí a opção, por designá-los como jovens com *identificações tendencialmente cabo-verdianas*, *jovens com identificações tendencialmente portuguesas* e *jovens com dupla identificação*, por se observar no decurso das entrevistas que a definição ou a inclusão clara num dos lados é complexa e por vezes contraditória.

Como tem sido amplamente estudado, o sentimento de pertença a um País é bastante mais complexo e ultrapassa largamente os aspectos de natureza formal que deverão ser cumpridos para a aquisição da nacionalidade, não obstante, a nacionalidade assume particular importância no contexto do exercício de uma

cidadania activa, como se pode constatar pelo testemunho de uma das jovens entrevistadas abaixo apresentado. O que aqui se procura clarificar face aos dados recolhidos, é o facto da aquisição da nacionalidade por si só, não se transformar num sentimento de pertença dos indivíduos, isto é, não alterar *per si*, as identificações construídas no seio familiar e consolidadas no grupo de amigos.

Ao contrário, os estudos desenvolvidos por VALA (2003) têm demonstrado que a nacionalidade e as identificações e/ou sentimento de pertença a um País, não são coincidentes. A nacionalidade não se traduz, necessariamente, numa Identificação com o País. O sentimento de pertença a um território pressupõe a identificação com o mesmo, com um conjunto de referências, de elos de ligação, de afectividades e sobretudo uma aceitação e reconhecimento do seu papel por parte da sociedade em geral.

Também para os jovens entrevistados, no contexto da pesquisa empírica que aqui se apresenta, as questões da nacionalidade e do sentimento de pertença são situações distintas, que não se confundem. A nacionalidade tem a ver com um aspecto formal, relevante do ponto de vista da aquisição de direitos de cidadania. O sentimento de pertença aparece ligado às identificações propriamente ditas. Neste sentido, a nacionalidade e o sentimento de pertença podem ou não ser coincidentes.

A nacionalidade portuguesa, como se constata na apresentação do quadro seguinte é vista pelos entrevistados como um importante elemento de inclusão social e facilitador das relações na sociedade portuguesa, nomeadamente por permitir um acesso facilitado à educação, aos apoios sociais, ao mercado de trabalho, à mobilidade e às oportunidades em geral.

Quadro nº 9 Nacionalidade e sentimento de pertença

Nacionalidade e sentimento de pertença	
<p>Jovem do bairro com nacionalidade portuguesa Dupla identificação</p>	<p>“(…) Acho que também não tinha cabimento ter a nacionalidade cabo-verdiana, não nasci lá e nem sequer conheço e depois era mais fácil para tudo, em termos de escola, trabalho (...) e eu acho que por mais que sinta ... adore os meus pais e adore a terra onde eles nasceram, tenho que ... digamos que ser de onde nasci, né? Tenho que aceitar a terra onde nasci e é Portugal e se eu quero ter direito a documento tenho também que me sentir português (...)”</p>
<p>Jovem do bairro com nacionalidade portuguesa Jovem com identificação tendencialmente Cabo-verdiana</p>	<p>“(…) Portuguesa (...) desde os meus 13 ou 14 anos mas antes tinha dificuldades, por exemplo, se eu quisesse viajar e como os meus pais tinham nascido lá, obrigatoriamente eu era cabo-verdiana e então tinha dificuldades em viajar porque depois também tinha problemas com os documentos, com a autorização de residência e isso tudo (...)”</p>

Nacionalidade e sentimento de pertença	
<p>Jovem do bairro com nacionalidade portuguesa</p> <p>(Cont.)</p> <p>Dupla identificação</p>	<p>“(…) Portuguesa (...) fiquei já com a portuguesa aos onze anos (...) há vários que nasceram cá e não têm essa sorte depois enquanto não sair a nova lei, se calhar para elas é bastante difícil e vêem a sua vida muitas vezes não é a andar para trás mas com bastantes dificuldades e barreiras por causa disso (...)”</p>
<p>Jovem do bairro com nacionalidade cabo-verdiana</p> <p>Dupla identificação</p>	<p>“(…) Não, não quero a nacionalidade cabo-verdiana, não quero para nada, não me serve para nada, vou mesmo pedir a nacionalidade portuguesa tenho mais hipóteses, tenho mais portas abertas, porque com a nacionalidade cabo-verdiana, não temos nada, nada mesmo (...) É assim, a nível de emprego, não temos empregos em condições e eh pá ... a nível de benesses que o País dá em relação aos jovens portugueses não temos (...) Eu acho que sim, que tem muita importância a nacionalidade, se bem que agora já saiu uma lei, que é mais, que vai-se adquirir mais facilmente a nacionalidade ... mas tem sido uma guerra porque o governo português não nos considera ... é assim eu, eu não quero que me considerem portuguesa apesar de eu me considerar, estás a perceber? Porque eu vim para cá com dois anos, eu não conheço a terra onde eu nasci, eu não conheço a terra dos meus pais, identifico-me como cabo-verdiana porque tudo o que eu sei, estudei e aprendi em casa com os meus pais e com o povo da minha cultura, da cultura dos meus pais mas eu vim para cá com 2 anos e aprendi tudo o que sei, tudo o de bom e de mau que eu tenho, aprendi tudo cá em Portugal com os portugueses tudo, tudo, tudo! (...)”</p>

Este último testemunho ilustra a descontinuidade entre nacionalidade e sentimento de pertença. Esta jovem de nacionalidade cabo-verdiana e com identificações portuguesas e cabo-verdianas, rejeita a nacionalidade cabo-verdiana e reivindica o direito à aquisição da nacionalidade portuguesa, por ser esta a sua “terra” de criação, simultaneamente, valoriza as suas origens e a sua memória étnico-cultural de grupo.

Os resultados apurados, através da pesquisa empírica evidenciam ainda que, independentemente de uns entrevistados expressarem uma identificação mais próxima das suas origens (Cabo Verde), de Portugal, ou dos dois contextos em simultâneo, sem que nenhum exerça preponderância sobre o outro, todos revelam ter «afinidades culturais» com a «cultura cabo-verdiana» pelo facto de ser um dos factores que mais contribui para a constituição do sentimento de comunidade e de pertença.

Todavia, e apesar das referências simbólico-culturais com Cabo Verde serem frequentemente evocadas pelos/as jovens entrevistados/as, elas são na realidade, escassas.

Verifica-se ainda que, as referências a Cabo Verde, muitas das vezes, se estendem e ultrapassam as suas fronteiras. Dir-se-ia que são ténues os limites das recriações identitárias construídas por estes jovens em relação a Cabo Verde e África. Isto é, parece haver um certo tumulto entre as identificações com África e com Cabo Verde, como se tratassem de realidades coincidentes e homogêneas, como o quadro seguinte parece demonstrar.

A referência aos elementos culturais é uma constante quando se referem às suas identificações. Essa «cultura» acaba por se traduzir nas suas práticas, pelo uso preferencial de uma língua distinta do português, o crioulo, por um conjunto de práticas e ritos festivos, na importância do convívio, da música e da dança. Estes jovens têm um peso significativo de entre o grupo dos entrevistados (4/8).

Quadro nº 10 Afinidades com Cabo Verde

Tipologia	Afinidades com Cabo Verde
Jovem com identificação tendencialmente portuguesa Nacionalidade portuguesa.	“(...) Eu nasci cá mas em casa os meus pais falam crioulo. E é nessa questão que sinto afinidades com cabo-verdianos (...)”
Jovem com identificação tendencialmente cabo-verdiana Nacionalidade portuguesa.	“(...) Talvez na maneira de ser, por exemplo, eu na escola dou-me mais com colegas cabo-verdianos do que com os portugueses, não é por racismo nem nada disso, mas é ... talvez a cultura que passamos entre nós, é diferente da dos portugueses, então eu sinto-me melhor a falar com uma pessoa cabo-verdiana, mais à vontade do que com o português, talvez me perceba melhor do que um português (...)”
Dupla identificação Nacionalidade cabo-verdiana	“(...) Eu não conheço Cabo Verde, não nasci em Cabo Verde mas identifico-me, sinto que sou cabo-verdiana, sinto que, eu sinto, como uma descendente de lá, como um que nasceu lá, eu identifico-me muito, muito, tanto a cultura como, eh pá, várias coisas eu identifico-me imenso com Cabo Verde (...)”
Dupla identificação Nacionalidade portuguesa.	“(...) Também tenho algumas tradições que os meus pais me passaram, a gastronomia, se calhar não é tanto portuguesa mas tem parte portuguesa mas também tem parte da cabo-verdiana e as danças, as músicas que eu oiço, os amigos, tudo, eu acho que eu sinto-me um bocado de cada. Não sou 100% cabo-verdiana nem 100% portuguesa (...)”
Dupla identificação Nacionalidade portuguesa.	“(...) Por mais que tenham documento português, por mais que nasceram cá, muita das vezes, pergunta-se: -“És de aonde?” e eles respondem: - “Cabo Verde!”, sem conhecer, digamos que é aquela ... já vem de dentro (...) é pelas coisas, pelas culturas e pelas coisas lindas que os nossos pais nos mostraram, pela educação que os nossos pais nos deram, pela terra em si que nós vemos, Cabo Verde (...)”

Também, as referências afectivas a África são múltiplas, África é referido pelos jovens quase tantas vezes como Cabo Verde, não obstante o bairro apresentar uma comunidade cabo-verdiana fortemente marcada, sendo residual o número de pessoas oriundas de outros Países africanos ou seus descendentes.

Quadro nº 11 Identificações com África

Tipologia	Identificações com África
Jovem com identificação tendencialmente cabo-verdiana Nacionalidade portuguesa.	"(...) Sinto-me privilegiada por sentir que os meus pais são africanos e são de África (...)"
Dupla identificação Nacionalidade portuguesa.	"(...) Cabo Verde é, sei lá ... acho que é isso ... é também África (...)"
Dupla identificação Nacionalidade cabo-verdiana.	"(...) Eu considero-me portuguesa, mas sinto também que tenho sangue africano mas considero-me portuguesa (...) Claro que eu tenho cultura africana, tenho cultura cabo-verdiana (...)"
Jovem com identificação tendencialmente portuguesa Nacionalidade portuguesa.	"(...) Porque apesar de ser um bairro de grande maioria de africanos, eu acho que temos de ter outros modos, temos de começar a melhorar a nossa maneira de ver as coisas (...)"

As identificações e referências tanto a Cabo Verde como a África de forma indistinta, são referidas pelos jovens presentes nos três tipos de identificações, ou seja, o facto das suas auto-definições não serem homogêneas não interfere no papel que as suas origens cabo-verdianas num sentido mais restrito, e africanas num sentido mais lato, têm nas suas estruturações identitárias. Na verdade, a identificação com África, revela algum desconhecimento e distanciamento, tanto de Cabo Verde como do Continente africano, até ao nível dos seus posicionamentos políticos actuais; Cabo Verde está, quer geograficamente, quer do ponto de vista do seu desenvolvimento e das suas aspirações futuras mais perto da Europa que de África. Atente-se na proposta recente de Cabo Verde no sentido de vir a integrar a União Europeia.

1.2. A afirmação positiva de uma identidade étnica

Os entrevistados optam, predominantemente, por afirmar positivamente as suas identificações com a cultura que lhes foi transmitida pelos seus pais, identificando

vantagens em se ser cabo-verdiano, ainda que essa afirmação positiva nem sempre encontre correspondência nas representações que os outros, os que não têm origem cabo-verdiana, constroem de si.

“(…) Não há desvantagens porque se eu disser desvantagens toco no tema de racismo, não mas não há desvantagens, há sempre vantagens porque a origem Cabo-Verdiana é um orgulho para todos os jovens, para todos os jovens sentirem-se Cabo-Verdianos.!(…)” (Jovem do bairro Casal da Boba, 19 anos, nacionalidade Portuguesa)

Em síntese, a tipologia construída procurou traduzir o posicionamento dos entrevistados face a questões complexas, reflexões partilhadas sob a forma de conversas que se procuraram o mais informal possível tendo em vista compreender a problemática em estudo.

Os resultados apontam claramente para a superioridade das identificações e da identidade étnica em relação à identidade nacional.

Verifica-se, no conjunto de jovens entrevistados, que a pertença à comunidade cabo-verdiana é a principal e referência primeira da identidade colectiva dos seus membros, sendo a identidade étnica o eixo estruturante das suas identificações e representações sobrepondo-se a todas as outras identidades, nomeadamente, a individual.

A desidentificação com Portugal parece, à semelhança dos resultados da pesquisa de VALA (2003:96), estar associada à discriminação de que referem ser alvo; ao mesmo tempo, a não identificação com Portugal não significa a rejeição desta identidade. Dir-se-ia que a afirmação da identidade étnica resulta da necessidade de pertença e de reconhecimento social dos indivíduos, o que é assumido por alguns dos entrevistados.

A afirmação das suas identificações com Cabo Verde e com África embora possam ser ficcionadas, e crê-se veementemente que o são, já que ambas as referências se misturam e se cruzam como se fossem realidades estáticas e homólogas, encontram-se ainda bastante presentes nas representações destes jovens.

1.3. Percursos e posicionamentos individuais face ao futuro: do fatalismo à afirmação positiva

Os jovens entrevistados revelam, fundamentalmente, dois posicionamentos face ao futuro: uma percepcionam o futuro como uma oportunidade e outros vêem o futuro

como algo indefinido. Os resultados apontam, para um posicionamento dos jovens entrevistados face ao futuro, ponderado e ancorado na construção de projectos profissionais a curto-médio prazo. Na realidade, (6/8) percebem o futuro como uma oportunidade, como uma possibilidade de construção de projectos profissionais concretizáveis a curto ou médio-prazo e que, desde já, esboçam. São estes também os jovens que não representam o futuro como um ideal, no qual desempenhariam o papel principal, entre as áreas do cinema, desporto ou moda, como é comum ocorrer em contextos onde a escolaridade é baixa como é o caso do bairro do Casal da Boba.

A esse respeito, refira-se que os dados do Ministério da Educação e do Agrupamento de Escolas Miguel Torga, para o ano lectivo de 2004/2005,⁴⁶ revelam um cenário extremamente preocupante do ponto de vista das habilitações escolares. Os resultados da escola do ensino básico da Boba apresentam uma taxa de retenção, dados para o total do 1º ciclo que ascende aos 32,1%, o que ultrapassa largamente, os dados a nível nacional que são de 9,9% para os anos de 2002/2003, e de 9,1% para os mesmos anos, na região da Grande Lisboa. No que se refere, à escola de ensino básico do 2º ciclo e 3º ciclo Miguel Torga⁴⁷, a taxa de retenção é de 24,3%, total do 3º ciclo, suplantando a taxa de retenção média nacional, já de si elevada, de 18,9% e a da Grande Lisboa e Vale do Tejo, 18,8%.

A importância do investimento escolar é extremamente relevante no quadro da intervenção que está a procurar ser desenhada para os habitantes do bairro, nomeadamente na perspectiva de um dos dirigentes associativos do bairro que pela proximidade que tem com a população compreende o desafio que se lhes coloca.

“(…) Só seremos importantes, teremos as mesmas oportunidades pela educação. Se tivermos representantes africanos nos municípios, só assim nos podemos valorizar. Se continuarmos a ter profissões como pedreiros ou mulheres de limpeza continuamos na mesma. Quanto mais alto chegarmos mais fortes seremos, só estudando é que conseguimos chegar lá em cima, queremos que a próxima geração consiga (...)” (Dirigente associativo do bairro).

Existe pois, de entre os jovens entrevistados, os que têm visões sobre o futuro, assentes na realidade concreta, revelando uma boa adequação entre as suas expectativas e as competências profissionais e escolares que detêm ou pensam vir a

⁴⁶ Dados retirados de MACHADO, Fernando Luís e MATIAS, Ana Raquel, *Relatório de avaliação prévia* do projecto de intervenção no bairro do Casal da Boba (2005: 12 e 13).

⁴⁷ A escola do ensino básico do 2º e 3º ciclo integra a parceria formal do projecto de intervenção que está a ser conduzido no bairro, através do financiamento da Iniciativa Comunitária EQUAL e foi, no âmbito do presente estudo auscultada.

breve trecho adquirir e para os quais o futuro se pode constituir como uma oportunidade, um desafio.

De entre os que revelam ter uma ideia de projecto de vida, destaque para a importância que os jovens conferem ao contexto escolar e de formação profissional, tendo em vista, a aquisição de competências certificadas para o exercício de uma profissão (6/8).

Aqueles que têm projectos futuros concretizáveis a nível profissional, são também os que revelam maior abertura face ao exterior, o conhecimento de outros contextos, o estabelecimento de relações fora do bairro e a compreensão das lógicas subjacentes ao mercado trabalho.

Para os que se enquadram na categoria que vê o futuro como uma oportunidade, as actividades de interesse e investimento actual ou futuro a nível profissional, dividem-se essencial em três áreas principais: *educação, artes e cozinha*.

A primeira e mais expressiva é a área da educação (3/8), as profissões mais recorrentemente referidas como hipóteses profissionais são as de, animadora sócio-cultural, educadora de infância, professora do 1º ciclo e auxiliar de acção educativa. Refira-se que estas jovens, todas do sexo feminino, já desenvolveram trabalhos afins junto de escolas ou de IPSS's ou colaboraram em acções de intervenção comunitária no bairro e, portanto, de alguma forma as suas expectativas vão de encontro aos seus saberes-fazer.

Segue-se a área das artes como opção profissional, a arquitectura e a fotografia (2/8) como oportunidade profissional futura, uma das quais, a fotografia se prevê seja posta em prática com alguma brevidade.

Na realidade, é de salientar, no discurso dos jovens entrevistados a sua sensibilidade artística, designadamente, em domínios como a música e da dança. Estes jovens terão em determinado momento, equacionado a possibilidade de uma incursão pelas artes do espectáculo; a inflexão entretanto operada, que resulta em que apenas dois dos jovens entrevistados optem hoje, assumidamente, por esta área, não deixa de reflectir o amadurecimento das suas opções e as escolhas das profissões mais sustentáveis do ponto de vista económico.

A cozinha é também outra das áreas de trabalho privilegiadas por dois jovens entrevistados, ambos do sexo masculino, um dos quais apesar de manifestar esse

desejo, se considerou face às suas respostas contraditórias e pouco seguras enquadrar na categoria de jovem com futuro indefinido.

Uma análise breve aos resultados apurados nesta categoria demonstra as apetências destes jovens por matérias que privilegiam o contacto de proximidade, sobretudo no sexo feminino. Também a componente criativa e artística assume relevância no contexto dos jovens estudados, quer através do investimento em áreas como a fotografia e a arquitectura, quer da culinária que também pressupõe uma forte componente de criação e inovação.

O quadro da página seguinte, procura cruzar, os jovens que se enquadram na tipologia “futuro como oportunidade” com a importância que a formação escolar e profissional assume para estes.

Quadro 12 : Importância da formação escolar e profissional nos jovens que percebem o futuro como uma oportunidade

Tipologia	Posicionamento face ao futuro	Importância da formação escolar e profissional
Futuro como oportunidade	<p>"(...) Gostava de acabar o curso e montar um atelier de fotografia (...) Gostava de montar aqui no bairro mas aqui há falta de espaço, talvez monte, na Serra da Mira. O sucesso vai depender muito de mim. Penso fazer revelação de fotografias, fotos em casamentos e baptizados (...) Penso daqui a um ano e meio ter tudo montado (...) "(Jovem do bairro, 28 anos, 6ºano escolaridade)</p> <p>"(...) Gostava de fazer qualquer coisa relacionado com artes, com arquitectura (...) Já quis fazer algum relacionado com a dança também mas como não deu certo o grupo ... depois desleixei-me (...) "(Jovem do bairro, 19 anos, frequenta 11º ano de escolaridade)</p> <p>"(...) Gostava de ser ou educadora de infância ou professora primária porque sempre gostei muito de crianças e de brincar e também tentar ensinar-lhes um pouco (...) "(Jovem do bairro, 24 anos, 12º ano escolaridade)</p> <p>"(...) O que eu gostava mesmo era de trabalhar com crianças, ou ser auxiliar, para ser educadora tinha que ter já estudos e fazer um curso mas gostava mais de trabalhar nessa área (...) "(Jovem do bairro, 30 anos, 9º ano de escolaridade)</p> <p>"(...) Tenho algumas opções felizmente, tenho a opção de tirar um curso a mandado do chefe de cozinha do Pestana Palace (...) Já fiz teatro, já participei no filme "Ossos" e prontos gostaria de continuar essa parte mas prontos, também a nível profissional não é, a profissão de actor não é garantida, não é uma coisa garantida, hoje podemos ter emprego, como daqui a um ano, dois anos podemos estar parados, a cozinha não, a cozinha há aquele emprego efectivo, basta seres um bom profissional, tens sempre um lugar cativo em qualquer hotel ou restaurante (...) "(jovem do bairro, 20 anos, 9º ano de escolaridade)</p> <p>"(...) Eu gosto de animação sócio-cultural (...) trabalhei nessas duas escolas e gostava muito daquilo que fazia, muito mesmo, só que lá está, como eu não tinha o 12º ano e preferiam pessoas que tinham o 12º ano, e então aquilo, como era um projecto, tiraram-nos a nós e puseram as pessoas que tinham mais escolaridade que nós (...) "(jovem do bairro, 30 anos, 9º ano de escolaridade)</p>	<p>"(...) De momento vou retomar os estudos, vou fazer um curso de reconhecimento e validação de competências na Santa Casa de Misericórdia de Lisboa (RVCC). Ao mesmo tempo, vou fazer um curso de fotografia para o qual vou ter de ter umas noções de computadores. Há dois anos que estou a tentar entrar neste curso de reconhecimento e validação de competências (...) Vou fazer as duas coisas em simultâneo, à noite o RVCC e à tarde, o curso de fotografia (...) Gostaria de acabar o curso de fotografia, que pode durar entre seis meses a dois anos, depende do nível que queira atingir (...)".</p> <p>"(...) Já estou no agrupamento de artes, depois logo vejo se é arquitectura, se é design (...) não, não é fácil, não é fácil tem que se trabalhar (...)"</p> <p>"(...) Para o ano vou ver se vou começar outra vez a estudar (...) tem que ser à noite porque enquanto estiver a trabalhar só pode ser à noite (...) Eu penso até ir ao Centro de Emprego a ver o que é que eu posso encontrar (...)"</p> <p>"(...) Vou continuar a estudar para ter o 12º, só que tenho cursos, tenho opções de cursos, tenho o de cozinha, tenho o curso do chapitô (...) e prontos agora é uma ... tenho que optar (...)"</p> <p>"(...) Quero fazer o 9º ano e quero continuar até ao 12º ano ... para já, deixei os estudos cedo, para poder ajudar os meus pais em casa (...) queria ver se, se acabava pelo menos o 12º, sei que me vai custar um bocado, mas pelo menos, fazer o 12º ano para ver se mais portas se abrem, não é? (...)"</p>

Verifica-se com menor expressão, a existência de jovens (2/8) cujo futuro permanece incerto, o que se traduz, na percepção de ausência de controlo sobre a sua vida, como se o destino dependesse mais de outrém do que de si mesmos.

Quadro nº 13 Perspectivas face ao futuro dos jovens entrevistados

Tipologia	Posicionamento face ao futuro
Futuro Indefinido	<p>“(…) Gostaria de fazer teatro, gostaria de ser realizador, quando vejo um filme vejo-o por detrás da câmara, gosto de música ... deve haver uma profissão que inclua os três. Ainda não me defini na minha profissão. A profissão é uma coisa muito séria, muito responsável, isto que eu faço com as crianças é muita palhaçada. Gosto de tudo, gosto de fazer tudo (...)” (Jovem do bairro, 29 anos, 9º ano de escolaridade)</p> <p>“(…) Gosto de futebol mas daqui para a frente não sei (...) Acho que é preciso ter talento (...) Não sei isso logo se vê, o trabalho logo se vê (...) Gostava de cozinhar (...)” (Jovem do bairro, 16 anos, 4ª classe)</p>

2. A Ocupação dos tempos livres dos jovens entrevistados

A análise das respostas às questões relativas aos tipos de lazer dos jovens do bairro, a que se associa um estilo de vida determinado, permitirá compreender o posicionamento individual dos jovens entrevistados face à ocupação dos seus tempos livres e dos seus pares.

Em face das respostas, procurou construir-se uma tipologia que permitisse tornar claras as principais actividades de lazer praticadas pelos jovens entrevistados. O quadro a seguir apresentado expõe os principais tipos de lazer, identificados pelos jovens residentes no bairro do Casal da Boba, e agrupa-os por tipos consoante a natureza das actividades e a sua estruturação (actividades organizadas ou não) e os espaços onde estas ocorrem. A tipologia construída a partir das respostas dos entrevistados distingue actividades de lazer dentro e fora do bairro.

A análise de conteúdo permitiu a identificação de quatro tipos de lazer: o *lazer criativo* que integra as actividades de natureza artística/criativa, tendencialmente individual, que no caso dos jovens inquiridos se expressa através da música (composição e execução) ocorrendo, fundamentalmente, na esfera privada; o *lazer organizado*, lazer de natureza estruturada que ocorre em contextos formais ou institucionalizados e se traduz em actividades de expressão cultural e intervenção comunitária no bairro, predominantemente organizadas pelas associações/instituições que nele se sediam é, portanto um tipo de lazer de natureza grupal com uma componente de convivialidade e de intervenção comunitária; o *lazer convivial*, no qual prevalecem as actividades não estruturadas, de natureza informal.

Este tipo de lazer privilegia os aspectos relacionais e de convívio, fundamentalmente de natureza grupal e o *lazer familiar*. Trata-se de um lazer que ocorre na esfera privada, no seio familiar e comporta uma dimensão fortemente convival. O quadro seguinte demonstra a preponderância das actividades realizadas no bairro por parte dos jovens entrevistados.

Quadro nº 14 Principais tipos de lazer encontrados no bairro e fora do bairro

Tipologia	Actividades dentro do bairro	Actividades fora do bairro
Lazer criativo	Música	
Lazer organizado	Teatro Dança Intervenção comunitária no bairro	
Lazer convival	Convívio com os amigos Os cafés como espaços de encontro O futebol: jogar futebol, ver futebol, discutir futebol	Cinema, Passeios aos centros comerciais Ir jantar fora Discotecas
Lazer familiar	Estar com a família Ouvir música Televisão Jogar a playstation	

A tipologia criada permite posicionar um indivíduo em mais do que uma forma de lazer. Por exemplo, os jovens que têm um tipo de *lazer artístico* (2/8) inserem-se, simultaneamente no tipo de *lazer convival* e no *lazer associativo*, que incluem actividades de natureza mais individual e experiências de carácter grupal.

Refira-se que o *lazer convival* é partilhado por todos os jovens entrevistados (8/8), quaisquer que sejam as formas de expressão manifestadas, o que demonstra que estes jovens valorizam a dimensão relacional e de convívio com os seus pares. É pois manifesta a importância dos pares na sua vida quotidiana.

As principais actividades de lazer identificadas pelos jovens e que se enquadram no tipo de *lazer convivial* foram, o convívio com os amigos (5/8), os passeios/compras fora do bairro (3/8), a prática do futebol (3/8), o estar na rua junto aos cafés (2/8), as idas ao cinema (2/8), às discotecas (1/8) e a jantares fora do bairro (1/8).

O *lazer familiar* é também valorizado (3/8), sobretudo pelas jovens do bairro que afirmam gostar de estar junto à família (2/8). O *lazer organizado* (3/8) expressa-se através da participação em grupos de danças tradicionais africanas (1/8), a participação em peças de teatro (1/8) e a intervenção comunitária no bairro (1/8). O *lazer criativo* é caracterizado aqui, por jovens que investem na composição e realização de música (2/8).

Se atentarmos para as práticas de lazer consoante o género, que adiante se esquematizam, verificamos que existem diferenças nos modos como os tempos livres são ocupados pelas jovens e pelos jovens do bairro.

Os jovens rapazes ocupam preferencialmente os espaços públicos: as ruas e praças do bairro e os cafés do bairro. Já as jovens raparigas favorecem a conviabilidade, sobretudo no espaço privado da sua casa, no seio familiar e, simultaneamente no exterior do bairro. Na realidade, as jovens demonstram uma maior mobilidade, deslocando-se para o exterior do bairro para passear, ir às compras e ao cinema, enquanto os jovens rapazes manifestam, tendencialmente, um certo fechamento no bairro e espúrias relações com o exterior.⁴⁸

Quadro nº 15 Tipos de lazer consoante o sexo

Tipologia	Sexo	Actividades
Lazer criativo	Masculino	“(…) Eu tenho ... nós temos um grupo que agora está parado mas eu canto, dou concertos, não é por isso que vou ficar parado também, não diria que aqui faz falta um grupo, faz falta condições para fazer gravações, por exemplo, há muitos bairros que têm estúdio e não têm os jovens, eu estou a falar por exemplo quando eu fui agora a uma zona das sapateiras que é em Loures, em que têm estúdio e não têm um jovem sequer que tenha um talento para ser MC de <i>hip hop</i> e coisa assim do género (...)” “(…) Agora estou a participar numa peça de teatro chamada a “Mãe Preta”, aqui no bairro (...)”
Lazer organizado	Masculino Feminino	“(…) Já quando tínhamos o grupo informal participava com actividades e dinâmicas para os jovens, para as crianças (...)” “(…) Antes tinha um grupo de dança (...)”

48 A apropriação do bairro, a abertura e fechamento dos seus residentes ao exterior, será analisada com maior detalhe na análise de resultados referente ao bairro e seus sentimentos de pertença.

Tipologia	Sexo	Actividades
Lazer convivial	Masculino	<p>" (...) Gosto mais de desportos (...)"</p> <p>" (...) Para jogarmos futebol temos de alugar um espaço na Reboleira ou na Venda Nova pois este espaço é muito pequeno, só dá para crianças (...)"</p> <p>" (...) Paramos ali (...) Ali em frente a conversar (...) e quando sol abaixa um pouco vamos lá jogar à bola (...) Não saio quase do bairro (...) Estamos a conversar, a ouvir músicas e mais nada (...)"</p> <p>" (...) Estamos, por exemplo podemos parar ali naquele café a ver o jogo, conviver (...) discutir futebol mas um espaço não temos, tínhamos um espaço da internet onde iam sempre, agora temos aqui a biblioteca (...)"</p>
	Feminino	<p>" (...) Vamos passear ou ir ao cinema (...) Costumo ir mais é às Amoreiras porque acho mais calmo, não é tanta badalação (...)"</p> <p>" (...) Saio com os amigos. Costumo ir para fora, para a zona da Amadora que é onde fica a minha escola (...) Ir ao cinema, compras (...)"</p> <p>" (...) Eu gosto de estar com as minhas amigas, gosto de fazer um lanchezinho ou um almoço ou combinamos para sair (...) Dantes quando vivia lá nas Fontainhas, o Colombo era perto, íamos muito para o Colombo, agora damos um salto aqui para a Amadora, passeamos aqui na Amadora, quando não queremos ir muito longe, porque quando queremos ir longe vamos a Lisboa, a Cascais (...)"</p> <p>" (...) Tento sempre conviver com pessoas que eu não convivo no meu dia-a-dia, porque no meu dia-a-dia convivo aqui com esta gente toda, com as pessoas do bairro e quando tenho um tempo livre, tento sempre ir a um sítio com os meus amigos portugueses, vou muitas vezes às discotecas com eles e aos jantares (...)"</p>
Lazer familiar	Masculino	" (...) Ver televisão, jogar a playstation (...)"
	Feminino	<p>" (...) Gosto muito de estar com a minha família (...)"</p> <p>" (...) Eu ocupo com a família" (...)</p>

Relativamente ao tema ocupação dos tempos livres, os resultados apontam, para a espontaneidade das formas de lazer e para uma fraca capacidade de realização e de adesão por parte dos jovens para um lazer do tipo organizado.

Neste sentido, julga-se que uma das formas possíveis de se vencer o desafio da mobilização dos jovens para as actividades estruturadas, seria complementá-las com actividades de natureza convivial, a desenvolver no exterior, na rua, de modo informal e onde os jovens pudessem assumir a co-responsabilidade da sua dinamização, em conjunto com o pessoal técnico das instituições que estão presentes no bairro e que detêm experiência na intervenção com as comunidades que o habitam.⁴⁹

As principais formas de lazer identificadas pelos jovens entrevistados, como sendo as que maior adesão têm são estar na rua, apanhar sol, parar nos cafés, nos largos e nas

49 Posicionamento semelhante é defendido por MACHADO, Fernando Luís *et al* (2005:15) no relatório de avaliação prévia dos projectos de intervenção no Casal da Boba.

pracetas ao lado do centro de convívio da *Associação Unidos de Cabo Verde* e jogar futebol.



Figura.6

Também os informantes qualificados do bairro partilham esta visão sobre o quotidiano dos jovens do bairro.

“(...) Sentados na rua e no café ali em baixo pouco mais, biblioteca só alguns (...) Não, só rapazes, ficam sentados ali no café a fumar ou então ficam aqui sentados a conversar, pouco mais (...)” (informante qualificado do bairro, 23 anos).

“(...) Param ali na esquina, mas acho que isso também já é o hábito também mesmo dos adultos para tomar um solzinho estão ali, estão sempre uns grupos (informante qualificado do bairro, 42 anos).

De um modo geral, os jovens entrevistados demonstram alguma preocupação face aos modos de ocupação dos tempos livres dos seus pares. Dir-se-ia que, a percepção que os jovens entrevistados têm da forma como a maioria dos jovens ocupa os seus tempos livres, que se traduz num “excesso” de lazer convivial grupal, sobretudo por parte dos jovens rapazes, é tendencialmente negativa. A existência de actividades organizadas e estruturadas no interior do bairro, destinadas aos jovens é considerada fundamental para a construção de um percurso social e profissional integrado.

Quadro nº 16 : Representações dos jovens do bairro sobre como os seus pares ocupam os tempos livres

Jovens do bairro	Actividades predominantes
Jovem do bairro, 16 anos	" (...) Acho que é mais futebol que eles gostam (...)"
Jovem do bairro, 19 anos	" (...) Mais nos cafés. Os miúdos param mais nas escolas, nos ATL´s e essas coisas vão à biblioteca também mas os jovens é mais nos cafés e mesmo aqui nos largos e nas pracetas. Acho que é na rua a não fazer nada, a rirem e a jogarem e a fazerem não sei o quê mas é na rua (...)"
Jovem do bairro, 20 anos	" (...) Os jovens pelo menos continuam a procurar ocupar o tempo com coisas boas, como cursos, empregos, treinar um pouco de futebol, há crianças que continuam na escola (...) Os jovens ficam parados, não por quererem ficar, porque eles mesmos sentem-se um pouco ... não à vontade com essa vida, com essa diária, todo o dia ali parados sem fazer nada, muitos deles, querem cursos, querem ter uma oportunidade para terem uma profissão mas infelizmente não há e se houver não está a ser bem divulgado (...)"
Jovem do bairro, 24 anos	" (...) Os que ocupam mais é no café ou então ali aquela parte do muro onde tem ali em frente ao Gabinete Técnico do outro lado da rua, ocupam mais esse espaço, é onde salta mais à vista (...)"
Jovem do bairro, 28 anos	" (...) Os jovens passam o tempo na rua, os rapazes. As raparigas visitam-se umas às outras. Os rapazes vão às discotecas quando podem. Este bar é mais frequentado por velhotes. Se formassem um espaço próprio para os jovens já teriam mais aderência. Uns jovens gostam de parar na Cova da Moura ou no Zambujal e alguns ainda nas Fontainhas. Vão ao café, visitam as namoradas, as famílias (...)"
Jovem do bairro, 29 anos	" (...) Alguns estão em projectos desenvolvidos pela Associação "Mães Solteiras" e "Chapitô", outros jogam cartas, não têm muita ocupação, frequentam os cafés, jogam "uril" 50 (...)"
Jovem do bairro, 30 anos	" (...) Os jovens daqui eu acho que gostam todos de parar aqui (...) Eles costumam ficar muito aqui, ao lado do espaço mas agora também vão lá para baixo para um café que tem lá para baixo, perto de uma churrasqueira e eles param lá muito, os jovens (...)"
Jovem do bairro, 30 anos	" (...) Na rua, a jogar à bola ou então aí sentados a apanhar sol, não fazem nada e isso... não sei, acho isso muito mau, porque uma pessoa jovem, tem muito pela frente, tem imensas coisas a aprender, não é ficando o dia inteiro ao sol, que se vai aprender alguma coisa. Eu acho que deveriam fazer ateliers didácticos para jovens ... não sei, carpintaria, qualquer coisa não sei ... alguma coisa que os ocupasse o tempo e que os incentivasse, se calhar, a voltar a estudar por exemplo (...)"

3.0 bairro visto de dentro pelos jovens

Muitas pessoas dizem que não fomos bem recebidos, isso não é mentira, porque quando o bairro esteve a ser concluído, houve pessoas que fizeram um abaixo-assinado e apresentaram contra o bairro ser feito aqui, por exemplo, mas a Câmara insistiu e a obra foi feita. Nós temos amigos que dizem-nos

⁵⁰ Uril é um jogo tradicional Cabo-verdiano

mesmo que os pais estão contra a amizade deles conosco mas os jovens tentam não ir no exemplo dos pais (Jovem do bairro, 20 anos)

O processo de transferência de moradores residentes em bairros degradados do Concelho da Amadora para o bairro do Casal da Boba está concluído. A adaptação ao novo bairro não foi um processo isento de dificuldades e ainda está a ser construído, sobretudo no que se refere aos residentes mais velhos.

Na realidade, tem sido sobejamente estudado: que a desestruturação das relações de proximidade e das solidariedades orgânicas, com a passagem de contextos residenciais degradados para contextos de realojamento, se revela complexa e de difícil gestão. A construção de uma “identidade de bairro” leva o seu tempo a estruturar-se.

A análise ao discurso dos jovens entrevistados reflecte (ainda) as estreitas ligações destes jovens com o seu bairro de origem e a importância deste nas suas construções identitárias. Os bairros degradados, onde antes habitavam os jovens do Casal da Boba, são representados com uma “réplica” do seu território de origem, onde estes podiam afirmar a sua etnicidade, o que favorecia o fechamento do bairro face ao exterior.

“ (...) Porque é um bairro onde cresci e aprendi muitas coisas, lá tínhamos um exemplo de vida bom, não era um bairro problemático como se dizia e muitas pessoas paravam lá (...) era um bairro acolhedor, era um bairro digamos como o exemplo de uma ilha de Cabo Verde, porque se vivia lá muito a cultura, vivia-se lá a união, o conformismo com as pessoas, assim não havia problemas, entrávamos em todas as casas, erámos amigos de todos, estávamos sempre todos juntos (...)” (jovem, 20 anos, bairro Casal da Boba) .

Nesta medida, e por se tratar de um realojamento bastante recente, a apropriação do espaço e o sentimento de identificação e pertença com o mesmo não se encontra suficientemente consolidada. Todavia, o grupo sobre o qual incide a investigação, grupo de jovens descendentes de cabo-verdianos nascidos e/ou criados em Portugal, dá indícios de se estar, progressivamente, a adaptar a este novo contexto e de ter retomado as dinâmicas relacionais de participação na vida social do bairro.

Verificam-se ainda, avanços ao nível das identificações com o bairro, desde que a investigação teve o seu início até à conclusão da pesquisa de terreno. Esta impressão, fundamentalmente empírica, é partilhada pelas instituições que trabalham com a população do bairro e que foram entrevistadas no âmbito do presente estudo. Para a construção dessa identidade de bairro muito têm contribuído

os líderes locais e as instituições particulares e públicas que intervêm junto da população através do desenvolvimento de projectos.⁵¹

As categorias presentes no discurso dos entrevistados que concorrem para a satisfação e também para as identificações dos problemas do bairro são:

- ?? As condições do edificado;
- ?? O ambiente do bairro;
- ?? A privatização dos modos de vida;
- ?? As infra-estruturas/equipamentos existentes no bairro;
- ?? A reprodução dos modos de vida.

A imagem do bairro por parte dos jovens é globalmente positiva. A mudança é percebida pelos jovens entrevistados, como um meio facilitador da alteração das condições de vida, sobretudo no que se refere às crianças, para as quais se prevêm novas oportunidades de mobilidade social. Os testemunhos que a seguir se apresentam ilustram a satisfação face à nova situação residencial.

⁵¹ O presente trabalho insere uma parte específica relativa às principais instituições presentes no bairro, sua intervenção e posicionamento face à população realojada.

Quadro nº 17 Satisfação em relação com o bairro

Jovens do bairro	Satisfação em relação com o bairro
Jovem do bairro, 20 anos	" (...) Deste bairro não posso dizer muito, posso dizer que é óptimo (...) eu acho que o bairro é bom, é calmo, não há problemas (...)"
Jovem do bairro, 24 anos	" (...) Eu gosto de viver aqui, para além de algumas pessoas, se calhar falarem um pouco do bairro como sendo problemático, ou assim, eu não vejo muitos problemas (...)"
Jovem do bairro, 28 anos	" (...) Em relação ao bairro tudo corre bem. As pessoas estão mais à vontade, estão mais à vontade com a sua privacidade. As relações entre as pessoas transformaram-se. As pessoas não são tão unidas por causa desta distância (...) o que pode ser melhor pois não favorece o conflito, assim fica mais respeito (...)"
Jovem do bairro, 29 anos	" (...) O bairro é bom em si mas precisa de algumas mudanças urgentes. O problema dos jovens terem o que fazer mesmo no interior do bairro (...)"
Jovem do bairro, 30 anos	" (...) Gosto do bairro, por acaso é um bairro que... se todos daqui, se todos os moradores, jovens e crianças colaborassem, podíamos estar muito melhor, porque nós aqui temos espaços. (...)"
Jovem do bairro, 30 anos	" (...) Eu estou cá há dois anos, mais ou menos, em Agosto faz dois anos que eu cá estou e ..., gosto, para já porque as condições são melhores, do que aquelas que tínhamos nas Fontainhas, muito, nem se compara (...)" "(...) Eu acho que sim, em relação às casas, em relação ao bairro tem sido positivo, eu acho que tem sido muito bom, tem sido positivo apesar de haver algumas divergências e algumas necessidades mas eu acho que tem sido positivo, eu acho que sim (...)"

A forma positiva como é percebido o bairro e as casas que foram atribuídas à população realojada não escamoteia alguma insatisfação face à qualidade de construção do edificado. Problemas como o desconforto do frio que se sente nas casas, as infiltrações, a ausência de elevadores em prédios com 4 pisos, são frequentemente referidos.

Saliente-se contudo, que a vivência do bairro ultrapassa em muito o espaço crescentemente privatizado das casas dos residentes do bairro. O ambiente, o "clima do bairro", é um dos aspectos fundamentais que se associam à satisfação/insatisfação em relação ao bairro.

O ambiente do bairro, é percebido, como um dos seus principais problemas e comporta duas perspectivas distintas. De um lado, os jovens que consideram que o ambiente «são as pessoas que o fazem» e se este é negativo, é por falta de preparação e formação cívica das pessoas.

" (...) Ao nível do ambiente também podia ser melhor mas o ambiente são as pessoas que o fazem, lá está, eu não posso fazer nada, não se pode fazer ... as pessoas não podem fazer nada, saíram todos das Fontainhas, vieram todos para aqui ...". (...) no fundo eles tentam fazer mas as pessoas também não dão oportunidade (...)" (Jovem do bairro, 19 anos)

"(...) De vez em quando tem bom ambiente. Quando não começa a haver porcarias para aí ... tem bom ambiente. Há uns putos aí que ... é que estão aí a fazer umas coisas (...)" (Jovem do bairro, 16 anos)

Do outro lado, aqueles que o consideram negativo pela perda das já referidas relações de proximidade, de uma individualização exacerbada que favorece o fechamento no espaço privado e a perda da conviabilidade grupal.

"(...) Não gosto de viver em prédios. Mesmo aqui, neste bairro, as pessoas não se visitam, as pessoas não saem, há pessoas que passam quase uma semana sem sair de casa, no outro bairro não era assim (...) Mudou, antes havia mais contacto entre as pessoas, lá em baixo (Fontainhas), as pessoas aqui quase não saem de casa, não vais à casa das pessoas porque sentes que estás a invadir a privacidade. Fica diferente, fica estranho, não me consigo adaptar a esse modo de vida (...)" (Jovem do bairro, 29 anos).

Esse desfazer dos laços afectivos, segundo alguns jovens, não aparece colmatado pelo apoio institucional.

"(...) Cada bairro tem um clima ... por exemplo, se aqui não temos nada para fazer o clima é parado, é um clima morto (...) Há jovens que ficam aí parados e sentem-se um bocadinho revoltados, porque tipo, quem tem o pão na mão, não se mexe para dividi-lo (...)" (Jovem do bairro, 20 anos).

A questão dos equipamentos e infra-estruturas, ou a ausência delas, é também frequentemente referida como um aspecto negativo do bairro, despoletador de situações de marginalidade nos jovens. Por essa razão se julgou importante a tipificação de carências existentes no bairro e que aqui se dividem em *carências materiais*, que dizem respeito às infra-estruturas e equipamentos necessários ao bairro do ponto de vista dos jovens entrevistados, e as *carências imateriais* que se referem à forma como a intervenção institucional e associativa deverá envolver os jovens, nomeadamente, ao nível das actividades de lazer organizadas, que como se viu no ponto anterior, têm uma reduzida adesão entre os jovens entrevistados.

Quadro nº 18 Carências materiais identificadas pelo jovem do bairro

Tipologia	Carências materiais
Carências materiais	<p>“ (...) Ao nível do desporto, não existem infra-estruturas para incentivar os jovens para o desporto. É pelo desporto que se pode ajudar o bairro, o desporto pode originar outras coisas. Aqui não há nada, não tem natação, não tem vôlei, não tem basquete. O desporto chama qualquer um, a partir do desporto, pode-se ter mais proximidade com os jovens. A partir do desporto consegue-se cativar para outras coisas. Para o futuro gostaria de fazer um grande pavilhão que desse para fazer todo o tipo de actividades (...) Devia haver um espaço jovem, com actividades de apoio ao ensino, ensino de informática, jogos para distrair um pouco. Quem rouba carros são miúdos entre os 10 e os 14 anos que deviam estar ocupados com essas actividades (...)” (Jovem do bairro, 28 anos)</p> <p>“ (...) Falta luz ali no campo porque para jogar à noite não dá, um campo maior, que o campo é pequeno e mais condições no campo, balizas melhores, falta mais apoios das associações para fazer actividades, acho que é isso que faz falta aqui no bairro (...)” (Jovem do bairro, 16 anos)</p> <p>“ (...) Um espaço com ... para reunirmos e discutirmos várias soluções para o bairro, um espaço de internet, um espaço com jogos, materiais para podermos fazer actividades diárias, um espaço para ajudar as crianças a fazer os trabalhos de casa por exemplo ... um espaço que nos dê mobilidade para fazer as coisas que a gente sente falta e com os materiais devidos (...)” (Jovem do bairro, 20 anos)</p> <p>“ (...) Eu acho que ainda se precisa de alguma coisa para estes jovens. Ali esse espaço também era para os jovens, só que jovens e adultos ao mesmo tempo não dá, porque são jovens que têm uma mentalidade ... ou seja têm e não têm mentalidade, porque eu acho que eles não, não sabem o que querem (...) não sabem estar (...) Mas de todas as maneiras, acho que se podia ter um espaço também para eles. Mas claro, tem que se logo exigir com muitas regras, que é para ver se consegue logo ter um objectivo, porque se for um espaço de porta aberta e pode entrar e estar cá, vai ser por muito pouco tempo (...)” (Jovem do bairro, 30 anos)</p> <p>“ (...) Em termos de lazer, eu acho que tem muito pouca coisa, tem agora a biblioteca mas os jovens não vão lá tantas vezes, vão mais é as crianças, tinha um espaço internet que mobilizava muito mas agora fechou e não tem tantas coisas ... acho que devia haver tipo um ATL ou um centro onde pudessem ter mais actividades em que ocupasse mais as crianças e mesmo os jovens que ... podia-se ter um centro em que pudessem fazer mais coisas (...)” (Jovem do bairro, 24 anos)</p>

Quadro nº 19 Carências imateriais identificadas pelo jovem do bairro

Tipologia	Carências imateriais
Carências imateriais	<p>“ (...) Não há nada cá fora. Se em casa as coisas são negativas, se as coisas são negativas na rua é complicado. Se querem motivar os jovens, temos de puxar por eles, dar-lhes atenção (...) Dar mais oportunidades aos jovens mas não é emprego, dar-lhes a conhecer as coisas boas da vida, coisas boas pelas quais ainda não passaram, por exemplo, fazer colónias de férias. Faltam ideias próprias aqui, alguns jovens são muito influenciáveis (...)” (Jovem do bairro, 29 anos)</p> <p>“ (...) Não sei, talvez mais a confraternização das pessoas, mais o convívio, não sei, mais o espírito de solidariedade (...)” (Jovem do bairro, 30 anos)</p> <p>“ (...) Não existe quase nada. Podiam ser criados grupos de danças tradicionais de Cabo Verde, isso é só lembrado em datas especiais e devia continuar no dia-a-dia (...)” (Jovem do bairro, 28 anos)</p>

Os discursos em torno das carências, oscilam entre a vitimização dos jovens e a responsabilização dos mesmos por alguns dos problemas que ocorrem no bairro, nomeadamente de destruição e vandalismo dos equipamentos existentes. Há pois,

jovens no bairro com uma posição crítica face aos seus pares e às formas de apropriação dos espaços comuns.

“(…) Quando a gente veio para aqui havia muita coisa para fazer mas as pessoas ao longo do tempo vão destruindo e vão-se cansando e não sei quê ... e depois acaba, acaba assim mas acho que, acho que não há grande coisa a ser feita (...) Havia aqui era uma espécie de um centro lúdico que tinha Internet e muitos computadores e ajudava nos trabalhos da escola mas fechou e tinha muita gente mas fechou não sei porquê e fazia falta (...)” (Jovem do bairro, 19 anos)

“(…) Eu acho que é a maneira das pessoas verem as coisas, por exemplo, em termos de prédio, eu sei que estou num prédio, sei que a partir das 22 h não podes fazer barulho, vou respeitar, eu sei que eu tenho um pessoa por baixo, não posso estar a arrastar, essas coisas que incomodam bastante e que nós não conseguimos mudar essa pessoa e dizer: - “olha isso incomoda ...” porque: - “Ah! estão com a mania de prédio, tem a mania que são mais finos!” ... é mentalidade, essa mentalidade que me custa muito (...) eu vejo que é difícil porque as pessoas não respeitam, tão depressa levantam às 8 da manhã e é musica alto som, não se importam se tem pessoas ainda a dormir, é pessoas que deitam papel no chão, é lixo dentro do prédio, é coisas que acho negativas (...)” (Jovem do bairro, 30 anos)

A incapacidade de alteração dos modos de vida e o agravamento das condições materiais foi outra das categorias encontradas na informação recolhida através das entrevistas realizadas. Na verdade, não só a mudança para o novo contexto sócio-espacial (ainda) não foi capaz de se traduzir em mobilidade social ascendente, como acentuou as dificuldades económicas que, outrora, eram compensadas pelas solidariedades grupais. Isto é, aparece aqui corroborada a tese defendida por vários autores e explicitada na parte do trabalho referente à pobreza e exclusão social em Portugal, constante do capítulo II do presente trabalho, de que a passagem de bairros degradados para o contexto de realojamento resolve, fundamentalmente, a parte mais visível da pobreza não actuando sobre as suas causas.

Quadro nº 20 Modos de vida no contexto do bairro do Casal da Boba

Jovens do bairro	Condições materiais de existência
Jovem do bairro, 20 anos	“(…) Aqui neste bairro é um bocadinho diferente, há um bocadinho mais, por assim dizer, mais dificuldades em termos de contas, há pessoas que não têm condições para pagar as contas, não têm nem a ajuda do Estado nem da segurança social, e prontos, também é assim, é diferente, a gente saí de tipo de casas consideradas barracas mas boas casas que nas Fontainhas não havia assim barraca ... e eh pá, e eram, são coisas diferentes aqui é mais aberto, mais exposto mas foi bom, é bom para as crianças que estão agora a crescer até para poderem ter uma integração social mais fácil, por assim dizer (...)”
Jovem do bairro, 30 anos	“(…) Eu penso que há aqui muita gente que passa necessidade e ninguém sabe e eu tenho um bocadinho de pena dessas pessoas, e prontos, eu gostaria de ajudar, nesse âmbito, para ver se, pronto, como se tivéssemos no bairro não é, mas aqui é mais difícil (...)”
Informante qualificado do bairro, 24 anos	“(…) Eu acho que é um bairro como os outros, mas ao mesmo tempo há umas diferenças, nunca conheci nenhum bairro, que tivesse tanto apoios

Jovens do bairro	Condições materiais de existência
	como este, de associação (...) tem aqui a associação, tem um projecto só para eles, nunca vi nenhum bairro em Portugal com isso, mas mesmo assim, não sei se vai ajudar assim tanto, porque eles ao mesmo tempo estão a fazer um ghetto, tiraram das barracas e meteram nos prédios mas é na mesma um ghetto agora está isolado (...)"

4. Auto-representações dos jovens entrevistados

A população residente no bairro é bastante jovem, os dados recolhidos pelos censos 2001 e pela divisão da habitação da Câmara Municipal da Amadora, revelam que a percentagem de jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, é de 22% (dados de 2003), enquanto no Concelho da Amadora é de 14%, a mesma percentagem que em Portugal.⁵²

A identidade social, é o que identifica o grupo e, simultaneamente, o distingue dos outros grupos. A identidade social dos jovens do Casal da Boba, apresenta-se coesa, existe uma memória colectiva do grupo, uma recriação cultural, e modos de sociabilidade específicos que contribuem para a coesão do grupo e a preservação, recriação e novas construções identitárias.

Os jovens afirmam um conjunto de afinidades entre si que os aproxima e se expressam numa proximidade geracional que consolida e sedimenta amizades e na identificação com o bairro e a sua vivência, com a memória de um passado comum.

"(...) As afinidades, a importância que damos ao bairro., falamos muito sobre o bairro, sobre os apoios que os jovens e as crianças e idosos não têm no bairro". (Jovem do bairro, 28 anos)

"(...) O facto de serem meus colegas, eu gosto de conviver com todo o tipo de pessoas mas sinto-me mais à vontade com pessoal da minha idade e porque partilhamos o mesmo bairro durante muito tempo. Crescemos juntos, sentimo-nos à vontade. (Jovem do bairro, 29 anos)

As relações de proximidade ou a noção de família alargada incluem as pessoas do bairro da mesma geração e mesmo de outros bairros que se situam em zonas limítrofes.

"(...) Já conhecia a maior parte. Existem outros da Damaia, Venda Nova mas antes também já se cruzavam. Aqui as pessoas se conhecem todas. Quando cheguei aqui fiquei meio perdido, tive 8 anos fora, dizia: - "Esse é filho de quem? Quem é esse?" (...)" (Jovem do bairro, 28 anos).

⁵² Cf. MACHADO *et al* (2005: 7)

Compreende-se no discurso dos jovens sobre si próprios, mas sobretudo sobre outros jovens, a importância da imagem, da moda, da posse de determinados objectos de valor. Esses elementos ganham actualmente nova relevância na construção das suas identificações, e neste sentido ultrapassam as fronteiras do bairro, do concelho e até do país. Essa percepção de um mundo com influências transnacionais aparece de forma clara em alguns testemunhos dos jovens.

"(...) Os jovens basicamente hoje em dia, classe alta, já não sei, mas classe média, classe baixa, está muito pouco definido, toda a gente gosta mais ou menos da mesma coisa, se calhar se eu for pegar numa pessoa aqui do Casal de S. Brás, nuns prédios abaixo até aqui, ele também se vai sentir perfeitamente à vontade, se não falar crioulo vai dizer : -"este pessoal está a falar mal de mim" mas tirando isso, acho que se vai sentir perfeitamente à vontade, por causa da globalização está tudo muito próximo (...) é MTV! (...)" (Informante qualificado do bairro, 24 anos).

Não obstante as afinidades encontradas pelos jovens e as relações de proximidade e inter-conhecimento familiar que se estabelecem entre eles, as representações que os jovens entrevistados têm dos seus pares nem sempre são construídas de forma positiva. Nota-se até um certo desalento face a um futuro que prevêem incerto.

As representações dos jovens entrevistados face ao outro, dividem-se pois em dois posicionamentos distintos: um bastante crítico face às formas de os jovens se posicionarem em relação à educação, emprego e formação profissional, e ocupação dos tempos livres dentro e fora do bairro, que atribui a causas exteriores o facto de os jovens do bairro se manifestarem pouco activos e participativos nas dinâmicas organizadas de convívio e de educação/formação profissional.

Destaque para as representações negativas construídas pelas jovens raparigas em relação aos seus pares, o seu posicionamento é inequivocamente crítico. A totalidade das jovens entrevistadas (4/4), têm uma representação negativa sobre os jovens do bairro, como se pode verificar pelos testemunhos abaixo apresentados. A desresponsabilização, ausência de planeamento face ao futuro, imobilismo, o fechamento no bairro que lhes é atribuído contribui para esse reconhecimento negativo.

Quadro nº 21 Representações negativas das jovens raparigas face aos seus pares

Jovens do bairro	Representações negativas das jovens raparigas face aos seus pares
Jovem do bairro, 19 anos	" (...) A maior parte é ... não quer estudar, não quer fazer nada, não sei têm aquela ideia de que tudo é fácil, tudo é fácil na vida e pronto quando chegar a altura ... deixam tudo para a última, quando chegar a altura logo se vê, tipo assim (...)"
Jovem do bairro, 24 anos	" (...) Acho que são iguais, têm é se calhar outras maneiras de ... não sei tipo, só se for pela maneira de vestir ou pela ... mas é um pouco parecido um pouco aos outros jovens dos outros bairros, eu acho que não tem um tipo específico... gostam das raves , das noitadas, das discotecas (...)"
Jovem do bairro, 30 anos	" (...) Não digo a maior parte, mas eu quando falo assim desses jovens, eu digo é uma grande maioria porque é os grupos que eu vejo na rua, são cá do bairro, eu vejo, se for preciso a partir do meio dia até à noite na rua e são capazes de ficar um grupo, ali encostado com a mesma vida, todos os dias, eu às vezes paro e digo, não fazem nada mas têm telemóveis, têm marcas, nem eu que trabalho consigo estar como eles, eu fico a pensar até quando eles, querem essa vida porque um dia acaba e nem precisam ser pais, porque muitos já são pais hoje mas é tudo ao "Deus dará", são coisas que eu vejo e acho complicado e não sei como resolver isso. (...)"
Jovem do bairro, 30 anos	" (...) As mulheres trabalham e têm filhos, algumas, e são responsáveis e mesmo aquelas que não têm filhos trabalham, mas os homens não fazem nada, isto é uma tristeza pá, esses homens não fazem nada mesmo (...) Eles dizem que são os chefes porque são homens mas as chefes são as mulheres que põem comida em casa (...)"

4.1. Auto-definições dos jovens do bairro sobre os seus pares

Relativamente às suas auto-definições enquanto grupo ou comunidade existem duas perspectivas distintas, uma primeira que considera que os jovens são um grupo homogéneo, como se o simples facto de se enquadrarem na categoria socialmente construída de "jovens" se constituísse como uma unidade indissociável. Uma outra perspectiva considera que os jovens do bairro são uma população demasiado heterogénea para que se possam generalizar os seus comportamentos, modos de estar e estilos de vida.

Os testemunhos que aqui se apresentam reflectem ainda a construção de uma representação dos jovens entrevistados em relação aos seus pares, que os distingue e distancia dos jovens que estão na rua e os iguala entre si. Essa representação é tendencialmente negativa e aparece ligada à falta de vontade de estudar e de trabalhar, a falta de perspectivas futuras.

Quadro nº 22 Auto-definições dos jovens do bairro sobre os seus pares

Tipologia de auto-definições	Auto-definições dos jovens do bairro sobre os seus pares
Jovens enquanto grupo homogéneo	" (...) São iguais, em todo o bairro tem aquele Nelson, aquele Paulo, aquele Zé" (...) (Jovem do bairro, 28 anos).
	" (... Se calhar por ser um pouco de origem cabo-verdiana não sei ... gostar das discotecas e das raves, eu acho que são hábitos que já foram adquirindo ao longo dos tempos e são coisas que também há vários outros jovens que fazem (...) " (Jovem do bairro, 23 anos).
Jovens enquanto grupo heterogéneo	" (...) Não faz sentido comparar, somos todos iguais como somos todos diferentes, não há sentido em estar a comparar (...) " (Jovem do bairro, 20 anos).
	" (...) Não, aqui há de todo o estilo, já vi de tudo, até acho que não é nada homogéneo porque há rapazes que trabalham, há rapazes que ainda estudam, poucos mas ainda há (...) " (Informante qualificado do bairro, 24 anos).

Saliente-se que, quando no decurso das entrevistas, se procurou entender as representações sobre outros jovens através da questão: " Achas que são diferentes de outros jovens de outros bairros?". As respostas confluíram para a comparação com jovens de outros bairros degradados e de realojamento no concelho da Amadora ou de zonas limítrofes, como se poderá constatar no quadro abaixo apresentado, que são afinal aqueles com os quais, preferencialmente, os jovens da Boba também se relacionam.

Quadro nº 23 Representações dos jovens entrevistados sobre as semelhanças encontradas nos seus pares

Jovens do bairro	Representações construídas sobre os seus pares
Jovem do bairro, 30 anos	" (...) São comuns a outros jovens, eu tanto posso ver isto aqui, posso ver isto no 6 de Maio, na Buraca, na Outorela e esses jovens que andam aí são até amigos uns dos outros, são dreads, tão numa nice (...) "
Jovem do bairro, 30 anos	" (...) São todos iguais, é tudo a mesma coisa. Aqui é assim mais abaixo na Damaia é assim, na Cova da Moura é assim, é tudo a mesma coisa, isto aqui parece que é uma epidemia, isto é tudo a mesma coisa (...) "
Jovem do bairro, 19 anos	" (...) Acho que há muitos bairros nesta situação. Por exemplo, o Casal da Mira, às vezes misturam-se, uns vêm para aqui, outros vão para lá mas acho que estão nas mesmas condições (...) "

Nesta medida, as relações de pelo menos parte dos jovens que habitam o bairro, são construídas com aqueles que lhes estão mais próximos e partilham os seus códigos de referência. O fechamento no bairro ou as deslocações a territórios "irmãos", outros bairros degradados ou de realojamento do Concelho da Amadora em que a maior parte da população é originária de Cabo Verde ou descendente, prende-se com essa

necessidade de identificação com os seus pares, que partilham os mesmo gostos, os mesmos estilos de vida mas, simultaneamente, constitui uma defesa face aos de fora, àqueles que vivem num contexto social distinto. Mais que um enclausuramento étnico, está-se perante um enclausuramento social que foi transposto do bairro de origem para o bairro de realojamento.

4.2. Um estilo de vida do Casal da Boba?

A existência de um estilo de vida do Casal da Boba não tem uma resposta directa, decerto existirão estilos de vida no Casal da Boba. O estilo de vida partilhado pelos jovens é percebido como uma forma de viver o quotidiano.

A dificuldade de compreensão da existência de estilos de vida decorre da mudança ainda relativamente recente de contexto espacial e da individualização nos modos de vida que a passagem de bairros degradados para bairros de realojamento recorrentemente transporta.

O que se encontra frequentemente no discurso dos jovens entrevistados, é uma posição maniqueísta, entre os que estudam e/ou trabalham e os que estão na rua, nos cafés, nas pracetas, entre os bons e os maus.

Mas estes dois “estilos de vida” dicotómicos que decerto se entrecruzam em várias dimensões da vida quotidiana, estas diferentes formas de encarar o presente e o futuro, poderão ser encontrados em outros contextos cujas populações partilham das mesmas condições sócio-económicas.

4.3.As relações interétnicas dos jovens do bairro

Procurou-se compreender se os jovens nas suas redes de relação privilegiam o contacto com pares com as mesmas “afinidades culturais” ou se as relações no bairro e fora dele, acontecem de forma casual sem privilegiar o contacto com os jovens pertencentes à comunidade cabo-verdiana ou africana⁵³, uma vez que se constatou no tema referente às identificações dos jovens entrevistados que as afinidades culturais aparecem como uma dimensão importante na construção das suas identificações. Os testemunhos que a seguir se apresentam demonstram que as

⁵³ A referência a África como uma origem comum levaria a pensar sobre a existência de uma comunidade africana em Portugal, homogênea e unificadora.

relações entre os jovens são organizadas, fundamentalmente, a partir da pertença étnica (4/8), existem ainda os que revelam estabelecer relações fora da comunidade (3/8) mas que também incluem a comunidade cabo-verdiana e outras comunidades estrangeiras de língua oficial portuguesa. Um dos entrevistados não se pronunciou sobre esta questão.

Quadro nº 24 Tipologia de relações dos jovens do bairro

Tipologia de relações	Relações de amizade
Relações de amizade organizadas a partir da pertença étnica	“(...) Têm origem cabo-verdiana, lá está, é aquele aspecto da cultura, do à vontade (...)” (Jovem do bairro, 19 anos, nacionalidade portuguesa)
	“(...) Talvez porque crescemos juntos e passamos as mesmas coisas e morámos juntos e ... não sei explicar, são todos de origem cabo-verdiana, os meus maiores amigos. Tenho um outro amigo que não seja de origem cabo-verdiana, tenho muitos guineenses também e tenho amigos portugueses mas os cabo-Verdianos são os meus melhores amigos, são, sem dúvida são (...)” (Jovem do bairro, 30 anos, nacionalidade cabo-verdiana)
	“(...) Sim, sempre foi a comunidade que estive mais proximidade (...) eu acho que é mesmo por eu viver lá .. porque se calhar se eu vivesse noutro bairro, onde tivessem mais pessoas portuguesas, se calhar, eu dava-me mais com eles porque acho que a vizinhança também faz com que a gente tenha mais relações de proximidade e como vivemos juntos falamos mais e aproximamos-nos mais (...)” (Jovem do bairro, 24 anos)
	“(...) Assim as pessoas que eu considero mesmo as minhas melhores amigas ... Nasceram cá, são todos cabo-verdianos, filhos de cabo-verdianos (...)” (Jovem do bairro, 30 anos)
Relações de amizade organizadas fora do grupo étnico	“(...) Bom eu tenho grandes amigos que nasceram lá e tenho grandes amigos que nasceram cá e que são portugueses mesmo 100% portanto acho que o meu maior amigo neste momento é português, é português (...)” (...)” (Jovem do bairro, 20 anos)
	“(...) Damo -nos com cabo-verdianos, angolanos, brasileiros e ucranianos mas também portugueses (...)” (Jovem do bairro, 28 anos, nacionalidade portuguesa)
	“(...) São dos dois (...)” (Jovem do bairro, 16 anos, nacionalidade cabo-verdiana)

5. Estratégias de afirmação positiva

A afirmação positiva traduz-se na capacidade que os jovens revelam em equacionar os problemas e em formular um conjunto de ideias-chave para o bairro tendo por referência as suas aptidões e capacidades que, se trabalhadas, podem vir a ter um efeito multiplicador.

A análise às entrevistas realizadas permitiu a construção de uma tipologia de acções de afirmação positivas onde se distinguem: *acções positivas de expressão cultural e recreativa*, *acções positivas ligadas à actividade desportiva* e *acções positivas de natureza didáctica*. As *acções positivas de expressão cultural e recreativa*, incluem a recuperação de músicas e danças tradicionais cabo-verdianas e africanas e a utilização das novas tendências de expressão em contextos (sub)urbanos, como o *rap* e o *hip hop* postas ao serviço da mobilização dos jovens para acções colectivas.

Já VALA (2003:161-162), no seu estudo sobre as identidades dos jovens negros em Portugal, referia a música como uma das mais importantes formas de expressão identitária dos jovens.

“(…) O referente musical é das mais importantes formas de expressão no plano de construção identitária dos colectivos juvenis, funcionando como principal eixo estruturante das suas sociabilidades, nomeadamente das “youth black cultures”. Nestas, o potencial de mobilização de acção colectiva em torno do *rap* e da cultura *hip hop* tem sido uma das fontes privilegiadas de mobilização de acção colectiva. Estes grupos acabam por constituir espaços autónomos de consciencialização de direitos e deveres de cidadania, longe das regras e constrangimentos institucionais que regem as associações formais. (...)”

As *acções positivas ligadas à actividade desportiva* valorizam o papel do desporto na afirmação positiva dos jovens. As acções denominadas de *didácticas* integram propostas de espaços de encontro e de reflexão para a discussão e ensaio de soluções a promover no interior do bairro, propostas de mediação nas escolas e de recuperação e reabilitação da imagem do cabo-verdiano através da expressão plástica.

Quadro nº 25 Estratégias de afirmação positiva dos jovens do bairro

Tipologia de acções positivas	Afirmações positivas
Afirmção positiva de expressão cultural e recreativa	<p>" (...) Com a música eu pretendo mandar mensagens para os jovens, conselhos, assim ... eu acho que é uma estratégia, a melhor estratégia que há em dar conselhos aos jovens, exemplos de coisas que eles não devem fazer, de prevenir, de chamar a atenção a coisas que fazem mal, a coisas negativas, é a melhor maneira é fazê-la num ritmo e o melhor ritmo que há, é o <i>hip hop</i> porque os jovens adoram o <i>hip hop</i> e fazendo isso num ritmo de <i>hip hop</i>, cantando, chamando a atenção para a droga, pela a prevenção contra a sida, pela atenção em que a escola faz falta, é isso que leva os jovens... (...) é como escrever uma carta mas com um ritmo, lendo eu próprio a carta para todos mas com ritmo que não seja chato porque o conselho, muitos jovens acham o conselho como uma coisa chata, então, num ritmo e cantando, a coisa sempre entra, entra e aceitam mesmo, repetem, decoram, começam a cantar uns com os outros (...)" (Jovem do bairro, 20 anos)</p>
Acções positivas ligadas à actividade desportiva	<p>" (...) E depois temos ali um espaço "parque infantil" é tipo "parque" mas não é isso. Porque não ter um ginásio ou uma sala para treinar esses miúdos? Se calhar têm queda para a ginástica mas ninguém investe nisso (...)" (Jovem do bairro, 29 anos)</p> <p>" (...) Acho que desportos se havia mais actividades de desportos acho que eles gostavam (...)" (Jovem do bairro, 16 anos)</p>
Acções positivas de natureza didáctica	<p>" (...) Talvez dignificar um pouco a pessoa do cabo-verdiano (...) dignificar um pouco aquilo que o cabo-verdiano faz aqui que, muitas vezes não se fala, nunca se fala, nunca se apresenta ao público, ao povo Português ... o aspecto positivo também ... esta imigração também não tem só o lado mau, também tem lados bons (...) Porque é bom também trazer um pouco, dar a conhecer aos mais jovens aquilo que Cabo Verde era antes, não é? (...) porque há pessoas que já saíram há mais de 20 anos de Cabo Verde e nesses 20 anos, Cabo Verde mudou muito, transformou muito, então provavelmente, é resgatar um pouco essas imagens do passado, pronto, que há documentos que se possa pegar, objectos para desenvolver esses projectos e também pegar em coisas actuais portanto há N temas, que se pode servir, como fonte de inspiração e que se possa imprimir ou esculpir isso, talhar, tanto pode ser em madeira, em casca de coco ou outros materiais que se possa fazer (...)" (Informante qualificado do bairro, 42 anos)</p> <p>" (...) Fizemos propostas como, ter um mediador aqui na escola do bairro, os miúdos desrespeitam os professores, não querem estar no ATL da escola e sim no ATL da associação, não vão às aulas de apoio e precisam (...)" (Jovem do bairro, 29 anos).</p>

6. Representações das instituições locais

O bairro do Casal Boba tem actualmente um conjunto de instituições sedeadas que procuram fornecer um conjunto de respostas aos residentes do bairro e de fora dele. Simultaneamente, decorrem projectos de intervenção junto da população que promovem a sua participação e cooperação inter-institucional.

Os jovens entrevistados, por razões diversas, já tiveram ou têm ainda presentemente relações com as instituições locais. Pretendeu-se através das entrevistas compreender as percepções que os jovens têm face às instituições locais.

Encontraram-se três tipos de representações, *representações positivas* (1/8), *representações intermédias* (3/8) e *representações negativas* (4/8).

As *representações positivas* são referidas quando existe uma percepção positiva do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pelas instituições. Uma outra perspectiva denominada de *representações intermédias*, revela um posicionamento duplo em que se valoriza o trabalho feito pelas instituições e ao mesmo tempo se enunciam fragilidades na eficácia da sua intervenção. As *representações negativas* anunciam um posicionamento crítico face à intervenção das instituições nas dinâmicas do bairro e nas acções junto dos jovens.

Quadro nº 26 Representações dos jovens face às instituições locais

Tipologia de representações	Representações das instituições locais
Representações positivas	“(…) Tenho cá sempre os funcionários da Junta e da Câmara a fazer limpeza e têm contribuído bastante aqui para o bairro, pelo menos para o exterior têm contribuído. (...) aqui no Gabinete, têm tido várias reuniões, para se escolher um representante de cada prédio e no prédio onde eu moro, eu é que sou a representante. E tenho gostado, apesar de ouvir muitas pessoas a dizerem que isso é da competência da Câmara, só da Câmara mas nós é que moramos cá, que é que havemos de fazer, temos de ser nós, já que não há condomínio, temos de ser nós a cuidar do nosso prédio onde vivemos (...)”. (Jovem do bairro, 30 anos)
Representações negativas	“(…) Os outros jovens pensam o mesmo, dizem “ A Associação e a Câmara não fazem nada por nós” e, por isso, não querem ir à luta, não agem, não reivindicam, dizem “se eles querem fazer que façam(...) O Gabinete Técnico e a Associação sabem que nós estamos cá. Eles sabem que nós estamos cá, se nós fossemos lá podíamos conseguir mais coisas. Nós não vamos cobrar e eles ficam na deles (...)” (Jovem do bairro, 28 anos)
Representações intermédias	“(…) As pessoas da Câmara arranjam coisas, para eles fazerem, para as pessoas do bairro fazerem mas também não agarram muito a oportunidade, é o que eu acho! Por exemplo, abriram aqui uma biblioteca, um centro lúdico qualquer coisa do género e as pessoas não aproveitam, preferem ficar aqui a fazer disparates, em vez de estarem a ocuparem o seu tempo (...) Agora já nem oiço falar no Gabinete até pensei que tivesse fechado mas no princípio, era muito procurado, as pessoas quando tinham problemas iam lá mas agora nem muito porque acabam por ... o problema acaba por não ser resolvido então as pessoas desistiram (...)” (jovem do bairro, 19 anos)

Na realidade, as expectativas por parte dos jovens em relação às instituições locais são bastante elevadas.

A consciência de que o seu poder de pressão enquanto indivíduos tem pouca força face ao poder exercido de forma colectiva junto do poder local e central, leva-os a depositarem muitas expectativas no movimento associativo.

"(...) Acredito, porque uma associação é uma associação, as associações existem no bairro para isso, para mudar as coisas ,de certa forma, temos um grande exemplo que é o "Moinho da Juventude"⁵⁴ na Cova da Moura, mudou muito, mudou a imagem da Cova da Moura em si, totalmente (...) Já na Cova da Moura, por exemplo, há jovens que têm cursos , têm apoio em informática, coisas do género, mesmo as pessoas mais velhas, eu costumo também ir muito lá, vejo senhoras de trinta, trinta e tal anos, quarenta, vão ter aulas de informática é uma ideia mesmo esplêndida, é pôr sempre as crianças, os jovens e os adultos ocupados, ocupar o tempo (...)" (Jovem do bairro, 20 anos).

A mudança para um novo contexto sócio-espacial, o processo de adaptação que ainda continua a ser feito, a crescente individualização e privatização dos modos de vida, não terão favorecido as relações de proximidade entre a associação local e os jovens, sobretudo os do sexo masculino.

"(...) Eh pá não há actividades, não há nada, não sei se eles não têm ideias ou soluções (...)" acho que no outro bairro a Associação se mexia muito mais, dava mais apoio aos jovens, era capaz de tudo pelos jovens, aqui não, não sei o que se passa, a Associação é a mesma (...)" (Jovem do bairro, 20 anos)

Por outro lado, é claramente visível a separação da intervenção desenvolvida pelas instituições e os anseios dos jovens com o conseqüente défice de participação destes na definição das soluções, colocando-os numa posição de rectaguarda que em nada favorece a comunicação entre ambas as partes.

" (...) Acho que as associações também deviam perguntar o que os jovens gostavam de fazer (...)" (Jovem do bairro, 16 anos).

As instituições do bairro estão, portanto, perante o desafio de capitalizar todo este potencial humano e, através da sua participação nos projectos de intervenção territorial, envolvê-los nas soluções que estão a ser construídas para si e para o seu bairro.

⁵⁴ Associação Cultural Moinho da Juventude

7.A perspectiva das instituições do bairro do Casal do Boba



Figura 7

No quadro da presente investigação e tendo em vista responder aos objectivos propostos pela realização da mesma foram entrevistadas, uma boa parte das instituições presentes no bairro que, pelo seu percurso, têm um conhecimento concreto e aprofundado da população e suas dinâmicas relacionais.

Esta parte do trabalho pretende compreender as representações construídas pelas instituições sobre a população do bairro e, mais especificamente, sobre os jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos.

MACHADO *et al* (2005:8) no relatório de avaliação prévia aos projectos de intervenção no bairro do Casal da Boba refere, precisamente, a importância de se compreender a forma como a população do bairro é representada.

“(...) Outro aspecto a ter em atenção é a forma como a população do bairro é representada pelas instituições e pessoas envolvidas nos projectos (...) essas imagens são, por vezes, pela negativa e de tom condenatório. Os moradores não teriam valores, não teriam regras, não teriam expectativas, não teriam competências. Ao limite, a pobreza seria culpa dos próprios pobres (...)” .

O quadro seguinte resume o modelo analítico proposto para a análise à informação recolhida através de entrevistas às instituições presentes no bairro.

Quadro 27 Questões colocadas às instituições do bairro e objectivos pretendidos

TEMAS	OBJECTIVOS
O bairro do Casal da Boba	<p>Compreender o grau de aceitação ou rejeição da população residente na zona envolvente em relação à população realojada.</p> <p>Entender a adaptação (ou dificuldade de adaptação) ao novo bairro.</p> <p>Assinalar os principais problemas do bairro.</p> <p>Compreender as carências ao nível dos equipamentos/infra-estruturas do bairro.</p>
Relações entre as instituições e a população do bairro do Casal da Boba	<p>Entender as relações que se estabelecem entre a população e as instituições.</p> <p>Compreender a existência de relações de proximidade ou de afastamento entre a população realojada e as instituições.</p>
Representações das instituições face aos jovens do bairro	<p>Compreender as relações que se estabelecem entre os jovens do bairro.</p> <p>Identificar as semelhanças e dissemelhanças entre os grupos de jovens.</p> <p>Perceber a existência de um estilo de vida dos jovens do bairro.</p> <p>Entender a existência de estratégias (ou não) de afirmação de uma identidade singular dos jovens cabo-verdianos.</p> <p>Compreender as expectativas dos jovens do bairro.</p> <p>Identificar de líderes no bairro.</p>

7.1.O bairro do Casal da Boba



Figura 8

O realojamento do bairro do Casal da Boba, iniciado em 2001 foi concluído em Dezembro de 2004.⁵⁵ Tratou-se, portanto, de um lento processo de realojamento de populações provenientes de vários bairros degradados do concelho da Amadora.

O bairro do Casal da Boba é delimitado a sul pela urbanização de S. Brás e a norte pela antiga lixeira da Boba⁵⁶. Os problemas da coexistência entre a população que já habitava o bairro de S. Brás e os novos habitanets foram sentidos ainda antes do processo de realojamento se ter iniciado. Assim, na génese da freguesia de S. Brás, esteve também a preocupação com o realojamento e com a forma de integração no espaço desta (nova) população. Essa preocupação, consubstanciou-se numa proposta para a criação de uma comissão de acompanhamento ao realojamento que não chegou a ser criada.

⁵⁵ Cf. diagnóstico de necessidades, p. 17.

⁵⁶ Cf. diagnóstico de necessidades, p.14.

A recolha da informação, através da realização de entrevistas, permitiu identificar um conjunto de representações face à forma como a população realojada foi integrada e se apropriou do seu novo espaço de residência e como foi aceite pela população residente nas zonas limitrofes, nomeadamente a população de S. Brás.

As instituições coincidem na afirmação de que os habitantes do bairro de S. Brás não reagiram positivamente ao processo de realojamento. As famílias realojadas carregavam consigo uma imagem muito negativa, estigmatizante, associada à marginalidade, delinquência e tráfico de droga. Nesta medida, muitos habitantes de S. Brás procuraram vender as suas casas e abandonar o bairro.

A localização deste bairro junto a uma zona residencial já existente relativamente valorizada face aos preços praticados no concelho e o facto de uma parte das habitações terem sido destinadas à venda livre, foram estratégias delineadas pelo município tendo em vista “misturar” pessoas de diferentes lugares e estratos sociais e económicos, procurando atenuar a segregação social e espacial da população realojada. As instituições entrevistadas, à excepção de um caso (1/7), consideraram que essa medida resultou bem e que a coexistência tem sido pacífica.

Relativamente à adaptação ao novo contexto residencial, as instituições afirmam que esta ainda está a ser construída, mas que se têm notado progressos ao nível de identificação e de sentimento de pertença, em relação ao novo território.

Refira-se ainda que a análise às entrevistas das instituições, põe a descoberto um conjunto de ideias pré-concebidas por parte destas, relativamente à população do bairro e aos seus modos de vida. Tais preconceitos tendem a ver nas diferenças culturais, a explicação para as dificuldades de adaptação ao novo bairro. Na realidade, os estudos empíricos demonstram que os processos de adaptação são morosos pela alteração nos modos de vida e em nada decorrem da pertença a uma minoria étnico-cultural.

Por outro lado, a representação (por parte das instituições locais) que associa o bairro Casal da Boba a uma população negra (designada frequentemente de africana ou de cor) e imigrada, como se todo o bairro fosse constituído por negros, é bastante pronunciada. Importa desconstruir essa representação que é errada. A população do

bairro é branca e negra e nela se encontram brancos portugueses, negros portugueses e negros estrangeiros, como refere MACHADO (2005:7).

“(...) São justamente as características sociais dos moradores que é preciso sublinhar analiticamente e que devem ser tidas em conta na intervenção, e não tanto as especificidades culturais, reais ou imaginadas, da parte substancial da população residente constituída por famílias de origem imigrante. Não são factores culturais os que mais podem bloquear os processos de promoção social e integração dos residentes, mas sim as suas condições de existência adversas. Por outras palavras, a questão é muito mais social do que cultural (...) Ainda que os estudos realizados e a observação directa sugiram que a larga maioria das crianças e jovens residentes é formada, de facto, por filhos ou netos de imigrantes, essa não é toda a realidade do bairro. Também há crianças e jovens que não são de origem imigrante e que partilham a mesma condição social (...)”

No que concerne a adaptação e apropriação do território por parte da população, refira-se o papel fundamental que as instituições, o movimento associativo e os líderes locais do bairro devem assumir na construção de uma identidade de bairro positiva.

7.2.Os problemas do bairro

Os problemas identificados pelas instituições com intervenção no bairro e fora dele têm duas ordens de razões. Uma, associada a motivos de natureza estrutural, aqui designados de *problemas estruturais* que ultrapassam as dinâmicas do próprio bairro e têm a ver com a reprodução social, a reprodução do ciclo de pobreza, e são dificuldades comuns a outros contextos sociais semelhantes. Os *problemas de contexto* dizem respeito a dificuldades mais específicas relacionadas com o bairro em si.

As instituições inquiridas, embora não se refiram a essa divisão explicitamente, decorrendo a mesma do exercício da análise de conteúdo às entrevistas, acabam por a enunciar de forma implícita, ao compreenderem semelhanças entre o contexto do Casal Boba, em termos de problemas e perspectivas face ao futuro dos jovens e outros contextos do concelho da Amadora onde a exclusão também se encontra presente.

Quadro nº 28 Problemas identificados pelas instituições entrevistadas

Tipologia de problemas	Problemas identificados
Problemas estruturais	Reprodução do ciclo de pobreza Dificuldades de integração profissional Insucesso escolar Desestruturação familiar Maus tratos/violência doméstica Gravidez na adolescência
Problemas de contexto	Higiene urbana Construção deficiente do edificado Degradação dos espaços comuns Falta de equipamentos no bairro Dificuldade de articulação entre a família e as escolas

Existe uma relativa coincidência na identificação dos problemas por parte das instituições. Os problemas de natureza estrutural que se reflectem de forma negativa na população do bairro, têm uma forte correlação com a pobreza e a exclusão social, designadamente o insucesso e abandono escolar e a desestruturação familiar, visível no elevado número de famílias monoparentais e de gravidez na adolescência.

Os problemas de contexto são passíveis de uma solução a médio prazo no contexto das parcerias inter-institucionais que têm vindo a ser construídas.

7.3. Carências ao nível dos equipamentos/infra-estruturas do bairro.

O bairro foi referido, pelas instituições, como tendo uma boa implantação geográfica, boas acessibilidades e um conjunto de equipamentos/infra-estruturas ao serviço e de apoio à população.

Foram, todavia, identificados pelas instituições, um conjunto de carências ao nível de equipamentos, sobretudo para a população mais jovem, da qual se destacam:

☞ Equipamentos desportivos;

- ☞☞ Uma escola para fazer face ao crescimento da população em idade escolar;
- ☞☞ Um espaço onde os jovens possam conviver e organizar actividades;

- ☞☞ Espaços organizados de lazer na rua;
- ☞☞ Espaços para desportos radicais;
- ☞☞ Centro de ocupação e de inserção no mercado de trabalho (UNIVA).

E o aproveitamento de espaços de lazer existentes mas pouco rentabilizados, designadamente:

- ☞☞ O campo municipal;
- ☞☞ O ringue;
- ☞☞ O polidesportivo;
- ☞☞ O estádio municipal;
- ☞☞ O campo relvado de futebol de 11.

7.4. Relações entre as instituições e a população do bairro do Casal da Boba

Procurou-se ainda através das entrevistas realizadas e recorrendo à enunciação de um conjunto de questões compreender as relações que se estabelecem entre a população e as instituições, verificando se trata de relações de proximidade ou de afastamento. A partir das respostas dadas, foi possível traçar dois cenários face ao relacionamento da população com as instituições com as quais têm uma interacção directa. De um lado, encontramos um posicionamento no qual se constata que a população as percebe como próximas e acessíveis, como meios para as respostas às suas necessidades. Esta perspectiva, partilhada pela maioria dos representantes das instituições entrevistadas assume que a população as procura de forma voluntária e activa.

Do outro lado, encontramos um posicionamento minoritário que considera que a população percebe as instituições como distantes, afastadas de si e sem compreensão dos problemas reais e concretos dos residentes do bairro. Este apesar de ser um posicionamento minoritário no quadro das entrevistas realizadas às instituições, é aquele que se encontra mais em concordância com as entrevistas realizadas aos jovens e informantes qualificados do bairro e com as conversas informais que havidas ao longo da pesquisa.

7.5 Representações das instituições locais face aos jovens do bairro

Todas as instituições presentes no bairro tem uma representação sobre os jovens, seja ela empírica, estereotipada e/ou fundamentada. Todas revelam ter algum ou bastante conhecimento, ainda que por vezes distanciado, sobre os jovens que ocupam os espaços públicos e que fazem notar a sua presença.

O grupo de jovens alvo do estudo, descendentes de imigrantes cabo-verdianos, é visto como um todo homogêneo, com necessidade de afirmação e reconhecimento, tendo esse grupo, no entender dos representantes das instituições, algumas especificidades de natureza cultural.

As afinidades entre os jovens, na perspectiva das instituições, traduzem-se pela questão geracional, os gostos e interesses semelhantes, a existência de códigos comuns na linguagem, na forma de estar e modos de se relacionarem no seu quotidiano.

Os técnicos e representantes das instituições são unânimes em considerar que os jovens ocupam os tempos livres na rua, sobretudo os rapazes. Estes resultados confirmam a preponderância de um tipo de lazer convivial, não organizado e informal, já constatado na análise às entrevistas dos jovens e informantes qualificados. Para tal, admitem, poderá concorrer a ausência de um espaço próprio para utilização dos jovens, já que os espaços existentes têm actividades organizadas para as quais se tem revelado difícil motivá-los.

Procurou-se compreender a existência de um estilo de vida dos jovens do bairro, observável através dos modos de vida quotidiana, seus ritmos e dinâmicas individuais e grupais. A observação despercebida não permitiu retirar grandes ilações a esse respeito. A observação participante decorria no quadro das actividades organizadas pelas instituições e não logrando também alcançar os objectivos que se propunha. Colocou-se então, directamente às instituições, a questão da existência de um estilo de viver na Boba.⁵⁷

⁵⁷ Cf. guiões de entrevistas às instituições em anexo.

A análise das entrevistas às instituições implantadas no bairro revelam a existência de uma vivência de grupo, que parece tanto mais saliente quanto estes jovens se encontram excluídos dos processos de inserção escolar e profissional. Os jovens que estudam ou estão inseridos no mercado de trabalho, distanciam-se desse grupo “residente” das portas dos cafés e das pracetas que, não raras vezes, estão também envolvidos em práticas ilícitas.

O ambiente e modo de viver do bairro Casal da Boba, ainda em construção, não se distingue de outros contextos residenciais de realojamento e de não realojamento. Na realidade, sendo os pares e a convivialidade grupal relevantes nas construções e identificações dos jovens, nota-se um certo individualismo nos modos de vida e um distanciamento próprio das vivências em contextos urbanos, ao que parece, muito diferente das relações que se estabeleciam nos bairros degradados onde anteriormente habitavam.

Segundo as instituições inquiridas não parece existir, por parte dos jovens do bairro sem ocupação uma organização grupal ou colectiva, a não ser através de dois modos: o modo organizado pela via associativa ou institucional, envolvimento pouco expressivo ou através da organização de práticas ilícitas e de actos de violência.

“(…) Interessa-lhes é eles terem dinheiro, é eles fazerem aquilo que eles querem, querem é discoteca ... pronto querem é isso (...)” (Informante qualificado do bairro, técnico de uma instituição, 42 anos)

Os jovens com ocupação têm também eles modos de vida individualizados, que passam pela ida para a escola e/ou trabalho e projectos de mobilidade social que se traduzem na saída do bairro.

A questão da desocupação dos jovens no interior do bairro é outra das questões-chave referidas: a falta de ocupação, a baixa escolaridade e a necessidade de obtenção de objectos de consumo são, muitas vezes espoletadoras de trajectórias de marginalidade. O sentimento de insegurança no bairro não sendo preocupante é assinalado.

A inexistência de uma identidade distinta e singular por parte dos jovens descendentes de cabo-verdianos do bairro recolhe também o acordo das instituições em causa. A questão de estes jovens serem portugueses, aparece bastante clara nas

representações das instituições. Também o reconhecimento destes jovens enquanto portugueses com as suas especificidades é considerado importante para a construção das suas identificações com Portugal.

Os mecanismos de discriminação e auto-defesa e que estes jovens sofrem, são compreendidos, nomeadamente pela instituição escolar e pelo seu corpo docente, como expressões de uma cultura só na aparência vivenciada, uma aparência construída em torno de elementos indiciadores de uma certa “africanidade” ou “crioulização” que resulta da moda do momento.

Por outro lado, também resulta claro para estas instituições e conforme o quadro acima apresentado onde se separam os problemas de natureza estrutural dos problemas de contexto, que a questão da pertença social é uma questão-chave independentemente da pertença étnica. É portanto na actuação sobre as causas da pobreza e da exclusão social que se jogam os destinos destes jovens. As instituições consideram, não obstante os problemas que estes jovens têm na inserção escolar e profissional e na transição para a vida adulta, que as suas expectativas, apesar de baixas e de se notar uma reprodução das vivências de pais para filhos, têm vindo a aumentar.

Por se ter compreendido da importância dos líderes da comunidade, que pela suas características conseguem motivar e mobilizar outros para acções positivas no bairro e fora dele, procurou-se auscultar junto das instituições locais, pessoas que pelas suas características pessoais e reconhecimento do grupo fossem ou pudessem vir a constituir-se, como mobilizadores para a acções positivas e colectivas.

A existência de líderes, nem sempre tem uma conotação positiva, nas representações construídas pelos entrevistados. A resposta à questão que pretendia compreender o que era um líder, era frequentemente dada pela negativa. Os exemplos escolhidos eram o de jovens com percursos de violência e criminalidade.

Mas também foram identificados líderes através das suas características positivas. Estes líderes são considerados de extrema importância, pelos entrevistados, para a pacificação do bairro. São estes que poderão, através da mobilização para acções positivas, consolidar uma cultura de bairro e constituir-se como a força motriz para a criação de grupos dinamizadores do bairro.

Em síntese, com as entrevistas às instituições procurou-se entender as suas perspectivas e orientações estratégicas junto dos jovens. Conclui-se *grosso modo que*, o diagnóstico dos problemas está realizado. As soluções estão a ser ensaiadas no terreno.

Cabe agora às instituições assumir um papel integrador dos habitantes do bairro de modo a envolvê-los na resolução dos problemas. Este será sem dúvida um caminho a trilhar mas que pressupõe a desconstrução de alguns adquiridos. Julga-se, no entanto que permitirá, a médio prazo atingir resultados interessantes, nomeadamente, no que diz respeito à aproximação da população às instituições

Considerações Finais

Com as reflexões finais pretende-se dar conta, de uma forma sintetizada, dos resultados alcançados pela pesquisa tendo por referências as questões e propósitos do trabalho.

Um estudo de caso como o realizado por esta investigação permite uma análise aprofundada a um universo reduzido de indivíduos. Dada a opção metodológica pelo estudo de caso, os resultados que agora se apresentam são necessariamente parcelares, não permitindo a extrapolação dos resultados ao universo estudado.

O principal objectivo da pesquisa era o de clarificar os contornos identitários dos jovens descendentes de imigrantes residentes no bairro do Casal da Boba. O contributo para a clarificação das pertenças identitárias destes jovens terá sido, julga-se, conseguido. A estratégia metodológica escolhida, designadamente os diferentes instrumentos de recolha da informação utilizados, terão permitido uma razoável aproximação ao conhecimento da problemática em estudo.

A questão-chave do trabalho era a de compreender como é que os jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos alvos do estudo se definem e afirmam as suas pertenças identitárias.

O modelo analítico da pesquisa construído permitiu a identificação de seis temas-chave principais a partir dos quais os resultados da pesquisa foram sendo estruturados.

Estes temas respondem aos objectivos do projecto e estruturaram-se em torno das identificações dos jovens, do seu percurso individual, sentimentos de pertença (ou não) face ao bairro, das suas auto e hetero-representações, das suas estratégias de afirmação e das representações que constroem das instituições locais. Os resultados apontam pistas de reflexão importantes nestes domínios.

Verifica-se a superioridade da identidade étnica em relação à identidade nacional no conjunto de jovens entrevistados. A pertença étnica é referência primeira e principal da identidade colectiva dos seus membros, sendo este o eixo estruturante das suas identificações e representações, sobrepondo-se a todas as outras identidades, nomeadamente, a individual. A «afinidade cultural» com a «cultura cabo-verdiana» é um dos factores que mais contribui para a constituição do sentimento de comunidade

e de pertença, embora as referências simbólico-culturais com Cabo Verde sejam escassas e se confundam com uma «cultura africana».

A desidentificação com Portugal aparece associada à discriminação de que são alvo. A construção de referências e de pertenças mais próximas das identificações cabo-verdianas não significa a rejeição da identidade portuguesa, ainda que apenas uma das entrevistadas refira sentir-se tendencialmente portuguesa. Todos os outros jovens, tenham identificações tendencialmente cabo-verdianas ou duplas identificações, não se excluem da participação na sociedade portuguesa.

Os resultados revelam, pois, uma saliência da categoria étnica de pertença em detrimento da afirmação individual, corroborando a tese defendida por SAINT-MAURICE (1997:152). Esta invisibilidade enquanto indivíduos decorre da ausência de recursos do ponto de vista social e económico valorizantes. Nessa medida compreende-se a relevância assumida pelo movimento associativo e as responsabilidades que lhe são atribuídas disso mesmo dão conta.

“(…) Só é possível mostrar coisas boas se se fizer num todo, num colectivo (...) é difícil reconhecer as coisas boas, nós só somos reconhecidos se somos bons futebolistas, atletas. Nós temos de estudar para nos podermos afirmar (...)” (Dirigente associativo do bairro)

Também as relações entre os jovens são organizadas, fundamentalmente, a partir da pertença étnica e, portanto, poder-se-ia avançar que se trata de uma comunidade fechada sobre si própria. Na realidade, considera-se que é o próprio afastamento desta população dos centros da vida social que favorece esse sentimento de comunidade, de solidariedade grupal face aos outros grupos que ocupam os espaços centrais da cidade. Será pois mais correcto concluir que as relações entre os jovens são organizadas a partir da sua pertença social, que em muitos casos é coincidente com a pertença a grupos étnico-culturais minoritários.

Mas é precisamente nas práticas que se encontra alguma ambiguidade e um posicionamento distinto e afastado dos discursos identitários produzidos, assentes numa memória étnico-cultural partilhada e transmitida no seio familiar. As práticas destes jovens revelam a partilha de influências múltiplas, do entrecruzamento de referências e de pertenças transnacionais mais próximas de uma cultura (sub)urbana de rua do que das suas referências étnicas. A singularidade das pertenças identitárias destes jovens portugueses negros reside, fundamentalmente, nas

representações ficcionadas que têm uma suposta origem comum em Cabo Verde, a sua “terra” onde viveriam melhor e seriam reconhecidos como iguais.

É essa auto-imagem, ampliada pela rejeição da sociedade portuguesa destes (novos) portugueses que importa desconstruir. Nessa medida pensa-se que o presente trabalho possa ter dado o seu contributo na tentativa de uma aproximação ao real, ou mais correctamente, ao imaginário destes jovens.

As pertenças identitárias cruzam-se também com indivíduos dos seus “outros bairros”⁵⁸, os espaços que antes habitavam e nos quais construíam réplicas “ficcionaladas” das ilhas de Cabo Verde.

Os discursos dos entrevistados reflectem a importância do bairro, sobretudo do bairro degradado que antes habitavam. Confirma-se o pressuposto de que na formação das identidades sociais dos jovens assumem relevância os seus locais de pertença, pela continuidade com que é percebida a imagem do bairro, e a sua imagem pessoal.

O(s) espaço(s) e as suas vivências assumem centralidade na construção da identidade dos jovens por nele encontrarem os seus semelhantes: todos aqueles que partilham códigos comuns e condições sociais próximas, o que em parte poderá explicar o seu aparente fechamento em relação ao exterior, aos «outros bairro».

A experiência de realojamento, o seu acompanhamento e avaliação, têm deixado pistas de reflexão importantes relativas às alterações nos modos de vida das populações, na passagem de contextos de habitação degradada para os bairros de realojamento. Apontam também estratégias de actuação a desenvolver para atenuar alterações abruptas, designadamente ao nível das relações de proximidade e da crescente privatização e individualização dos modos de vida no novo bairro.

A mudança para o novo contexto sócio-espacial, bairro do Casal da Boba, não foi (ainda), capaz de se traduzir em mobilidade social ascendente, tendo mesmo acentuado as dificuldades económicas dos seus moradores que, outrora, eram compensadas pelas solidariedades grupais.

Revela-se complexa a superação das situações de pobreza e exclusão, problemas de natureza estrutural vivenciados por alguns residentes no bairro, muito embora se

⁵⁸ Alusão ao documentário «outros bairros» que retrata as solidariedades grupais que se viviam em bairros degradados da periferia de Lisboa e o apego destes jovens ao bairro.

observe alguma capacidade de iniciativa e se perspectivem num futuro próximo oportunidades conducentes a uma mobilidade social ascendente.

Do ponto de vista das relações que os jovens estabelecem com as instituições, bem como a perspectiva que têm do relacionamento dos seus pares com as mesmas, nota-se um sentimento de privação e, por vezes, de discriminação nas relações estabelecidas. Essa noção de privação que decorre da relação com as instituições poderá ser de difícil gestão quando, como nos diz VALA (2003:74), é acompanhada da percepção da ausência de controlo sobre o seu futuro podendo conduzir à acção colectiva ilegítima.

As relações com as instituições estão também elas em construção e não são isentas de conflitualidade. Existe alguma descoincidência entre as representações que as instituições têm face do relacionamento com a população, tendencialmente próximas e positivas, e as perspectivas da população face ao seu relacionamento com as mesmas, tendencialmente críticas, como se pode verificar na parte relativa à apresentação de resultados.

As entrevistas realizadas às instituições colocam ainda a descoberto um conjunto de ideias pré-concebidas relativamente à população do bairro, assentes nas diferenças culturais, sua homogeneização e extrapolação para o universo total do bairro. O bairro, segundo a visão das instituições, parece ser constituído somente por população desfavorecida de origem africana. Por outro lado, as instituições revelam compreender os problemas estruturais e de contexto que estes jovens enfrentam e que passam também pela necessidade do seu reconhecimento enquanto portugueses tendo em vista a consolidação das suas identificações com Portugal.

O trabalho desenvolvido promove uma reflexão sobre os elementos estruturantes das identificações dos indivíduos e grupos que têm implicações nas suas práticas sociais e nas relações que estabelecem com os outros. Essa reflexão sugere um conjunto de aspectos que poderão ser alterados tendo em vista favorecer uma participação mais activa de todos os habitantes do bairro e o seu envolvimento na sua construção e reconfiguração conferindo-lhes importância, reconhecimento do seu papel e autonomia.

O estudo "Portugueses: pertenças identitárias dos jovens do bairro do Casal da Boba" não tem receitas ou respostas fechadas sobre os jovens deste bairro nas suas relações

com o seu grupo e com os «outros» mas sim propostas de construção de novos olhares sobre estas problemáticas.

A nível da intervenção e desenvolvimento do território, cabe às instituições locais e centrais procurar ensaiar as respostas mais adequadas no sentido de reverter estas tendências pesadas de exclusão, em articulação com o movimento associativo e com a população do bairro.

Em conjunto com os residentes do Casal da Boba deverão ser pensadas soluções para si e para o seu bairro. É urgente envolvê-los na construção dos seus percursos. Enquanto não se compreender a importância dos próprios na definição dos seus trajectos de vida e se persistir em desperdiçar o seu potencial criativo, a sua capacidade de mobilização de outros jovens para acções positivas no bairro e fora dele, as intervenções poderão não produzir os impactos esperados.

Referências bibliográficas

Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas [org] (2003), «Actas do I Congresso Imigração em Portugal: Diversidade - Cidadania - Integração.

ALBUQUERQUE, Rosana (1996) *A Identidade Pessoal de Jovens Luso-Africanos - Contributo para o seu estudo*, Tese de Mestrado em Relações Interculturais, Lisboa, Universidade Aberta.

ALBUQUERQUE, Rosana, FERREIRA, Lúcia Évora e VIEGAS, Telma (2000) *O Fenómeno do Associativismo em Contexto Migratório: Duas Décadas de Associativismo de Imigrantes em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

ALMEIDA, João Ferreira de et al (1992) *Exclusão Social: Factores e Tipos de Pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

BAPTISTA, Isabel et al (S/data) *A Pobreza no Porto - Representações Sociais e Práticas Institucionais*, REAPN - Rede Europeia Anti- Pobreza/Portugal.

BAPTISTA, Isabel et al (2001) *Pobreza, Exclusão Social e Transições em Ciclo de Vida - (Re)Traçando Trajectórias (In)comuns em Contexto Europeu in Cidades - Comunidades e Territórios nº2*, pp.57-71.

BOURDIEU, Pierre (1989) *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.

BEJA-HORTA, Ana Paula (2000) *Constructing Otherness: Nationhood and Immigration Politics in Portuguese Post-colonial Society*, Simon Fraser University.

CABRAL, Manuel Villaverde, PAIS, José Machado [coords] (1998), *Jovens Portugueses de Hoje - Resultados do Inquérito de 1997*, Oeiras, Celta Editora.

CAPUCHA, Luís (1998) "Pobreza, Exclusão Social e Marginalidades" in VIEGAS, José Manuel e António Firmino COSTA da (orgs), *Portugal, Que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora, pp.209-242.

CAPUCHA, Luís (1990) "Associativismo e Modos de Vida num Bairro de Habitação Social" in *Sociologia Problemas e Práticas nº 8*, pp.29-41.

CARDOSO, Katia Aline (2004) *Diáspora: A (Décima) Primeira Ilha de Cabo Verde - A Relação entre a Emigração e a Política Externa Cabo-Verdiana*, Dissertação de Mestrado em Estudos Africanos, Lisboa, ISCTE.

CARITA, Cristina, ROSENDO, Vasco Nuno (1993) "Associativismo Cabo-Verdiano em Portugal - Estudo de caso da Associação Cabo-Verdiana em Lisboa" *in* Sociologia Problemas e Práticas nº13, pp.135-152.

CARMO, Hermano, FERREIRA, Manuela (1998) *Metodologia de Investigação. Guia para Auto-Aprendizagem*, Lisboa, Universidade Aberta.

CARREIRA, António (1984) *Cabo Verde (Aspectos Sociais. Secas e fomes do Século XX)*, Lisboa, Biblioteca Ulmeiro nº 9.

CONDE, Idalina (1998) "Contextos, Culturas, Identidades" *in* VIEGAS, José Manuel e António Firmino COSTA da (orgs), Portugal, Que Modernidade?, Oeiras, Celta Editora, pp. 79-118.

CONTADOR, António (2001) *Cultura Juvenil Negra em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

CONTADOR, António (1999) *Para uma Cultura Juvenil Negra em Portugal: a Música, a Estética, o Estilo, o Corpo e o Processo de Identificação dos Jovens Negros Portugueses*, Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, Lisboa, ISCTE.

CONTADOR, António (1998) "Consciência de Geração e Etnicidade da Segunda Geração aos Novos Luso-Africanos" *in* Sociologia Problemas e Práticas nº 26, pp. 57-83.

COSTA, A. Bruto *et al* (1985) *A Pobreza em Portugal*, Colecção Cáritas nº 6.

CUCHE, Denys (s/data) *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Lisboa, Fim de Século.

CORDEIRO, Graça Índias (1997) *Um lugar na Cidade: Quotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica*, Lisboa, Publicações D. Quixote.

COSTA, António Firmino da (1999) *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora.

Diagnóstico Social da Boba (2005), Câmara Municipal da Amadora.

ESTIVILL, Jordi (2003) *Panorama da luta contra a exclusão social. Conceitos e estratégias*, Genebra, Bureau Internacional do Trabalho - STEP/Portugal.

ESTRELA, Edite *et al* (2006) *Saber Escrever Uma Tese e Outros Textos*, Publicações Dom Quixote.

FERREIRA DE ALMEIDA, João *et al* (1992) *Exclusão Social: Factores e Tipos de Pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

FRANÇA, Luís *et al* (1992) *A Comunidade Cabo-Verdiana em Portugal*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

FRADIQUE, Teresa (2003) *Fixar o Movimento: Representações da Música Rap em Portugal*, Lisboa, Publicações D. Quixote.

FRADIQUE, Teresa (1999) "Nas Margens ... do Rio; retóricas e performances do rap em Portugal" *in* *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

FRIEDMANN, John (1996) *Empowerment: uma Política de Desenvolvimento Alternativo*, Oeiras, Celta Editora.

GARCIA, José Luís *et al* (2000) *Estranhos: Juventude, Dinâmicas de Exclusão Social em Lisboa*, Oeiras, Celta Editora.

GONÇALVES, Seita Helena, (1994), "Processos de (re)construção de identidades culturais num bairro de habitação social" *in* *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 16, pp.135-149.

GONÇALVES, Alda (1995), *Construção Social de Identidades Juvenis*, Tese de Mestrado em Sociologia do Território, Lisboa, ISCTE.

GRASSI, Marzia (2006), *Cabo Verde Pelo Mundo: O Género e a Diáspora Cabo-Verdiana*, (WORKING PAPERS 6-06) retirado em 2.10.2006 de www.ics.ul.pt.

GRILO, Eugénia Nunes (2005) *A Outra Face do Cuidar: um estudo qualitativo de mulheres que cuidam de familiares com grande dependência física*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, Universidade Aberta.

GUERRA, Isabel *et al* (2001) *Políticas de Habitação - À Procura de Novas Problemáticas*, *in* *Cidades - Comunidades e Territórios* nº 3 , pp. 53-69.

GUERRA, Isabel (2001) *Intervenções Face à Exclusão Social Urbana: Uma Luta Inglória?* *in* *Cidades - Comunidades e Territórios* nº2, pp.47-56.

MACHADO, Fernando Luís, MATIAS, Ana Raquel (2005) *Projectos de Intervenção em Casal da Boba - Amadora (projectos "Geração" e "Oportunidade)*, Relatório de Avaliação Prévia, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES).

MACHADO, Fernando Luís (1999) *Contrastes e Continuidades. Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE.

MACHADO, Fernando Luís (1994) "Luso-Africanos em Portugal: nas Margens da Etnicidade" *in* Sociologia - Problemas e Práticas, nº 16, pp.111-134.

MADEIRA E GÓIS, Pedro Manuel Rodrigues da Silva (2004) *A Construção Secular de uma Identidade Transnacional: a cabo-verdianidade do (ou no) mundo cabo-verdiano*, projecto de Tese de Doutoramento apresentado na especialidade de Sociologia da Cultura da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

MADEIRA E GÓIS, Pedro Manuel Rodrigues da Silva (2002) *A Emigração Cabo-Verdiana para (e na) Europa e a sua Inserção em mercados de trabalho locais: Lisboa, Milão, Roterdão*, Dissertação de Mestrado, Coimbra, Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia.

MALHEIROS, Jorge Macaísta (2000) "Circulação Migratória e estratégias de inserção local das comunidades católica goesa e ismaelita - uma interpretação a partir de Lisboa" *in* Lusotopie 2000, pp.377-398.

MONTEIRO, César Augusto (2003) *Manuel d´Novas: música, vida, caboverdianidade*, S. Vicente.

MOURA, Dulce (2003) "Riscos e Delinquências Juvenis em Contextos de Realojamento: Identidades, Imagens e Expectativas dos Jovens" *in* Cidades - Comunidades e Territórios nº 7, pp19- 36.

QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van, *Manual de investigação em Ciências Sociais*, (1992), Lisboa, Gradiva.

PAIS, José Machado (2001) *Ganchos, Tachos e Biscates - Jovens, Trabalho e Futuro*, Ambar.

PAIS, José Machado *et al* (2001) *Traços e Riscos de Vida - Uma Abordagem Qualitativa a Modos de Vida Juvenis*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

PAIS, José Machado (1996) *Culturas Juvenis*, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

PAIS, José Machado (1990) "A Construção Sociológica da Juventude - alguns contributos" *in* *Análise Social* Vol. XXV (105-106), pp.139-165.

PAIS, José Machado (S/data) *Éticas e Estéticas do Quotidiano*, Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

PINA-CABRAL, João de (2003), *Identidades inseridas: algumas divagações sobre identidade, emoção e ética*, (WORKING PAPERS 2-03) retirado em 2.10.2006 de www.ics.ul.pt.

PINA-CABRAL, João de (2002), *Agora podes saber o que é ser pobre: Identificações e diferenciações no Mundo da Lusotopia*, (WORKING PAPERS 5-02) retirado em 2.10.2006 de www.ics.ul.pt.

PINTO, Teresa Costa e Alda Gonçalves (2000) " Os Bairros Sociais Vistos por Si Mesmos - Imagens, Conflitualidades e Insegurança" *in* *Cidades - Comunidades e Territórios* nº 1, pp.101-111.

PIRES, Rui Pena (2003)" Processos de Integração na Imigração" *in* Graça Indias Cordeiro *et al* (org), *Etnografias Urbanas*, pp.63-75, Oeiras, Celta Editora.

PIRES, Rui Pena (2002) "Mudanças na Imigração: Uma Análise das Estatísticas Sobre a População Estrangeira em Portugal, 1998-2001" *in* *Sociologia, Problemas e Práticas* nº 39, pp.151-166.

POIRIER, Jean *et al* (1995) *Histórias de vida - Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz *et al* (1995) *Sociologia das Migrações*, Lisboa Universidade Aberta.

RODRIGUES, José Manuel Cavaleiro (2003) "As Lógicas Sociais dos Processos de Realojamento: da Requalificação Residencial às Lutas de Classificação em Novos Bairros de Habitação Social" *in* *Cidades - Comunidades e Territórios* nº 7, pp. 91-99.

RODRIGUES, Walter (1989) "Comunidade caboverdiana: marginalização e identidade" *in* Sociedade e Território nº 8, pp.96-103.

SAINT-MAURICE, Ana de (1997) *Identidades Reconstruídas: caboverdianos em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

SANTOS, Boaventura de Sousa [org] (2002) *Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.

SEABRA, Hugo Martinez de (2005) *Delinquência a Preto e Branco: estudo de jovens em reinserção*, Lisboa, ACIME.

SEBASTIÃO, João(1998) *Crianças de Rua: Modos de Vida Marginais na Cidade de Lisboa*, Oeiras, Celta Editora.

SILVA, Jorge Pereira da (2004) *Direitos de Cidadania e Direito à Cidadania: princípio da equiparação, novas cidadanias e direito à cidadania portuguesa como instrumentos de uma comunidade constitucional inclusiva*, observatório da imigração, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

SILVA, Manuela e A. Bruto da Costa [coords] (1989) *A Pobreza Urbana em Portugal: Um inquérito às famílias em habitat degradado, nas cidades de Lisboa, Porto e Setúbal*, Coleção Cáritas nº13, Centro de Reflexão Cristã - Departamento de Pesquisa Social, Cáritas Portuguesa.

TEIXEIRA DE SOUSA, Cidália Maria (1998) *Construção e Estratégias Identitárias em contexto imigratório: A Escolha de um Nome Próprio para os descendentes de portugueses na região parisiense*, Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais, Porto, Universidade Aberta.

VALA, Jorge (Coordenador) (2003) *Simetrias e Identidades - Jovens Negros em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

VALA, Jorge (1987) " A Análise de Conteúdo" *in* SILVA, Augusto e José Madureira Pinto(orgs) *Metodologia das Ciências Sociais*, Lisboa, Afrontamento, pp.101-128.

VILAÇA, Eduardo (2001) *O Estado da Habitação - Medidas sem Política num País Adiado* *in* Cidades - Comunidades e Territórios nº 3 , pp 83- 92.

Anexos

Anexo A

Guião Entrevista a jovens e informantes qualificados

1. Dados de Caracterização

- Sexo:
- Idade:
- Onde é que nasceste?
- Onde é que os teus pais nasceram?
- Qual é a tua nacionalidade?
- Independentemente da tua nacionalidade sentes-te cabo-verdiano ou Português?
 - Que língua falas em casa? E com os teus amigos?
 - Achas que a tua origem cabo-verdiana te traz vantagens ou não?
- Qual é o teu nível de escolaridade?
- Estudas ou trabalhas?
- Qual é a tua actividade profissional?
- Há quanto tempo trabalhas? Tens contrato trabalho?
- O que gostarias fazer no futuro a nível profissional?

2. O Bairro (posicionamento individual)

- Resides aqui no bairro?
- Se sim, desde quando?
- Onde é que moravas antes de vires para aqui?
- O que achas do teu bairro?
- O que pensas poderia ser melhorado no bairro?
- Foi fácil a integração neste novo espaço (bairro)?
- Mudou alguma coisa na tua vida com a tua vinda para este novo bairro?
- A maior parte das pessoas que aqui vivem, já as conhecias antes ou não?

- Desde que mudaste para o "Casal da Boba" fizeste novas amizades ou continuas a ter os mesmos amigos?
 - Os teus maiores amigos têm origem cabo-verdiana ou são portugueses? Sabes explicar porquê?
- O que é que te diferencia dos jovens do teu bairro?
- O que é que te aproxima dos jovens do teu bairro?
- Quais são os principais equipamentos (lazer/culturais, comércio e apoio social) que existem no bairro?
- Que equipamentos fazem falta no bairro?

3. Os jovens do bairro - posicionamento face aos seus pares

- Como ocupas os teus tempos livres?
 - O que mais gostas de fazer com os teus amigos?
- Essas actividades de tempos livres são feitas dentro ou fora do bairro?
- Que espaços do bairro são ocupados pelos jovens?
- Consegues descrever/caracterizar os jovens aqui do bairro?
- Achas que são diferentes de outros jovens de outros bairros?
- Se sim, em que reside essa diferença?
- As relações entre os jovens aqui do bairro são boas?
- Que factores achas que contribuem para a aproximação entre os jovens do bairro?
- Quais são os principais focos de conflitos entre os jovens do bairro?
- Que factores contribuem para o seu afastamento?
- Integras alguma associação ou organização de bairro?

Guião para dirigentes de Associações

1. Caracterização

- Data de constituição da Associação.
- A Associação surgiu pretendendo dar respostas em que domínios de intervenção?
- Objectivos da Associação actualmente/ linhas prioritárias de intervenção.
- A Associação presta apoio a que públicos-alvo?
- Que projectos tem a Associação em curso?
- Modos de actuação com o público-alvo
- Perspectivas futuras de intervenção

2. Relações inter- instiucionais

- articulação com o poder local (junta e município)
- articulação com as forças de segurança (PSP)
- articulação com o centro paroquial
- articulação com a Santa Casa da Misericórdia
- Desenvolvimento de projectos comuns, partilha de objectivos comuns, modos de actuação comuns ou distintos?
- Como caracterizaria as relações entre as instituições que estão sedeadas no bairro e os habitantes do bairro "Casal da Boba," são relações de proximidade ou de afastamento?
- Que tipo de representações (positivas e/ou negativas) considera que são construídas em relação à população que habita no bairro por parte destas instituições?
- Que tipo de representações (positivas e/ou negativas) considera que são construídas em relação a estas instituições por parte deste público-alvo?
- Os habitantes do bairro procuram (voluntariamente) o apoio destas instituições?

3. O Bairro Casal da Boba

- Qual considera tem sido o grau de aceitação da população que residia na freguesia S. Brás em relação à população que foi realojada?
- Os cerca de 210 fogos destinados à venda livre foram ocupados?
- Como acha que resultou esta medida?
- Principais equipamentos existentes no bairro?
 - Lazer
 - Culturais
 - comércio
 - Apoio social
- Que equipamentos fazem falta no bairro?

4. Os jovens do bairro

- Como ocupam os/as jovens os tempos livres? Que actividades promovem?
- Que espaços do bairro são privilegiados por estes/as jovens?
- Que três adjectivos utilizaria para caracterizar os/as jovens que habitam o bairro (e que frequentam as actividades promovidas pela Associação)?
- Como funcionam as relações inter-étnicas no interior do bairro?
- Na sua opinião que factores subjazem a aproximação entre os/as jovens que habitam o bairro?
- Na sua opinião que factores subjazem o afastamento entre os/as jovens que habitam o bairro?
- Considera que os/as jovens descendentes de cabo-verdianos procuram construir uma identidade própria e reivindicativa da sua singularidade ou não? Na sua opinião essa construção é feita de forma consciente ou involuntariamente?
- Que elementos concorrem para as suas construções identitárias?
- Existem no bairro jovens que partilham uma cultura de grupo contestatária ou não? Que elementos exteriores permitem compreender esse "estilo de vida"?
- O que diferencia os/as jovens descendentes de cabo-verdianos dos restantes grupos de jovens?
- Do conhecimento que tem da interacção com estes/as jovens considera que estes/as procuram desenvolver estratégias de afirmação positiva da sua

identidade ou não? Que recursos/meios utilizam para promover as suas afirmações identitárias?

- o Os/as jovens brancos/as que habitam o bairro também utilizam os mesmos recursos/meios de afirmação identitários?
- o Que expectativas têm a generalidade destes jovens face ao futuro?
- o Consegue identificar líderes de entre os grupos que integram o bairro?
- o Os mecanismos de liderança estruturam-se em torno de que variáveis?
- o Contactos sugeridos

Guião Entrevista ao *Gabinete de Habitação* do Município da Amadora

1. Caracterização

- Em que ano foi constituído o “Gabinete de Habitação” do Município da Amadora?
- Em que ano foi feita a sua instalação no bairro do “Casal da Boba”?
- A instalação do “Gabinete de Habitação” foi prévia à instalação da população realojada no bairro “Casal da Boba”?
- O “Gabinete de Habitação” é procurado pela população que visa atender? Existem registos do número de atendimentos feitos para o ano de 2005?
- Quais são os principais problemas para os quais o “Gabinete de Habitação” é chamado a intervir?
- Que intervenção tem sido desenvolvida pelo “Gabinete de Habitação” no bairro “Casal da Boba”?

2. Relações inter- institucionais

- articulação com as forças de segurança (PSP)
- articulação com o Centro Paroquial
- articulação com a Santa Casa da misericórdia
- articulação com as escolas
- articulação com o movimento associativo do bairro
- Desenvolvimento de projectos comuns, partilha de objectivos comuns, modos de actuação comuns ou distintos?
- Na sua opinião que papel tem tido o movimento associativo na integração da população neste novo espaço e na melhoria das suas condições de vida?
 - Que papel tem tido a Câmara e nomeadamente o “Gabinete de Habitação” na integração da população neste novo espaço e na melhoria das suas condições de vida?
- Como caracterizaria as relações entre as instituições que estão sedeadas no bairro e os habitantes do bairro “Casal da Boba,” são relações de proximidade ou de afastamento?
- Que tipo de representações (positivas e/ou negativas) considera que são construídas em relação à população que habita no bairro por parte destas instituições?

- Que tipo de representações (positivas e/ou negativas) considera que são construídas em relação a estas instituições por parte da população do bairro?
- Os habitantes do bairro procuram (voluntariamente) o apoio destas instituições?

3. O processo de realojamento Bairro Casal da Boba

- Quais foram os critérios de selecção para se beneficiar do PER?
- O processo já foi concluído na sua totalidade ou ainda existem pessoas por realojar?
- Ficaram pessoas de fora do processo de realojamento?
- Quais os critérios usados para a determinação do valor das rendas?
- Houve alguma dificuldade de adaptação ao novo bairro? Essa dificuldade de adaptação é demonstrada pela população? De que modo(s)?
- Houve algum acompanhamento posterior à instalação da população no bairro?
- Como acha que tem sido o grau de aceitação/rejeição da população que residia na freguesia S. Brás em relação à população que foi realojada?
- Os cerca de 210 fogos destinados à venda livre foram ocupados?
- Como acha que resultou esta medida?

4. Equipamentos do bairro

- Principais equipamentos existentes no bairro?
 - Lazer
 - culturais
 - comércio
 - Apoio social
- Que equipamentos fazem falta no bairro?
- Que equipamentos existem no bairro e poderiam ser melhor aproveitados?

5. Os jovens do bairro

- Como ocupam os/as jovens os seus tempos livres?
- As relações entre os/as jovens do bairro do “Casal da Boba” são boas? E com os/as jovens de fora do bairro mas que habitam a mesma freguesia, a freguesia de S. Brás?
- Como funcionam as relações inter-étnicas no interior do bairro?
- O que diferencia ou não os/as jovens descendentes de cabo-verdianos/as dos restantes grupos de jovens?
- Considera que os/as jovens descendentes de cabo-verdianos/as procuram afirmar uma identidade singular e distinta dos outros jovens que não tem origem cabo-verdiana ou não? Na sua opinião essa construção/afirmação é feita de forma consciente ou involuntariamente?
- Que recursos/meios utilizam para promover as suas afirmações identitárias?
- Existem no bairro grupos de jovens que partilham uma cultura de grupo contestária ou não? Que elementos exteriores permitem compreender esse “estilo de vida”?
- Esses/as jovens são maioritariamente de origem portuguesa ou descendentes de imigrantes, designadamente cabo-verdianos?
- Quais são os principais problemas que os/as jovens do bairro enfrentam?
- Que expectativas têm a generalidade dos/as jovens do bairro face ao futuro?
- Consegue identificar líderes de entre os grupos que integram o bairro?
- Que características são necessárias para se ser um/a líder neste bairro?

Guião Entrevista da Biblioteca Municipal Dr. Fernando Piteira dos Santos

1. Caracterização

- Ano do início do funcionamento da “Biblioteca Municipal Dr. Fernando Piteira dos Santos”:
- N° de trabalhadores:

- Existem dados sobre o tipo de público que frequenta a biblioteca (n° utentes/ média idades/ local de residência/ meio socio-económico/ etnia)

- Principais actividades organizadas pela biblioteca:

- Projectos em curso:

2. Relações inter- institucionais

- articulação com o Município da Amadora
- articulação com o Centro Paroquial
- articulação com a Santa Casa da misericórdia
- articulação com o movimento associativo do bairro

- Desenvolvimento de projectos comuns, partilha de objectivos comuns, modos de actuação comuns ou distintos?

- Na sua opinião que papel tem tido o movimento associativo na integração da população neste novo espaço e na melhoria das suas condições de vida?

- Que papel tem tido a Câmara na integração da população neste novo espaço e na melhoria das suas condições de vida?

- Como caracterizaria as relações entre as instituições que estão sedeadas no bairro e os habitantes do bairro “Casal da Boba,” são relações de proximidade ou de afastamento?

- Que tipo de representações (positivas e/ou negativas) considera que são construídas em relação à população que habita no bairro por parte destas instituições?
- Que tipo de representações (positivas e/ou negativas) considera que são construídas em relação a estas instituições por parte da população do bairro?
- Os habitantes do bairro procuram (voluntariamente) o apoio destas instituições?

3. O processo de realojamento do Bairro Casal da Boba

- Houve alguma dificuldade de adaptação ao novo bairro? Essa dificuldade de adaptação é demonstrada pela população? De que modo(s)?
- Como considera tem sido o grau de aceitação/rejeição da população que residia na freguesia S. Brás em relação à população que foi realojada?
- Os cerca de 210 fogos destinados à venda livre foram ocupados?
- Como acha que resultou esta medida?

4. Equipamentos do bairro

- Principais equipamentos existentes no bairro?
 - Lazer
 - culturais
 - comércio
 - Apoio social
- Que equipamentos fazem falta no bairro?
- Que equipamentos existem no bairro e poderiam ser melhor aproveitados?

5. Os jovens do bairro “Casal da Boba”

- Como ocupam os/as jovens os seus tempos livres?
- As relações entre os/as jovens do bairro do “Casal da Boba” são boas? E com os/as jovens de fora do bairro mas que habitam a mesma freguesia, a freguesia de S. Brás?
- O que diferencia ou não os/as jovens descendentes de cabo-verdianos/as dos restantes grupos de jovens?
- Considera que os/as jovens descendentes de cabo-verdianos/as procuram afirmar uma identidade singular e distinta dos/as outros jovens que não tem origem cabo-verdiana? Na sua opinião essa construção/afirmação é feita de forma consciente ou involuntariamente?
- Que recursos/meios utilizam para promover as suas afirmações identitárias?
- Existem no bairro grupos de jovens que partilham uma cultura de grupo contestária ou não? Que elementos exteriores permitem compreender esse “estilo de vida”?
- Esses/as jovens são maioritariamente de origem portuguesa ou descendentes de imigrantes, designadamente cabo-verdianos?
- Como funcionam as relações inter-étnicas no interior do bairro?
- Quais são os principais problemas que os/as jovens do bairro enfrentam?
- Que expectativas têm a generalidade dos/as jovens do bairro face ao futuro?
- Consegue identificar líderes de entre os grupos que integram o bairro?
- Que características são necessárias para se ser um/a líder neste bairro?

Guião Entrevista ao *Gabinete de Acção Social* do Município da Amadora

1. Caracterização

- Em que ano foi constituído o “Gabinete de Acção Social” do Município da Amadora?
- Em que ano foi feita a sua instalação no bairro do “Casal da Boba”?
- O “Gabinete de Acção Social” é procurado pela população que visa atender? Existem registos do número de atendimentos feitos para o ano de 2005?
- Quais são os principais problemas para os quais o “Gabinete de Acção Social” é chamado a intervir?
- Linhas de intervenção prioritárias do “Gabinete de Acção Social” do Município da Amadora?
- Linhas de intervenção prioritárias do “Gabinete de Acção Social” do Município da Amadora no bairro Casal da Boba?

2. Relações inter- institucionais

- articulação com as forças de segurança (PSP)
- articulação com o Centro Paroquial
- articulação com a Santa Casa da misericórdia
- articulação com as escolas
- articulação com o movimento associativo do bairro
- Desenvolvimento de projectos comuns, partilha de objectivos comuns, modos de actuação comuns ou distintos?
- Na sua opinião que papel tem tido o movimento associativo na integração da população neste novo espaço e na melhoria das suas condições de vida?
- Que papel tem tido a Câmara e nomeadamente o “Gabinete de Acção Social” na integração da população neste novo espaço e na melhoria das suas condições de vida?
- Como caracterizaria as relações entre as instituições que estão sedeadas no bairro e os habitantes do bairro “Casal da Boba,” são relações de proximidade ou de afastamento?
- Que tipo de representações (positivas e/ou negativas) considera que são construídas em relação à população que habita no bairro por parte destas instituições?

- Que tipo de representações (positivas e/ou negativas) considera que são construídas em relação a estas instituições por parte da população do bairro?
- Os habitantes do bairro procuram (voluntariamente) o apoio destas instituições?

3. O processo de realojamento Bairro Casal da Boba

- Quais foram os critérios de selecção para se beneficiar do PER?
- O processo já foi concluído na sua totalidade ou ainda existem pessoas por realojar?
- Ficaram pessoas de fora do processo de realojamento?
- Quais os critérios usados para a determinação do valor das rendas?
- Houve alguma dificuldade de adaptação ao novo bairro? Essa dificuldade de adaptação é demonstrada pela população? De que modo(s)?
- Houve algum acompanhamento posterior à instalação da população no bairro?
- Como acha que tem sido o grau de aceitação/rejeição da população que residia na freguesia S. Brás em relação à população que foi realojada?
- Os cerca de 210 fogos destinados à venda livre foram ocupados?
- Como acha que resultou esta medida?

4. Equipamentos do bairro

- Principais equipamentos existentes no bairro?
 - lazer
 - culturais
 - comércio
 - Apoio social
- Que equipamentos fazem falta no bairro?
- Que equipamentos existem no bairro e poderiam ser melhor aproveitados?

5. Os jovens do bairro “Casal da Boba”

- Como ocupam os/as jovens os seus tempos livres?
- Que ideias tem a Câmara e o “Gabinete de Acção Social” para a ocupação dos tempos livres dos/as jovens do bairro?
- As relações entre os/as jovens do bairro da Boba são boas? E com os/as jovens de fora do bairro mas que habitam a mesma freguesia, a freguesia de S. Brás?
- O que diferencia ou não os/as jovens descendentes de cabo-verdianos/as dos restantes grupos de jovens?
- Considera que os/as jovens descendentes de cabo-verdianos/as procuram afirmar uma identidade singular e distinta dos/as outros/as jovens que não têm origem cabo-verdiana ou não? Na sua opinião essa construção/afirmação é feita de forma consciente ou involuntariamente?
- Existem no bairro grupos de jovens que partilham uma cultura de grupo contestária ou não? Que elementos exteriores permitem compreender esse “estilo de vida”?
- Esses/as jovens são maioritariamente de origem portuguesa ou descendentes de imigrantes, designadamente cabo-verdianos?
- Que recursos/meios utilizam para promover as suas afirmações identitárias ?
- Como funcionam as relações inter-étnicas no interior do bairro?
- Quais são os principais problemas que os/as jovens do bairro enfrentam?
- Que expectativas têm a generalidade dos/as jovens do bairro face ao futuro?
- Conseguem identificar líderes de entre os grupos que integram o bairro?
- Que características são necessárias para se ser um/a líder neste bairro?

Guião Entrevista à direcção da escola Escola Básica do 2º, e 3º ciclo Miguel Torga

1. Caracterização

- Ano do início do funcionamento da escola:
- Vigência (em nº de meses/anos) da actual direcção da escola:
- Existem dados disponíveis que permitam aferir sobre a fixação do corpo docente à escola?
- A escola tem um corpo docente estável?
- A escola organizada actividades extra-curriculares? Quais?
- Principais equipamentos existentes na escola?
- Que equipamentos fazem falta na escola?
- Que equipamentos existem na escola e poderiam ser melhor aproveitados?
- A escola participa ou tem interesse em participar em projectos de intervenção social/territorial mais ampla com consequências para a população escolar (Quais? Com que objectivo(s)?...)

2. Relações inter- institucionais

- articulação com o Município da Amadora
- articulação com o centro paroquial
- articulação com a Santa Casa da misericórdia
- articulação com o movimento associativo do bairro
- articulação com as forças de segurança (PSP)

- Desenvolvimento de projectos comuns, partilha de objectivos comuns, modos de actuação comuns ou distintos?

3. Relações entre as instituições e os habitantes do bairro “casal da Boba”

- Como caracterizaria as relações entre as instituições que estão sedeadas no bairro e os habitantes do bairro “Casal da Boba,” são relações de proximidade ou de afastamento?
- Como considera tem sido o grau de aceitação/rejeição da população que residia na freguesia S. Brás em relação à população que foi realojada?

4. Características da população escolar

- Características da população escolar (média de idades, desempenho escolar, retenções/abandono escolar).
- A composição social e étnica da população escolar alterou-se com a instalação de novos habitantes na freguesia ou não?
- Houve um crescimento significativo da população escolar ou não?
- A escola ajustou/alterou procedimentos no sentido de integrar a “nova” população escolar ou não?
- Considera que a escola tem capacidade de resposta face ao crescimento verificado?
- Existe algum mediador/animador social/cultural a acompanhar a população escolar com especiais dificuldades de integração?
- Os/as alunos/as imigrantes ou descendentes de imigrantes cabo-verdianos revelam dificuldades acrescidas de integração escolar?

5. População escolar oriunda do bairro da Boba

- Como funcionam as relações inter-étnicas no interior da escola? São relações de aceitação mútua ou de conflito?
- Como ocupam os/as jovens os tempos livres dentro da escola? E fora dela?
- Considera que os/as jovens descendentes de cabo-verdianos procuram afirmar uma identidade singular e distinta dos/as outros/as jovens que não têm origem cabo-verdiana? Na sua opinião essa construção/afirmação é feita de forma consciente ou involuntariamente?
- Que recursos/meios utilizam para promover as suas afirmações identitárias?
- Existem na escola grupos de jovens que partilham uma cultura de grupo contestária ou não? Que elementos exteriores permitem compreender esse "estilo de vida"?
- Esses/as jovens são maioritariamente de origem portuguesa ou descendentes de imigrantes, designadamente cabo-verdianos/as?
- O que diferencia (ou não) os/as jovens descendentes de cabo-verdianos/as dos restantes grupos de jovens?
- Os/as jovens descendentes de portugueses que frequentam a escola também utilizam os mesmos recursos/meios de afirmação identitários?
- Que expectativas têm a generalidade dos/as jovens que frequentam a escola face ao futuro?
- Considera que existe diferenças a esse nível entre os/as jovens de origem portuguesa e de origem cabo-verdiana?
- Consegue identificar líderes de entre os grupos que frequentam a escola?
- Que características são necessárias para se ser um líder?

6. O meio familiar e a escola

- Nota alguma diferença na participação dos pais dos/as jovens descendentes de cabo-verdianos/as na escola ou não? Como é que se manifestam essas diferenças?
- Quando existem problemas de comunicação entre os pais e a instituição escolar, a escola recorre a mediadores sócio-culturais para fazer a ponte entre as expectativas da escola e as do meio familiar?

Guião Entrevista da Junta de Freguesia de S.Brás

1. Caracterização

- A Junta de Freguesia de S. Brás surgiu para dar resposta a que problemas do Concelho da Amadora?
- Linhas de intervenção prioritárias da Junta de Freguesia de S Brás?
- Perspectivas futuras de intervenção.

2. Relações inter- instiucionais

- articulação com o município
- articulação com as forças de segurança (PSP)
- articulação com o centro paroquial
- articulação com a santa casa da misericórdia
- articulação com as escolas
- articulação com o movimento associativo do bairro
- Desenvolvimento de projectos comuns, partilha de objectivos comuns, modos de actuação comuns ou distintos?
- Na sua opinião que papel tem tido o movimento associativo na integração da população neste novo espaço e na melhoria das suas condições de vida? Que papel tem tido a Junta ...? Que papel tem tido a Câmara...?
- Como caracterizaria as relações entre as instituições que estão sedeadas no bairro e os habitantes do bairro "Casal da Boba," são relações de proximidade ou de afastamento?
- Que tipo de representações (positivas e/ou negativas) considera que são construídas em relação à população que habita no bairro por parte destas instituições?
- Que tipo de representações (positivas e/ou negativas) considera que são construídas em relação a estas instituições por parte da população do bairro?
- Os habitantes do bairro procuram (voluntariamente) o apoio destas instituições?
- A Junta emprega habitantes da Boba?

3. O processo de realojamento Bairro Casal da Boba

- Quais foram os critérios de selecção para se beneficiar do PER?
- O processo já foi concluído na sua totalidade ou ainda existem pessoas por realojar?
- Ficaram pessoas de fora do processo de realojamento?
- Quais os critérios usados para a determinação do valor das rendas?
- Houve alguma dificuldade de adaptação ao novo bairro? Essa dificuldade de adaptação é demonstrada pela população? Através de que meios?
- Houve algum acompanhamento posterior à instalação da população no bairro?
- Qual considera tem sido o grau de aceitação da população que residia na freguesia S. Brás em relação à população que foi realojada? Porque é que acha que isso aconteceu?
- Os cerca de 210 fogos destinados à venda livre foram ocupados?
- Como acha que resultou esta medida?

4. Equipamentos do bairro

- Principais equipamentos existentes no bairro?
 - Lazer
 - culturais
 - comércio
 - Apoio social
- Que equipamentos fazem falta no bairro?

5. Os jovens do bairro

- Como ocupam os/as jovens os seus tempos livres?
- Que ideias tem a Junta para a ocupação dos tempos livres dos/as jovens do bairro?
- As relações entre os/as jovens do bairro da Boba são boas? E com os/as jovens de fora do bairro mas que habitam a mesma freguesia S. Brás?
- O que diferencia os/as jovens descendentes de cabo-verdianos dos restantes grupos de jovens? Existe alguma diferença?

- Como funcionam as relações inter-étnicas no interior do bairro?
- Quais são os principais problemas que os/as jovens do bairro enfrentam?
- Consegue identificar líderes de entre os grupos que integram o bairro?
- Que características são necessárias para se ser um líder neste bairro?

Anexo B

Informantes qualificados

Data entrevista	Sexo	Função
22 de Maio de 2006	Masculino	Colaborador da Associação Unidos de Cabo Verde
6 de Junho de 2006	Masculino	Facilitador do bairro

Instituições

Data entrevista	Designação da entidade	Pessoa de contacto	Função na entidade
26 de Novembro de 2005	Associação Unidos de Cabo Verde	Maria João Marques	Presidente da Associação Unidos de Cabo Verde
04 de Março de 2006	Associação Cavaleiros de S. Brás	António Leite	Presidente da Associação Cavaleiros de S. Brás
24 de Abril de 2006	Junta de Freguesia de S. Brás	Amílcar Martins	Presidente da Junta de Freguesia de S. Brás
23 de Maio de 2006	Escola do Ensino Básico do 2º e 3º ciclo Miguel Torga	José leal	Professor de educação musical Responsável pelo projecto "Oportunidade" financiado pela IC EQUAL na escola "Miguel Torga"
2 de Junho de 2006	Gabinete de Acção Social	Ana Moreno	Coordenadora do Gabinete de Acção Social da Câmara Municipal da Amadora Coordenadora do Núcleo Executivo do Conselho Local de Acção Social da Amadora.
7 de Julho de 2006	Gabinete de Habitação	Helena Dias Mafalda Caída	Responsável pelo Departamento Técnica serviço social
10 de Julho de 2006	Biblioteca Municipal Piteira dos Santos	Ângela Rodrigues	Responsável pela Biblioteca

Caracterização dos jovens entrevistados

Data entrevista	Idade	Sexo	Nacionalidade	Habilitações Escolares	Ocupação Actual ¹
4 de Fevereiro de 2006	28 anos	Masculino	Portuguesa	6º ano de escolaridade	Vai iniciar curso de reconhecimento e validação de competências na Santa Casa de Misericórdia de Lisboa (RVCC) Vai iniciar curso de Fotografia no Instituto de Fotografia
25 de Fevereiro de 2006	29 anos	Masculino	Portuguesa	9º ano de escolaridade	Desempregado há 1 ano
11 de Março de 2006	30 anos	Feminino	Portuguesa	9º ano de escolaridade	Empregada de balcão num café
6 de Abril de 2006	30 anos	Feminino	Cabo-verdiana	7º ano de escolaridade	Operadora de caixa
9 de Maio de 2006	16 anos	Masculino	Cabo-verdiana	4º ano de escolaridade	Sem ocupação
28 de Maio de 2006	19 anos	Feminino	Portuguesa	9º ano de escolaridade	Estudante do 11º ano
8 de Junho de 2006	24 anos	Feminino	Portuguesa	12º ano	Facilitadora do bairro
30 de Junho de 2006	20 anos	Masculino	Portuguesa	9º ano de escolaridade	Estudante

¹ Ocupação à data em que foi realizada a entrevista.